

REMOLINOS

ENIO MORAES JÚNIOR (ORG.)

Edição:

Adriana Navarro Manfredini

Liliana Tinoco Bäckert

REMOLINOS

Histórias de migrantes latino-americanos na
Europa, nos Estados Unidos e no Canadá

Editora Casa Flutuante

São Paulo, 2024

Copyright © 2024 by Enio Moraes Júnior(Org.)

Organização:

Enio Moraes Júnior

Edição:

Adriana Navarro Manfredini e Liliana Tinoco Bäckert

Projeto Gráfico (capa e diagramação):

Israel Dias de Oliveira

Revisão de Textos:

Denise Gomide

Apoio Institucional:

Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc)

<https://celacc.eca.usp.br/>



CELACC

Centro de Estudos
Latino-Americanos
sobre Cultura
e Comunicação

Esta publicação é produto da Rede de Estudos de Jornalismo de Migração e Refúgio em Contextos Latino-americanos – Remolinos

Coordenador: Dennis de Oliveira

Vice Coordenador: Ricardo Alexino

Coordenação de Pesquisa: Fabiana Felix do Amaral e Silva

Integrantes: Enio Moraes Júnior, Adriana Navarro Manfredini, Liliana Tinoco Bäckert, Renato Essfelder, Sandra Nodari, Sandra Beltrán Baeza, Clavel Rangel Jiménez, Daniel Ladeira de Araújo

Projetos Especiais: João Roque da Silva Júnior

Administrativo e Financeiro: Maira Carvalho Moraes

Secretaria: Gerson de Oliveira

Apoio Editorial: Luís Antonio da Silva Matos Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Remolinos [livro eletrônico] : Histórias de migrantes latino-americanos na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá / Enio Moraes Júnior (org.) ; [edição] Adriana Navarro Manfredini, Liliana Tinoco Bäckert. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Casa Flutuante, 2024.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88595-50-3

1. América Latina - Civilização 2. Canadá 3. Emigração e imigração - Aspectos sociais 4. Estados Unidos - Emigração e imigração 5. Europa - Civilização 6. Jornalismo I. Júnior, Enio Moraes. II. Manfredini, Adriana Navarro. III. Bäckert, Liliana Tinoco.

24-204688

CDD-070

Índices para catálogo sistemático:

1. Migrações internacionais : Histórias de vidas : Jornalismo 070

Proibida a reprodução por quaisquer meios sem autorização explícita dos autores e autoras, exceto em citações com indicação da fonte. Todos os direitos reservados.

Editora Casa Flutuante

Rua da Mooca, 336
São Paulo - SP - Brasil
Fone: (11) 95497-4044
www.editoraflutuante.com.br

DOI da publicação:



doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3

Aos migrantes e refugiados, que “redemoinham” todos os dias nas águas mais calmas ou mais profundas, nos ventos mais brandos ou mais fortes de algum lugar deste mundo. Aos que ficaram no lugar de partida, alicerces da história que segue; àqueles que habitam o lugar de chegada, acenos do futuro que desafia.

Remolinos, em espanhol; *redemoinhos*, em português, são potentes fenômenos da natureza caracterizados por movimentos circulares da água ou do ar, em forma de espiral, que fazem contínua pressão para dentro de si mesmos. Nas diferentes culturas, eles podem evocar desde a presença divina até situações de alerta e perigo, sempre associados a inevitáveis transformações.

SUMÁRIO

Apresentação

Olhares latino-americanos 11

Dennis de Oliveira e Alexandre Barbosa

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_001

Introdução

Existir em outro lugar 17

Enio Moraes Júnior

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_002

Portugal

Idas e vindas entre lugares parecidos, mas diferentes 31

Renato Essenfelder e Daniel Ladeira de Araújo

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_003

Espanha

Uma janela para histórias latino-americanas 61

Sandra Beltrán Baeza

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_004

Suíça
Quando o luto atravessa fronteiras89

Liliana Tinoco Bäckert

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_005

Alemanha
Pássaros que amam redemoinhos110

Enio Moraes Júnior

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_006

Estados Unidos
Tatuagens e esperanças que cruzam muros139

Clavel Rangel Jiménez

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_007

Estados Unidos
Entre temperos, sabores e lugares165

Adriana Navarro Manfredini

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_008

Canadá
Só mais uma mulher na multidão191

Sandra Nodari

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_009

Considerações finais
Nó na garganta219

 doi.org/10.36599/cflu-978-65-88595-50-3_010

Sobre as autoras e os autores223

Apresentação

Olhares latino-americanos

Dennis de Oliveira e Alexandre Barbosa

Ni toda la tierra entera
Será un poco de mi tierra
Donde quiera que me encuentre
Seré siempre pasajera
Mi trabajo cotidiano
Mis estrellas, mis ventanas
Se convirtieron cenizas
Se convirtieron cenizas de la noche a la mañana
Puedo hablar, puedo reír
Y hasta me pongo a cantar
Pero mis ojos no pueden
Pero mis ojos no pueden tanta lágrima guardar
A pesar de lo que digan
No me olvido, compañero
De que el pan que me alimenta
De que el pan que me alimenta siempre será pan ajeno
Quisiera estar en mi puerta

Esperándote llegar
Todo quedó allá en Santiago
Mi comienzo y mi final
Si me quedara siquiera
El don de pedir un sí
Elegiría la gloria
Elegiría la gloria de volver a mi país¹

Isabel Parra

No início de sua trajetória, Darcy Ribeiro era um etnólogo mineiro dedicado a pesquisas, que percorreu o Brasil estudando a matriz indígena brasileira. Nos anos 1960, ele impulsionou o desenvolvimento da Universidade de Brasília e empreendeu esforços no campo da Educação. Porém, devido ao golpe e à repressão da ditadura militar do período, precisou se exilar. Primeiro no Uruguai, depois na Venezuela, em seguida no Chile, onde chegou a trabalhar com a equipe de governo de Salvador Allende, e, finalmente, no Peru. Foi nesse exílio de 12 anos que ele desenvolveu intensa atividade intelectual e se tornou um *latino-americanista*.

Isso mesmo, Ribeiro não era “apenas” ou “somente” brasileiro, mas um *latino-americanista*. Entre os seus “fazimentos”, expressão cunhada por ele para designar ações que colocassem em prática seus estudos, estão contribuições para a América Latina, que se-

1 Em português, tradução nossa: Nem mesmo a terra inteira / Será um pedacinho da minha terra / Onde quer que eu esteja / Serei sempre fugaz / Meu trabalho diário / Minhas estrelas, minhas janelas / Se transformaram em cinzas / Elas se transformaram em cinzas da noite para o dia / Posso falar, posso rir / E posso até cantar / Mas meus olhos não conseguem / Mas meus olhos não conseguem conter tantas lágrimas / Não importa o que digam / Eu não me esqueço, camarada / Que o pão que me alimenta / Que o pão que me alimenta sempre será o pão de outra pessoa / Eu gostaria de estar à minha porta / Esperando você chegar / Tudo foi deixado lá em Santiago / Meu começo e meu fim / Se ao menos eu tivesse deixado / O dom de pedir um sim / Eu escolheria a glória / Eu escolheria a glória de retornar ao meu país.

guem até hoje: publicou livros sobre a integração da região e colaborou, ao lado do uruguaio Ángel Rama, na organização da biblioteca Ayacucho, uma das mais importantes coleções dos clássicos latino-americanos. Tempos depois, idealizou a criação do Memorial da América Latina, sediado na cidade de São Paulo, e da revista *Nossa América*, para ele, um “instrumento indispensável” para contar aos latino-americanos o que é a América Latina e contribuir para ampliar a consciência regional de pertencimento.

O Memorial e a revista significavam, na utopia de Ribeiro, a materialização do ideal de solidariedade e integração da região. Entretanto, se a nossa latino-americanidade, tão evidente para os que nos olham de fora, ainda não faz de nós um ente político autônomo, é possível que a história e o tempo venham a fazê-lo. Os deslocamentos, forçados ou não, comuns na cronologia da América Latina, contribuíram para que intelectuais, políticos, militantes de movimentos sociais, pesquisadores e tantas e tantos cidadãos do continente ampliassem o sentimento e a mirada regional. Ainda assim, até hoje, há esforços a serem feitos nesse caminho, principalmente no campo da Comunicação.

Contar histórias latino-americanas com um olhar latino-americano nem sempre é uma missão fácil. Por décadas, as referências para estudos, pesquisas, teorias e modelos de jornalismo tiveram inspiração nos Estados Unidos e na Europa. Felizmente, nos últimos anos, têm-se desenvolvido e ampliado grupos de pesquisa que propõem a adoção não só de referências (autoras, autores e escolas), mas principalmente de critérios de noticiabilidade latino-americanos. Como analisa Catherine Walsh (2005, p. 14-15), são processos que pesquisam e trabalham na configuração de outros espaços de análise, intervenção e produção de conhecimento *da e sobre a América Latina*:

[...] esses processos [abrem] um espaço de diálogo a partir da América Latina [...] sobre a possibilidade de (re)pensar e (re)construir os ‘estudos culturais’ como um espaço de encontros políticos, críticos e diversos saberes. [...] Nesse sentido, [são] um projeto intelectual voltado para o pensamento (re)crítico e transdisciplinar, para as relações íntimas entre cultura, política e economia e para questões locais e globais que refletem a atual lógica multicultural do capitalismo transnacional e atrasado [...]. Eles também representam uma força para enfrentar as tendências dominantes nas universidades latino-americanas [...] de adotar perspectivas eurocêntricas de conhecimento.²

O Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc), criado em 1996 como Núcleo de Pesquisa interdepartamental da Universidade de São Paulo (USP) e cuja semente está na Escola de Comunicações e Artes (ECA), insere-se nessa perspectiva. Prestes a completar 30 anos, o Centro aglutina pesquisadores, formação e produção intelectual comprometidos com um sentimento e um olhar crítico e autônomo *da e sobre a América Latina* no mundo. Para além da cultura, da comunicação e do jornalismo regional, povos originários e comunidades indígenas, negros e latino-africanidades, mulheres e minorias, lutas por direitos humanos *nos países latinos e para os cidadãos da região*, onde quer que eles estejam, são objetos caros aos nossos estudos. Portanto, ao tratar dos desafios da vida de imigrantes latino-americanos no Norte global, buscando iluminar o assunto, o presente livro coaduna-se com o que são os fundamentos do Celacc.

2 Original em espanhol, tradução nossa.

Mais que uma coletânea de reportagens sobre o que pensam, sofrem e como atuam os migrantes da América Latina no mundo, a obra é um necessário exercício de manutenção do olhar latino-americano – melhor dizendo, *latino-americanista* – em solo estrangeiro. Migrar, como deixam transparecer os autores no correr das linhas, muitas vezes é uma necessidade diante dos desafios impostos pela realidade dos respectivos países, mas também um direito. Os Estados da América Latina, em consequência das feridas abertas pela colonização e pela neocolonização (ou imperialismos), sofrem o que Lilia Moritz Schwarcz (2019, p. 19-20) chama de cidadania incompleta: “uma mentalidade e lógica dos latifúndios: [...] uma cidadania incompleta, muito patrimonialismo, várias formas de racismo, sexismo, discriminação e violência”.

Os relatos que seguem são de migrantes que procuraram, mundo afora, alternativas a essa cidadania incompleta. Entretanto, como se verá, o racismo, o sexismo, a discriminação e a violência não abandonaram suas trajetórias, mesmo que eles tenham seguido para outros destinos. E mesmo quando há acolhimento e integração, há sempre muita lembrança e alguma angústia. Como cantou a chilena Isabel Parra: “o pão que me alimenta sempre será o pão de outra pessoa”. As marcas latino-americanas estão presentes nas histórias e nos olhares desses migrantes. Oxalá, o sentimento de pertencimento à América Latina não abandone os deslocados, forçados ou não, e muito menos os que seguem no continente.

Referências

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: a Pátria Grande. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WALSH, Catherine (org.). **Pensamiento Crítico y Matriz (De)colonial**: reflexiones latinoamericanas. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar: Ediciones Abya-Ayla, 2005. p. 14-15.

Dennis de Oliveira é coordenador científico do Celacc. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, é professor visitante da Universidade Minuto de Dios, de Bogotá, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, de Buenos Aires, e integrante da Cátedra Schola Chaira da Universidade Central do Vaticano.

Alexandre Barbosa é professor e pesquisador do Celacc. Pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), é doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

Introdução

Existir em outro lugar

Enio Moraes Júnior

[...] cada apátrida¹, pelo menos potencialmente, é a consciência desperta daqueles que têm pátria, e é também um mensageiro do futuro. E acredito que nós, migrantes, assumimos essa função como profissão e por vocação.

Vilém Flusser (2007, p. 236)

Às vezes fogem da violência, da misoginia, da homofobia, do racismo, da cidade que ficou pequena demais, do caos da metrópole urbana. Fogem também do cansaço ou da falta do que fazer. Fogem da zona de conforto. Em alguns casos, mais do que tudo, precisam sobreviver. Voam milhas, dirigem quilômetros, navegam mares adentro, caminham léguas. Às vezes abandonam, em um piscar de olhos, uma vida inteira, por causa de novos projetos ou outros amores, em

1 Embora a ONU reconheça que apátridas “são pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país”, neste momento de sua obra, Flusser provoca o leitor e refere-se ao migrante de forma ampla.

nome de promessas ou sonhos que habitam outros endereços. Ainda assim, muitas vezes, ao chegar, resolvem voltar para onde vieram ou viver em outro lugar. Migrar é do tamanho do mundo!

Quando decidem ficar onde chegaram, precisam se adaptar, se integrar, se emancipar. Começam, por assim dizer, quase sempre, uma nova vida. No destino escolhido, casam, descasam, amam, desamam. Querem sol e festa, dormir em paz, oportunidades, trabalho, dinheiro. Daqui para ali ou atravessando fronteiras longínquas, muitos de nós carregam alguma experiência de migração, fechando portas e abrindo janelas, mesmo que nunca tenhamos parado para pensar nisso e nem como essas idas e vindas impactam nossas vidas.

Mudar de cidade, estado ou região dentro de um mesmo país já é um ato migratório com consequências nem sempre calculáveis. Imagine o que é trocar um país por outro, adaptar-se a uma cultura diferente, especialmente quando isso significa se comunicar em uma nova língua. A história da humanidade registra desde sempre, que as pessoas se movem, embora ser migrante não seja a mesma coisa em qualquer lugar do mundo e possa ter significados distintos em diferentes momentos históricos.

No cenário internacional de hoje, cidadãos do Sul global partem para o Norte da mesma forma que os do Norte global deixam suas origens para uma vida no Sul. Cidadãos dos dois hemisférios também circulam em suas coordenadas latitudinais. A todos eles, no entanto, se impõe a fronteira. Em muitos casos, também o passaporte. Ultrapassados os controles – quase sempre difíceis e algumas vezes cruéis, sobre o direito que as pessoas deveriam ter de se mover com liberdade, dignidade e sem constrangimentos –, chegam as burocracias. Elas vêm em forma de documentos para se viver onde se quer: as autorizações para morar, estudar, trabalhar. Para existir naquele lugar.

Há também outros caminhos que os controles das fronteiras não enxergam, que as burocracias não alcançam. Nesse limbo de um anonimato que turva rostos e identidades, vivem os migrantes internacionais indocumentados, os fora das estatísticas, sempre mais suscetíveis a diferentes formas de exploração. Mas todos juntos, migrantes com vistos ou sem vistos, com rostos ou sem rostos, precisarão encarar os desafios de viver uma nova cultura, lidar com a saudade do lugar de onde se veio e das pessoas que ficaram. Algumas vezes, outro idioma e o clima podem ser barreiras a serem vencidas. Outras vezes, a luta contra violências que até então desconheciam, como o racismo, a xenofobia, a aporofobia e tantos outros preconceitos e estereótipos jamais enfrentados, precisará se impor no cotidiano.

Novas amizades e ambientes, diferentes formas de ver a vida, a liberdade para ser como se é, dignidade, respeito. Abertura a uma nova cultura, a novos gostos, sabores, idiomas, trabalhos e a uma nova carreira profissional. Tudo isso pode vir no pacote de quem decide arriscar-se mundo afora. Quando os valores das origens, muitas vezes arraigados, são confrontados pelo mundo externo, não há outro caminho a não ser olhar para si mesmo e amadurecer. Ao mesmo tempo, não se tem como não olhar para o próprio país e o país onde se está sem problematizá-los, sem duvidar deles e tentar compreendê-los de outra forma.

“Às vezes eu me pergunto: o que eu estou fazendo aqui?” Este questionamento, que apareceu em quase todas as entrevistas com os personagens que compõem este livro, vez ou outra ronda a cabeça de quem deixou as origens. Ele traduz o processo de autoconhecimento e autodescoberta que passa a viver quem deixa a terra natal rumo a um lugar distante e cheio de surpresas. Migrar, afinal, não é pouca coisa. É um exercício visceral de humildade: é pedir licença para sair

da terra onde se está e, novamente, pedir licença para entrar no país onde se quer ser acolhido.

Perca-se para encontrar-se consigo: esse talvez seja o supracumulo das histórias que contamos a seguir. Talvez não seja por isso que o ser humano migre, mas esse provavelmente seja o melhor resultado que se pode ter quando se cruza fronteiras. *Remolinos: histórias de migrantes latino-americanos na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá* é um esforço para visibilizar migrantes internacionais e a luta cotidiana deles para seguir em frente.

Números e América Latina

Em 2020, o mundo contabilizava cerca de 281 milhões de pessoas que haviam cruzado fronteiras internacionais, segundo relatório (McAuliffe; Triandafyllidou, 2023, p. 21)² da Organização Internacional para Migrações (OIM), órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU). Observando, por um lado, que esse número de migrantes equivaleria apenas a 3,6% da população global, o documento salienta, por outro, que “a esmagadora maioria das pessoas migra internacionalmente por motivos relacionados a trabalho, família e estudos”³ (2023, p. 21).

A OIM também chama a atenção para os casos de refúgio: “Outras pessoas deixam as suas casas e países por uma série de razões convincentes e às vezes trágicas, como conflitos, perseguições e desastres” (McAuliffe; Triandafyllidou, 2023, p. 21). Nesse sentido, o

2 Publicado em março de 2023, o documento traz dados de 2020 e 2021, quando a pesquisa foi desenvolvida, e chama a atenção para o fato de que, na época da sondagem, o mundo vivia às voltas com a pandemia de Covid-19 e que esse fato influenciou nos dados sobre migração.

3 Original em inglês, tradução nossa.

documento (p. 45) assinala que, até o final de 2020, havia um total de 26,4 milhões de pessoas nessa condição.

Ainda de acordo com o relatório (p. 98), em 2020, 43 milhões de pessoas da América Latina estavam vivendo fora de seus países, o que corresponde a 15% da população migrante do planeta. Mas isso não significa que esse contingente tenha deixado a região. Muitos desses deslocamentos se dão entre as nações latino-americanas.

Busca de emprego, de melhores condições de trabalho e segurança, reagrupamento familiar e estudos, além do refúgio ligado a questões econômicas e ambientais, estão entre as principais razões das migrações latinas, aponta o documento. E aqui valem algumas ponderações pertinentes à região.

Em primeiro lugar, chama atenção a quantidade de latinos que migram para a América do Norte, que contrasta com a quinta parte deles que se dirige para países europeus e a parcela ainda menor que migra para outros continentes. Como mostra o relatório (McAuliffe; Triandafyllidou, 2023, p. 98):

Em 2020, mais de 25 milhões de migrantes tinham feito a viagem para o norte e residiam na América do Norte. [...] Outros 5 milhões de migrantes da região encontravam-se na Europa em 2020. [...] Outras regiões, como a Ásia e a Oceânia, acolheram um número muito reduzido de migrantes da América Latina e do Caribe em 2020 (acima de 400.000 e 200.000 migrantes, respectivamente).

A volumosa migração mexicana em direção aos Estados Unidos é outro ponto que merece destaque. No período, o México foi o país latino de origem do mais expressivo número de migrantes internacionais, com 11 milhões de pessoas: “Na lista de países com maiores

diásporas do mundo o México só fica atrás da Índia”⁴, diz o documento (p. 99). A Venezuela, cujos cidadãos são considerados hoje refugiados econômicos, aparece em segundo lugar na região. Um êxodo que também recebe atenção no relatório (p. 98):

A atual situação venezuelana teve um impacto significativo sobre os fluxos migratórios na região e continua sendo uma das maiores crises de deslocamento e migração em todo o mundo. Aproximadamente 5,6 milhões de venezuelanos haviam deixado o país em junho de 2021, e cerca de 85% (aproximadamente 4,6 milhões) se mudaram para outro país na América Latina e no Caribe. A grande maioria saiu nos últimos cinco anos.

A Colômbia, com pouco mais de três milhões de migrantes, e o Brasil, com quase dois milhões, aparecem respectivamente em terceiro e quarto lugares com os maiores números de pessoas da América Latina que deixaram seus países no período da pesquisa (p. 100). Vale destacar, ainda, que muito do fluxo migratório da região latino-americana se dá dentro dela mesma. Como destaca o relatório (p. 98), em 2020, cerca de 11 milhões de migrantes na América Latina e no Caribe eram originários de outros países da região.

A América Latina, no entanto, é não apenas emissora, mas também receptora de migrantes de outras regiões e continentes. Diz o documento (p. 98):

O número total de migrantes de outras regiões que vivem na América Latina e no Caribe manteve-se relativamente estável, com cerca de três milhões nos últimos 30 anos. [...] Em 2020, o número de euro-

4 A Índia ocupa o topo da colocação, com cerca de 18 milhões de migrantes internacionais (McAuliffe; Triandafyllidou, 2023, p. 25).

peus e de norte-americanos que vivem na América Latina e no Caribe era de cerca de 1,4 milhão e 1,3 milhão, respectivamente.

E aqui vale uma ponderação: migrar do Norte para o Sul global pode ser uma experiência tão diferente do deslocamento do Sul para o Norte que talvez precisássemos escrever um livro ao contrário deste para falar desse tema. Seria “o avesso do avesso do avesso” das histórias que apresentamos a seguir. Aos motivos para se deixar o país de origem, às condições em que se faz esse movimento e às formas menos ostensivas como as fronteiras e as burocracias dos Estados do Sul podem se impor à imigração do Norte são apenas alguns elementos sobre os quais teríamos que refletir, ponderar e escrever em uma outra obra.

Jornalismo e informação

Migrar é uma luta permanente em um lugar onde se tem a impressão, todos os dias – às vezes, até nos ecos e vieses da mídia oficial –, que aquele não é o lugar onde se deveria estar. No contexto internacional, parece que isso faz cada vez mais sentido nas migrações do Sul para o Norte global, o que tem rendido inspiradores estudos e pautas para o jornalismo de migração, também uma luta diária para contar histórias sobre essa gente do Sul que vive no Norte.

O migrante “é uma janela através da qual aqueles que ficaram podem ver o mundo e, ao mesmo tempo, um espelho, que permite que eles se vejam a si mesmos, ainda que desfigurados”, disse o filósofo Vilém Flusser (2007, p. 235), ele mesmo migrante de muitos lugares, um apátrida, como reconheceu. Judeu nascido na República Tcheca, de onde saiu fugindo do nazismo, viveu em seguida na Inglaterra e, depois, no Brasil, onde se naturalizou e de onde, tentando escapar da ditadura militar, partiu finalmente para a França.

No livro póstumo, publicado originalmente em 1992, *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, o autor, conhecido por seus estudos acerca da filosofia da fotografia⁵, reflete sobre a migração a partir da própria condição de migrante. “Bodenlos”, substantivo que ele busca no idioma alemão, significa “sem chão”, “sem raiz”. É desse lugar “fora de lugar” que ele vai enxergar o sujeito deslocado. A partir daí, sua obra ilumina o trabalho que procuramos experimentar neste livro, levando em conta a condição privilegiada que, como jornalistas migrantes, temos para reportar o tema, equilibrando, de um lado, uma empatia “desenraizada” com outros povos e culturas e, de outro, questões geopolíticas “enraizadas” na crítica social que alicerça nossa atividade jornalística.

Em um dos momentos mais marcantes de sua obra, Flusser (2007, p. 224) descreve como a ideia de pátria se assemelha a fios que ligam os cidadãos a uma terra:

Quase sempre existem fios secretos que atam os domiciliados aos homens e às coisas da pátria, e eles vão além da consciência do adulto, chegam a regiões infantis e provavelmente até mesmo fetais e transindividuais, alcançando assim uma memória mal articulada, quase não articulada e não articulada. [...] A perda da pátria refresca essa memória, traz novo ar a esse cheiro confortável e o mostra como ele é: o lugar da maioria dos preconceitos (ou até mesmo de todos) – aqueles julgamentos anteriores a todo julgamento consciente.

É na experiência migratória, pois, que ele percebe que os fios dessa ligação estão apenas nos sujeitos e que, ao deixar a pátria e começar a desatá-los, é possível sobreviver. Melhor que isso: é possível viver de forma mais criativa. Essa descoberta dá ao migrante uma condição

5 FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2013.

singular de liberdade permitindo-lhe ser uma “janela” que possibilita também aos nativos – do lugar de onde veio e no lugar onde ele está – ver o mundo sob novas perspectivas (Flusser, 2007, p. 224):

Aquele que se auto-analisa reconhece então em que medida o seu enraizamento secreto na pátria ofuscou o seu olhar desperto para a cena. Ele reconhece não apenas que cada pátria, a sua maneira, cega aquele que nela está intrincado (e nesse sentido todas as pátrias são parecidas), mas sobretudo que, somente após a superação desse enredamento, tornam-se-lhes acessíveis julgamentos, decisões e ações livres.

Essa nova posição pode resultar na capacidade de estabelecer uma forma de empatia que só quem se “auto-analisou” (*sic*) e confrontou suas certezas, sua cultura e suas referências com outras bases poderia conquistar.

Historicamente, para os jornalistas, olhar para si mesmos e para o mundo sob diferentes perspectivas sempre foi importante. Dessa forma, é possível confrontar com maior vantagem os elementos de construção da informação de interesse público no imbricado processo de *gatekeeping*: a “seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente” (Schoemaker; Vos, 2011, p. 11).

Situado em um lugar “fora de lugar”, o jornalista que migra tem a prerrogativa de um olhar “desenredado”, observando *in loco* o quanto o noticiário sobre migração está condicionado por filtros e interesses políticos e geopolíticos, econômicos e macroeconômicos. Afinal, quem é esse profissional, senão, essencialmente, o migrante flussiano que se “desenraiza”, colocando em xeque a si e ao mundo?

Entretanto, se a migração pode ser inspiradora e desenvolver competências para lidar com o tema no contexto jornalístico, naturalmente

essa não é uma condição *sine qua non* para se cobrir o assunto. Os estudos e as experimentações na área do jornalismo de migração são, esses sim, fundamentais, e entendemos que esse deveria ser um tema cada vez mais presente na formação dos jornalistas, tanto nas escolas de graduação como em cursos de pós-graduação.

Jessica Retis e Denise Cogo (2021, p. 06) expõem o estado da arte em uma área que está por ser consolidada, mas que tem merecido muita atenção nas últimas décadas. Há mais de 20 anos elas têm estudado a cobertura da migração na mídia *mainstream* e, ao falar da forma como são mostrados os migrantes latino-americanos nesses espaços, observam que o jornalismo insistentemente recorre a estereótipos:

Em vários trabalhos de análise crítica do discurso da grande mídia, mostramos como os imigrantes latino-americanos não são representados em condições comuns, sequer com uma perspectiva estrutural da realidade, pois há pouco conhecimento das condições geopolíticas e da magnitude da migração internacional.⁶

Reconhecendo a influência das narrativas *mainstream* sobre a opinião pública, as autoras (2021, p. 03) observam também que as redes sociais e os canais alternativos de comunicação reconfiguram a produção de notícias sobre migração. Para elas, à medida que os migrantes ocupam maior espaço como emissores de informações sobre si mesmos, suas pautas e reivindicações, criam-se novas interações entre a genuinidade do lugar de fala desse grupo e as coberturas oficiais:

O peso do discurso público e da representação da mídia sobre a presença de estrangeiros na grande imprensa é muito significativo na formação da opinião pública. Por esse motivo, em tempos de transi-

6 Original em espanhol, tradução nossa.

ção dos *legacy media* (meios tradicionais) para os *new media* (novos meios), novos espaços de mídia diaspórica começaram a se abrir, nos quais grupos de migrantes constroem circuitos de informação, comunicação e autorrepresentação. Embora isso também não seja novidade na história, o que é significativo é a maneira como as sinergias entre a cobertura da mídia pela imprensa convencional e a imprensa migrante, diaspórica e transnacional coexistem na era digital.

Ao propor caminhos para o avanço dos estudos e práticas sobre jornalismo de migração, Retis e Cogo (2021, p. 04) reconhecem, entre outras questões, que é indispensável “privilegiar epistemologias que permitam aos migrantes, bem como aos jornalistas de migração, narrar suas experiências sociocomunicativas e construir memórias de suas trajetórias relacionadas aos fluxos migratórios”, destacando que é também importante “construir abordagens interdisciplinares para compreender as práticas comunicacionais transnacionais”.

É nesse contexto que situamos o nosso trabalho como jornalistas de migração e pesquisadores do tema, entendendo que, mais do que se integrar à nova cultura ou negá-la, o migrante precisa emancipar-se, ocupando um “lugar fora do lugar” e enxergando-se além das nações-residência ou da(s) nacionalidade(s) que nele – e em seu passaporte – se inscrevem. Nos capítulos a seguir, a experiência pessoal de cada um, do convívio com outros migrantes e com outras bases culturais, foram a argamassa para escrever as histórias que contamos.

Apurar e elaborar informações sobre os desafios e implicações de deixar a terra natal e começar a vida em outro país é uma pulsão que, no nosso caso, ganha uma dimensão especial alicerçada na condição de migrantes latino-americanos em diferentes destinos do Norte global. Nessa viagem, à xenofobia, ao racismo, aos reajustes profissionais e à saudade fundem-se, em vez de se

contraporem, dores e desafios, oportunidades e conquistas. Tudo isso, conectado por esse “desenredamento” e por esse “desenraizamento”, como assinala Flusser.

Roteiro de viagem

Os sete textos que compõem este livro estão focados em personagens originários de quatro países da América Latina – Brasil, Colômbia, Chile e Venezuela – que partiram para países da Europa, para os Estados Unidos ou para o Canadá. As histórias lançam um olhar sobre esses deslocamentos, enviesando as políticas migratórias e a cultura nem sempre receptivas dessas regiões com as possibilidades que se abrem no novo destino. Mas, sobretudo, destacam os caminhos que o migrante constrói para o enfrentamento de nuances psicológicas, culturais e econômicas da sua nova condição para reconstruir-se no novo lugar.

Aterrizamos primeiro na Europa, mais precisamente na Península Ibérica. De Portugal, os jornalistas brasileiros Renato Essenfelder e Daniel Ladeira de Araújo expõem dois lados do fenômeno migratório, elegendo a cidade do Porto como ponto de chegada e partida de outros brasileiros. Por um lado, André Dallálio, que chegou ao país junto com o companheiro brasileiro, e pretende ficar. Por outro, Lesllie van Lammeren, que depois de dez anos vivendo na cidade, regressa à vida no Rio de Janeiro, acompanhada dos pais e do irmão, parceiros na aventura portuguesa. Em seguida, viajamos até Navarra, no norte da Espanha, onde a jornalista Sandra Beltran Baeza, nascida no Chile, conta a história de Daniel Franco Sánchez, um colombiano que há seis anos vive na cidade e para quem o sonho de morar na Europa se transformou em trabalho.

Da porção germânica da Europa, chegam dois textos de jornalistas brasileiros. Liliana Tinoco Bäckret toca em uma questão sensível

da migração: o luto quando se está fora da terra natal. Da cidade de Baden, na Suíça, a autora mescla relatos pessoais da perda de um tio com a história da brasileira Carmen (nome fictício), que vive no Reino Unido e perdeu a mãe no Brasil sem poder se despedir. No texto seguinte, Enio Moraes Júnior, autor deste texto inicial, conta a história do músico Jan Lucas Säuberlich, um chileno que vive em uma metrópole onde a cena cultural e artística é uma das mais pulsantes do continente europeu: Berlim, a capital alemã.

De terras europeias, atravessamos o Oceano Atlântico e chegamos à América do Norte, onde a jornalista venezuelana Clavel Rangel Jiménez conta a história da sua conterrânea Alejandra (nome fictício), que relata os dramas e desafios do seu processo de migração em busca de uma nova vida para ela, duas filhas e um neto de colônias nos Estados Unidos. De Seattle, no noroeste estadunidense, a jornalista Adriana Navarro Manfredini traz o sabor da gastronomia do seu país de origem, o Brasil. Por meio das histórias de Tiago Freitas, Sônia e Ernani Rodrigues e Eliana de Souza Patterson, ela nos conduz por um universo de cheiros e temperos. Nossa viagem faz o último pouso em Québec, no Canadá, de onde a jornalista brasileira Sandra Nodari conta a história da conterrânea Daniela Araújo, uma mulher trans que, para sobreviver à transfobia no Brasil, recomeçou a vida em terras canadenses.

André, Leslie, Daniel, Carmen, Jan, Alejandra, Tiago, Sônia, Ernani, Eliana e Daniela sabem que migrar é abrir caminhos para uma nova vida. Voaram milhas, dirigiram quilômetros, navegaram mares adentro, caminharam léguas e sabem que essa é uma experiência dolorosa em muitos momentos e por diferentes razões, mas que pode ser também um processo de autoconhecimento e enriquecimento em diversos sentidos. Foram essas histórias

que eles e elas gentilmente dividiram conosco e que agora compartilhamos com vocês.

Nossos sinceros agradecimentos a cada um desses personagens e ao Celacc, da USP, que nos acolheu nessa caminhada.

Boa viagem e boa leitura!

Enio Moraes Júnior
(Organizador)

Referências

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.

McAULIFFE, Marie; TRIANDAFYLLIDOU, Anna (eds.). World Migration Report 2022. **International Organization for Migration** (IOM), Genebra, 2023. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>. Acesso em: 20 ago. 2023.

RETIS, Jessica; COGO, Denise. Periodismo de Migraciones: producción y consumo de narrativas sobre movilidad humana en tiempos de incertidumbre y plataformas digitales. **Revista Estudios sobre el Mensaje Periodístico**. Madri, Ediciones Complutense, v. 1, n. 27, p. 01-12, 2021. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/73743/4564456558110>. Acesso em: 12 out. 2023.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim V. **Teoria do Gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Tradução Vivian Nickel. Porto Alegre: Penso, 2011.

Portugal

Idas e vindas entre lugares parecidos, mas diferentes

Renato Essenfelder e Daniel Ladeira de Araújo

“Eu sinceramente não entendo o que vocês vêm fazer aqui. Vêm para serem pobres? No Brasil tinham empregadas domésticas, porteiros, casas melhores, prédios com garagem, elevador. Aqui não há nada disso.” O desabafo da consultora imobiliária que atua há mais de uma década na região do Porto, no norte de Portugal, especializada em clientes brasileiros, introduz uma questão quase existencial que se tornou comum entre os integrantes de uma nova onda migratória para o país, marcada pela forte presença das classes média e média alta.

Afinal, o que fazem em Portugal? E por que persistem? De fato, mesmo para o observador mais atento não é fácil compreender as razões que levam anualmente milhares de brasileiros desse recorte social a tentar a sorte em terras lusitanas. No Brasil não eram ricos, mas tinham confortos como “empregadas domésticas e porteiros”. Em Portugal, têm de limpar a própria casa e gerenciar as próprias

correspondências e encomendas, recolher e levar o lixo doméstico para contentores de rua, estacionar o carro fora de casa, já que são poucas as garagens privativas, entre outras tarefas básicas que a classe média brasileira não raro terceiriza.

Muitos estão cientes do paradoxo. Elogiam o Estado de Bem-Estar Social europeu, mas sentem falta de um conforto que sabem ser possível apenas por causa da avassaladora desigualdade social brasileira, ligada à herança escravocrata, que torna os serviços domésticos baratos e acessíveis até por quem é apenas classe média, como professores, jornalistas, engenheiros, advogados e pequenos empreendedores. Não surpreendentemente, o Brasil possui o maior contingente de empregadas domésticas do mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), ao lado da Índia¹.

Entender por que essa classe média ainda assim emigra para Portugal não é simples, mas algumas razões despontam à primeira vista. A busca por segurança, por exemplo, aparece abundantemente na literatura sobre o tema, e entre mulheres essa motivação é ainda maior do que entre homens. Compreende-se. No *ranking* do Global Peace Index², que analisa 23 indicadores relacionados à segurança em 163 países, o Brasil figura em 132º lugar, enquanto Portugal era o sétimo, em 2023. Islândia, Dinamarca e Irlanda lideram.

Se a segurança é um fator relevante, nessa nova onda imigratória também aparecem razões muito abstratas, como um certo complexo

1 HOBDEN, Claire; BONNET, Florence. **Making Decent Work a Reality for Domestic Workers: progress and prospects ten years after the adoption of the Domestic Workers Convention.** 2011 (n. 189). Genebra, 2021. Disponível em: https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_802551/lang--en/index.htm. Acesso em: 10 out. 2023.

2 INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE. **Global Peace Index 2023: Measuring peace in a complex world.** 2023. Disponível em: <http://visionofhumanity.org/resources>. Acesso em: 10 out. 2023.

de inferioridade face a tudo o que é “do Primeiro Mundo”, a oportunidade de realizar sonhos que na juventude eram impossíveis e, simplesmente, a curiosidade, o desejo de ver o mundo. Os fatores mais concretos dizem respeito ao idioma compartilhado e ao processo burocrático facilitado.

Mas diante de motivações principalmente intangíveis, os imigrantes de classe média em Portugal debatem-se mais com as angústias do ficar do que com o receio do partir. Essa angústia, contudo, não surge de primeira. Toma alguns meses, ou anos, para se manifestar com alguma consistência. Meses, ou anos, em que é travada uma batalha inglória pela integração a uma cultura que, se antes parecia muito próxima à brasileira pelo histórico colonial, pelo idioma comum, rapidamente mostra-se quase seu avesso.

Não há problema nisso, ressaltam os imigrantes. O problema é o choque de expectativas e a falta de preparo para lidar com isso. Quando a expectativa de integração suave e indolor desmorona, o que resta é um sentimento ambíguo que os imigrantes têm dificuldade para nominar. Será o medo? A frustração? Ou a excitação diante do desconhecido? Ou, ainda, orgulho de, a despeito das dificuldades, persistir. Fé em si – e em Deus.

Com centenas de clientes brasileiros atendidos nos últimos anos, a corretora de imóveis portuense, simpática e cheia de curiosidade pela cultura dos trópicos, não arrisca grandes teorias. Ri. “Cada um tem suas razões, não é? Eu pessoalmente não percebo, mas, para mim, é bom que venham.”

Não pertencimento

É uma tarde ensolarada e muito quente de verão quando o estudante André Dallálio, de 35 anos, que cursa mestrado em Ciências

Sociais na Universidade do Porto, interrompe o relato sobre sua vinda a Portugal. Com os olhos a deslizar pelo rio Douro, reflete, introspectivo:

O engraçado de ser imigrante é que, a partir do momento em que você sai da sua casa, você vira imigrante em qualquer lugar do mundo, para sempre. Quando volto ao Brasil, minha sensação é de que não pertencço mais àquele lugar. Eu não me sinto pertencendo nem a Portugal, nem ao Brasil, nem a lugar nenhum.

André é um bom representante do que especialistas (Fernandes *et al.*, 2021; Oltramari *et al.*, 2023) chamam de quarta onda migratória de brasileiros para Portugal, marcada pela diversidade de interesses e qualificações, mas com presença relevante de estudantes de nível superior. Chegou a Portugal em 2016 com o companheiro, Vinícius Miranda. Ambos se conheceram no interior do Paraná, em Maringá, e começaram a namorar havia cerca de três anos antes da decisão de sair do Brasil. Vinícius foi o principal responsável e o incentivador de primeira hora do plano. Trabalhava em um escritório de advocacia no Paraná e mantinha contato com uma amiga dos tempos do curso de Direito na Universidade Estadual de Maringá (UEM) que havia emigrado para Portugal, mais precisamente para o Porto, para cursar mestrado na área.

Instigado pela amiga, Vinícius se empolgou com a possibilidade. Conversou com o parceiro e decidiram que iriam começar a fazer uma poupança para bancar o sonho. André ressalta que a imigração “não foi financeira”, isto é, nunca esteve em pauta a ideia de mudarem-se para a Europa em busca de melhores salários e de prosperidade material. “Também não foi por segurança, que é uma questão sempre lembrada pelos brasileiros aqui”, completa. Vivendo

“no interiorzão”, como diz, não tinha a mesma preocupação com a criminalidade que os conterrâneos que moram nas grandes cidades brasileiras, embora tivesse consciência de que a insegurança é uma constante no país.

Então, foi por qual razão? A resposta curta é: curiosidade. Algo na linha “viver novas experiências”. Até então, André mal havia saído de Maringá – fizera viagens a trabalho para São Paulo, Rio de Janeiro e alguns outros destinos. A lazer, nunca. Aliás, mal tinha férias. Trabalhava no comércio, primeiro em vendas, depois como gerente e supervisor, e diz ter passado oito anos batendo ponto direto, sem parar. Pegar no batente em fins de semana e feriados era normal. “Todo ano eu vendia as minhas férias. Era uma loucura.”

Estava exausto. A decisão de mergulhar no trabalho, de certa forma, havia sido consequência da dificuldade financeira dos pais, especialmente após o divórcio, quando André tinha 19 anos. Chegou a passar no vestibular para Turismo na Pontifícia Universidade Católica de Maringá, mas as mensalidades estavam fora da sua realidade. Depois, entrou no curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá, que é pública, mas “faltou maturidade”, como ele reconhece, para valorizar os estudos. Desistiu e mergulhou no trabalho.

Afinal, estava ganhando bem, para a sua idade, e decidiu viver a adolescência que anos antes não conseguira viver, acossado pelo preconceito dos colegas. “A minha adolescência foi muito dura. O adolescente *gay* não tinha namoradinho, não tinha relacionamento”, diz. “Então, nessa fase, eu não tive o primeiro beijo, a primeira mensagem, a primeira paquerinha com alguém que eu curtisse. Só fui ter isso na vida adulta, com 19 anos.”

Apesar de nunca ter visto a cidade do Porto “nem em fotografia”, André embarcou no sonho de Vinícius, que é seu companheiro até

hoje. O ímpeto do casal, conta, não era exatamente o de sair do Brasil, mas “um desejo de ver coisas novas”. O contato com a amiga no Porto produziu a faísca que faltava para a decisão final. Nos meses seguintes, Vinícius foi aprovado no mestrado em Direito da Universidade do Porto. Pragmático, André começou a fazer contatos com colegas na rede de varejo em que atuava e que, por sorte, possuía lojas em Portugal, onde chegou com emprego praticamente garantido.

Desembarcaram na cidade do Porto no fim do ano de 2016, às portas do inverno. O casal somava-se, então, aos 80 mil brasileiros que viviam legalmente em Portugal, à época, sendo cerca de 20 mil no Porto, segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)³. De lá para cá, não só a cidade mudou, mas os números da imigração explodiram. Em agosto de 2023, eram quase 400 mil brasileiros com autorização legal para viver no país, salto de 64% em relação a 2022, conforme dados do SEF divulgados na imprensa⁴. Portugal é, atualmente, o segundo principal destino de imigração de brasileiros, atrás apenas dos Estados Unidos, onde residem 1,9 milhão⁵, de acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

Chegar à cidade do Porto cheio de expectativas e se deparar com uma noite fria e chuvosa, seguida por inúmeros dias igualmente frios e chuvosos, é uma experiência desafiadora. De fato, André conta que não tardou a sentir dúvidas, tendo logo de cara se deparado com

3 Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEFSTAT). **População Estrangeira Residente em Portugal**. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>. Acesso em: 27 out. 2023.

4 QUASE 800 mil estrangeiros vivem em Portugal e 30% são brasileiros. **Lusa**. Lisboa, 23 jun. 2023. Disponível em: <https://www.lusa.pt/article/41082694/quase-800-mil-estrangeiros-vivem-em-portugal-e-30-s%C3%A3o-brasileiro>. Acesso em: 12 jul. 2023.

5 BRASIL. Ministério das Relações Exteriores – Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos. **Comunidades Brasileiras no Exterior – Ano-base 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/BrasileirosnoExterior.pdf>. Acesso em: 5 out. 2023.

uma série de desafios bastante comuns entre imigrantes. A primeira questão, incontornável, foi o clima. Quem acompanha apenas a previsão meteorológica, a distância, não se dá conta de que na pele a teoria é outra. Embora o clima do Porto pareça com o de uma cidade como Curitiba, no Paraná, por exemplo, que já era bem conhecida do casal, na prática ele é muito diferente.

Em primeiro lugar porque Portugal está na zona do chamado clima mediterrânico, caracterizado por invernos úmidos e verões secos, ao contrário do que ocorre no Brasil, e tem sofrido com o aquecimento global, que trouxe extremos de frio e de calor intensos à região⁶. Além disso, trata-se de uma zona com grande incidência de ventos gelados, que, por um lado, amenizam o calor do verão, mas, por outro, exigem que os portugueses (em especial os da região norte) tenham de usar pitorescos acessórios corta-vento para frequentar as praias até quando o calor supera os 30°C. Assim, o paradoxo de ir à praia em um dia muito quente e acabar passando frio, por causa do vento incessante, é conhecido dos moradores da região. “Quando se pensa em imigrar para o Canadá ou para os países nórdicos, a questão climática é uma das primeiras a surgir. Quando se fala em Portugal, raramente. No entanto, é um ponto a ser cuidadosamente considerado”, alerta André, especialmente para quem escolhe o charmoso e gélido Porto.

O problema é agravado por questões arquitetônicas. Os extremos climáticos poderiam ser amenizados se as casas fossem mais bem preparadas para lidar com isso, mas elas não são. O percentual de moradias com isolamento térmico eficiente é mínimo. Uma pesquisa realizada em 2017 pela ONG ambientalista Quercus (Martín-Consuegra *et al.*, 2019)

6 GANHO, Nuno. Mudanças climáticas e mudanças na valoração do clima, em Portugal, nos últimos 50 anos. *Acta Geográfica*, Lisboa, v. 13, n. 33, p. 196-208, setembro/dezembro 2019.

mostrou que apenas 1% dos portugueses consideram suas casas termicamente confortáveis e 78% declararam passar frio dentro de casa durante o inverno. Segundo o Eurostat⁷, Portugal é o quinto país da União Europeia onde as pessoas têm menos condições econômicas para manter as casas aquecidas. Cerca de 19% dos portugueses estão na situação denominada de “pobreza energética”, ou seja, não conseguem arcar com os custos de calefação. Abaixo de Portugal encontram-se Bulgária (34%), Lituânia (28%), Grécia (23%) e Chipre (22%).

Assim, não é exagero dizer que o clima pesou, em todos os sentidos. “Eu amava o frio, mas agora odeio”, resume André. Ainda incomodado pelo clima cinzento, ele conta que, logo depois de se instalarem na casa da amiga, resolveu sair para dar uma volta sozinho. “Fui à Praça dos Poveiros [no centro do Porto] e sentei ali um tempo. Lembro que olhei os prédios à volta e achei todos muito feios, decadentes. Comecei a chorar. Eu só conseguia pensar: meu Deus, o que é que eu estou fazendo aqui?”

A primeira impressão não poderia ser pior. “Achei a cidade muito feia, escura, fria. Muito sem vida”, diz. “Liguei para uma amiga, que me tranquilizou. Mas, para falar a verdade, acho que eu nunca me adaptei ao Porto.” A inadaptação, contudo, não significa que André não tenha cultivado amor pela cidade, que se transformou diante dos seus olhos. “Hoje, acho a cidade muito bonita. Eu amo o Porto, mas foi muito difícil, e não só pelo clima”. Foi apenas em 2019, após três anos de imigração, que André “perdoou” a cidade. Demorou, pois uma de suas primeiras experiências de imigrante foi com o luto.

⁷ PORTUGAL é quinto país da UE em maior risco de pobreza energética. **Diário de Notícias**. Porto, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/portugal-e-quinto-pais-da-ue-em-maior-risco-de-pobreza-energetica-15341458.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

Chegar e ficar

Os maiores desafios que os imigrantes brasileiros relatam em relação aos primeiros meses, ou anos, em Portugal – e mais especificamente no Porto – podem ser divididos em cinco grandes grupos.

1. Clima: adaptar-se às chuvas constantes e ao frio, que lembram mais Londres do que Curitiba ou São Paulo.

2. Moradia: encontrar um lugar digno para viver, mas que caiba no orçamento.

3. Trabalho: escapar às armadilhas da precariedade e conseguir um emprego formal, com todos os direitos previstos em lei.

4. Família e amigos: habituar-se a ficar longe das pessoas mais queridas, a falar apenas por telefone, a visitá-las, no máximo, uma vez por ano. Em geral, muito menos do que isso. Administrar, também, a solidão que deriva desse afastamento físico.

5. Cultura e xenofobia: saber distinguir o que é o senso de humor português, e o jeito direto e sem papas na língua como se expressam, do que é apenas preconceito – infelizmente, um fenômeno também frequente.

Exceto pela questão do trabalho, que já estava bem encaminhada desde que André saiu do Brasil (e o combinado era que o marido, no início, poderia dedicar-se ao mestrado, trabalhando meio período, se necessário), as demais questões caíram como uma tempestade na cabeça do casal, simultaneamente, logo nas primeiras semanas de imigração.

Quando começaram a procurar apartamento para morar, enfrentaram todo tipo de dificuldade. Muitos senhorios não alugavam imóveis para brasileiros, que ainda hoje sofrem com a fama de pouco confiáveis. Outros pedem depósitos antecipados altíssimos, que inviabilizam o aluguel aos mais jovens. Regra geral, os apartamentos são antigos e mal conservados. Para fugir disso, é preciso pagar

caro. O ano era 2016, mas em 2023 o panorama não só não mudou como foi agravado pela aguda crise imobiliária que assola o país. Os aluguéis encareceram a tal ponto que nem mesmo os nativos têm conseguido suportá-los.

Em Lisboa, por exemplo, uma consulta rápida ao maior site de imóveis de Portugal mostra que o apartamento mais barato à disposição em setembro de 2023, um estúdio com apenas 20 metros quadrados, está anunciado a 750 euros, sem contar os três ou seis meses de caução que a maior parte dos proprietários exige. Imagine um jovem que acaba de chegar a um país para estudar e ter de disponibilizar cerca de 4.500 euros logo de cara para dar de garantia ao proprietário de um imóvel. Em um país cuja renda média mensal é de 1.539 euros brutos, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE)⁸ português, e com salário mínimo a 760 euros, a conta não fecha. Por isso, cada vez mais os imigrantes dividem casa, seja com amigos, seja com estranhos.

Entre os portugueses, a especulação imobiliária provoca o adiamento da saída da casa dos pais. Segundo o Eurostat⁹, Portugal, Croácia, Grécia e Bulgária são os países europeus onde os jovens mais demoram para sair do ninho: em média, isso ocorre só aos 30 anos de idade.

Como resultado de todas essas restrições, o primeiro lar de André e Vinícius não foi exatamente um sonho. Ele não poupa pa-

8 INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Estatísticas do Emprego:** Remuneração bruta mensal média por trabalhador. 2023. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=594477854&DESTAQUESmodo=2. Acesso em: 20 out. 2023.

9 JOVENS portugueses deixam casa dos pais aos 29,7 anos, acima da média da UE. **Observador**, Lisboa, 4 set. 2023. Disponível em: <https://observador.pt/2023/09/04/jovens-portugueses-deixam-casa-dos-pais-aos-29-7-anos-acima-da-media-da-ue/>. Acesso em: 23 out. 2023.

lavras para descrever o local. “Era horrível. Cheio de mofo, infiltrações. Chovia na minha cabeça, no meio da sala. Todos os encanamentos estavam entupidos, a gente lavava louça na cozinha e isso alagava o box do banheiro. Tinha ratos também. Era desumano.” Apesar das péssimas condições do local, resolveram ficar ali por um tempo até entenderem melhor o mercado imobiliário da região e qual seria o custo de vida efetivo de ambos. Contou a favor da decisão o preço e a facilidade de aluguel: o proprietário não fazia reparos no imóvel, mas também não incomodava. Era possível alugar pagando mês a mês, sem cauções ou multas caso resolvessem sair a qualquer momento.

Foi nesse apartamento precário que André recebeu uma das piores notícias da sua vida, apenas dois meses depois de chegar a Portugal. Acordou em uma manhã na passagem de 2016 para 2017 e viu que o celular tinha “umas 20 chamadas perdidas”. No momento, teve a certeza da tragédia. Havia motivos para se preocupar. No dia anterior, ele falara com o pai, que parecia muito abatido. O pai se queixara de ter passado muito mal e ido ao posto de saúde naquele dia, mas fora dispensado após uma hidratação ligeira com soro. Achava que tinha comido algo estragado, mas só depois descobririam que ele sofrera um, ou vários, ataques cardíacos.

Ao ver as chamadas perdidas, André ligou para a mãe, que contou sobre o falecimento do pai. Em choque, diz que pegou uma mala enorme, jogou meia dúzia de peças de roupa nela e correu ao aeroporto, arrastando a bagagem troncha e vazia consigo. Chegou ao balcão e pediu uma passagem para o Brasil no próximo voo disponível, com urgência. Com o rosto impassível, a atendente replicou: custaria o equivalente a 7 mil reais. Era proibitivo. “Aí eu peguei minha malinha de volta, entrei no metrô e voltei chorando para casa”, conta.

Nas horas seguintes, o marido e uma amiga do casal vasculharam sites de companhias aéreas até encontrarem uma passagem viável. Conseguiram, mas não cedo o suficiente. André chegaria ao Brasil no dia seguinte ao enterro do pai.

Quando se fala em imigração, é muito difícil ter dimensão do que significa essa escolha de deixar a família para trás. Deixar sua raiz para trás e ter de saber lidar com essas situações, porque essas coisas podem acontecer a qualquer momento. Só que no meu caso foi muito rápido. Eu lembro de abraçar a minha avó antes de sair do Brasil e pensar que poderia ser a última vez que a via. Mas eu nunca poderia imaginar que meu pai poderia morrer assim.

Apesar de abalado, André diz que não pensou em desistir, naquele momento, de viver em Portugal. O plano foi mantido: esperar o marido concluir o mestrado e depois de dois anos voltar ao Brasil. Com sorte, conseguir melhores oportunidades de trabalho após a experiência internacional. Mas, se alguma coisa mudou, foi o desejo de voltar a estudar, algo que o pai valorizava e estimulava muito. Não tardou para ele perceber que o trabalho no comércio em Portugal era tão exaustivo como no Brasil e desejar sair dali – da loja e do setor como um todo.

Nos anos seguintes, passou a trabalhar em tempo parcial, apenas para se manter, e entrou para a Universidade do Porto, no curso de Ciências Sociais. A princípio, imaginava que a formação o ajudaria a trabalhar na área de recursos humanos, onde acumulara experiência como supervisor no Brasil, já que a matriz curricular do curso possuía várias disciplinas ligadas ao tema.

Com o tempo, contudo, André foi ficando mais e mais interessado pelo campo da Sociologia. Formou-se em 2022 e logo emendou

o mestrado na mesma universidade, com bolsa. O plano de ficar só dois anos foi se esticando, sempre movido pelo ímpeto de estudar. Primeiro, o mestrado do Vinícius. Depois, a graduação do André, seguida pelo seu próprio mestrado. Agora, ele já fala em doutorado. “Queremos voltar para o Brasil, mas acho que ainda temos mais uns seis anos de Portugal, até eu terminar o mestrado e o doutorado. E eu gostaria que o Vini voltasse a estudar também”, conta.

Em paz com o Porto

A relação com a cidade, que foi inicialmente vivida no luto, aos poucos melhorou. “Foi muito difícil gostar do Porto por causa disso, porque tudo lembrava a morte. E ela era uma cidade mais sombria e vazia. Mas mudou muito desde então.” Mudar muito, nesse caso, não é força de expressão e, no caso do Porto, é quase um eufemismo.

O livro *Baixa do Porto: arquitectura e geografia urbana 2010-2020* (Fernandes *et al.*, 2021) retrata bem o processo que ocorreu na cidade nesses anos – e que segue em curso. Segundo os autores, o centro da cidade sofreu uma brutal transformação no período, marcada pela explosão do turismo e consequente gentrificação do centro e pelo fenômeno que os autores denominam de “fachadismo”: reformas estéticas com mais preocupação em deixar as fachadas atraentes do que em melhorar condições de habitabilidade.

Os autores não fazem juízo de valor sobre as intervenções, se foram positivas ou não, mas o fato é que na última década a cidade se tornou muito mais viva, animada pelas hordas de turistas, e muito mais colorida. André concorda. “Vivi a cidade no luto, mas hoje eu acho ela linda. Também gosto do acesso à cultura, que é muito maior do que eu tinha em Maringá, à natureza, às praias. [...] E é muito bom andar de madrugada sem ter medo.”

Além disso, ele elogia a qualidade dos transportes públicos, de modo geral, e a possibilidade de os trabalhadores terem uma vida mais digna do que no Brasil. Apesar de a cidade ter encarecido brutalmente nos últimos anos, em especial depois da pandemia e com a guerra na Ucrânia, ainda é possível conciliar trabalho e estudo, comprar alimentos de boa qualidade no supermercado e curtir opções de lazer gratuitas, como apreciar as praias, parques, eventos, o próprio rio Douro. Na literatura especializada, também a qualidade de vida na cidade é considerada elevada (De Matos, 2010).

Outra questão que André valoriza diz respeito à homofobia. “Ela existe aqui, sem dúvidas, porque é um país muito conservador. Mas a diferença é que aqui a gente não corre risco de morte. Aqui posso andar de madrugada, beijar o meu marido, caminhar de mãos dadas”, salienta.

Apesar de ter demorado a ingressar na vida acadêmica, André tomou gosto por ela. Os planos para o futuro são concluir o mestrado, ingressar no doutorado e começar a dar aulas. De preferência, no Brasil, para onde ainda querem voltar, especialmente pela questão da proximidade com a família, que faz muita falta. Adicionalmente, gostaria de morar perto do mar – porque Portugal, diz, o tornou uma pessoa “menos urbana, mais sossegada”.

Mesmo em relação aos episódios de preconceito, que diz ter sofrido inúmeras vezes trabalhando no comércio, André parece mais tranquilo. Prefere enfatizar as oportunidades de troca entre as culturas:

É engraçado, porque são mundos muito distantes e muito diferentes, mas com histórias bastante parecidas. Portugal passou também por uma ditadura militar muito rígida e sofreu muito com isso. O Brasil também passou por isso. As pessoas em geral têm muito o que aprender com essa troca de vivências, e acredito que essas ondas fascistas

e de xenofobia são cíclicas e a sociedade caminha para uma evolução. Ando mais otimista em relação a isso, acredito que caminhamos para a construção de uma sociedade mais miscigenada e mais justa.

Ele destaca, ainda, que a imigração brasileira trouxe muitas coisas positivas para Portugal. “Uma amiga portuguesa, por exemplo, me falou que, antes da imigração brasileira, Portugal era mais cinza, literalmente. Ela deu o exemplo dos carros. Eram todos escuros, porque eles não gostavam de cor. A gente, junto com imigrantes africanos, trouxe um colorido. Trouxemos mais alegria.”

Nas salas de aula, onde alunos brasileiros são cada vez mais frequentes, também se nota um ganho. As classes ganham vitalidade com a informalidade que os brasileiros costumam trazer ao espaço, incitando o questionamento, a discussão e o diálogo. O embate entre as culturas não vai desaparecer, avalia André, mas talvez fique menos problemático à medida que os povos interagem. “Nós, que já estamos aqui há tempo e somos luso-brasileiros, e também as crianças, as novas gerações, os filhos de casais de brasileiros e portugueses, todos nós somos responsáveis pelo futuro de Portugal.”

Prestes a completar sete anos morando no país e com vontade de continuar estudando, André diz viver no melhor estilo do “deixa a vida me levar”, sem grandes planos, mas com fé no futuro. Esse é, aliás, um traço comum aos imigrantes brasileiros de classe média em Portugal.

Onda após onda

Nem sempre foi assim. A história das chamadas ondas (ou vagas) migratórias de brasileiros para Portugal nas últimas décadas costuma ser dividida, para fins acadêmicos, em quatro fases, algumas com objetivos migratórios bem definidos (Oltramari *et al.*, 2023). A pri-

meira ocorreu entre as décadas de 1970 e 1990. Foi um movimento marcado pela qualificação acadêmica e profissional dos migrantes, cujas razões de saída eram em geral ligadas a questões políticas e econômicas – o Brasil, afinal, ainda lutava para se redemocratizar. Essa onda é apontada por especialistas como fundamental para a modernização da sociedade e da economia portuguesas (Barbosa; Lima, 2020).

Em entrevista ao sociólogo Eduardo Gabriel, Augusto, brasileiro, desenvolvedor de *software*, relembra essa fase. Ele chegou a Portugal em 1993 e, naquele momento, considerou o país “arcaico e atrasado”. A situação só começaria a mudar com a Exposição Mundial de 1998, a entrada na Zona do Euro em 1999 e uma série de investimentos realizados nos anos seguintes, com crescentes apelos à indústria do turismo – e abundância de mão de obra imigrante (Gabriel, 2010). Sobre a questão da integração social, Augusto apresenta uma visão que contrasta radicalmente com a dos migrantes atuais a respeito da receptividade dos portugueses (Barbosa; Lima, 2020, p. 100):

Naquele tempo o preconceito contra brasileiro não era tão grande quanto agora. Nessa primeira fase, de 1993 até 1997, o brasileiro era até bem-visto aqui, e as pessoas gostavam do nosso sotaque, pois os brasileiros que vinham eram *mais selecionados* [sic].

Durante essa primeira onda, os conflitos entre portugueses e brasileiros pareciam mais limitados a certos contextos. Ficaram famosos os casos dos dentistas brasileiros e das “mães de Bragança”, por exemplo. O primeiro, diz respeito a uma enorme campanha orquestrada por dentistas portugueses no início dos anos 1990 para que os colegas brasileiros fossem impedidos de clinicar no país. O argumento de que a formação no Brasil era muito inferior e, por-

tanto, insatisfatória, vinha acompanhado de fortes doses de xenofobia. Mas era um fenômeno restrito às categorias profissionais. Na sociedade em geral, os dentistas brasileiros ganharam fama de serem atenciosos e cuidadosos. Por pressão da Associação Profissional de Médicos Dentistas de Portugal, a lei que facilitava a obtenção da licença foi alterada, e hoje são as ordens profissionais que controlam essas emissões, restringindo-as.

Já o caso das mães de Bragança¹⁰, ocorrido dez anos depois, em 2003, diz respeito a um movimento de portuguesas para expulsar cerca de 300 mulheres brasileiras que haviam chegado àquela cidade para trabalhar em prostíbulos. A pressão popular fez os estabelecimentos serem fechados, e as brasileiras mudaram-se para o outro lado da fronteira, na Espanha. Esse movimento coincide com o início de uma nova vaga migratória de brasileiros para Portugal.

Inaugurada no fim dos anos 1990, a segunda onda foi muito mais numerosa do que a anterior, com migrantes brasileiros pouco qualificados, obrigados a preencher postos de trabalho menos atraentes. É considerada uma “onda proletária”, que coincidiu com o crescimento da xenofobia. A chegada de trabalhadoras sexuais e operários com pouca instrução alimentou o mito, ainda hoje perceptível na sociedade portuguesa, em especial entre os mais velhos, de que os brasileiros eram incultos, oportunistas e promíscuos.

Em meados dos anos 2000 começaria uma terceira onda, ainda mais numerosa. Dessa vez, acentuou-se a diversificação de perfis, entre os quais chamam atenção os estudantes. Quando vem a crise de 2008 e Portugal vai à lona, o movimento de estudantes foi o único

10 DE PAULA MINGA, Ester Amaral. Além das “Mães de Bragança”: a estereotipização da mulher brasileira no jornalismo português. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, n. 7, p. 93-105, 2018.

que se manteve estável, apontando para uma nova realidade no país: a convivência dos nativos com alunos brasileiros, em especial no ensino superior.

A quarta onda foi marcada pelo fim das políticas de austeridade e da crise econômica em Portugal, em 2014. A volta do crescimento econômico nos anos seguintes atrairia um perfil diversificado, em busca de estabilidade ou de oportunidades. Estudantes, como André e Vinícius, ganham peso cada vez maior entre o contingente geral de imigrantes – e tornam-se atores relevantes para o financiamento do ensino superior português.

Neste momento, pesquisadores da área perguntam-se se o período pós-pandêmico caracterizará uma quinta onda migratória. Uma das inovações seria a relevância dos nômades digitais ou, como definiu o historiador Eric Hobsbawm (2013, p. 42), pessoas transnacionais, “que atravessam fronteiras sem dar a isso grande importância, uma vez que sua existência não está presa a nenhum lugar ou país em particular”. Esse não é mais um fenômeno marginal. Segundo relatório da Nomadlist¹¹, há mais de 1,3 milhão de brasileiros nômades pelo mundo. E Lisboa foi eleita, em 2023, pelo terceiro ano consecutivo, a melhor cidade do planeta para esse grupo, em função de uma fusão atrativa de clima solar, custo de vida relativamente baixo (para os padrões de países ricos) e, principalmente, políticas fiscais e imigratórias de incentivo a esses trabalhadores.

Imigração em família

A carioca Leslie van Lammeren, de 26 anos, chegou a Portugal bem mais nova que André, aos 16 anos de idade. A princípio,

11 NOMAD List – Best Places to Live for Digital Nomads. Disponível em: <https://nomadlist.com>. Acesso em: 4 ago. 2023.

diz, não gostou muito da ideia. “Fui meio aborrecente”, reconhece. Como uma típica jovem de classe média, ela curtia a vida nas praias do Rio de Janeiro e pensava que, se fosse para sair do país, o destino ideal seriam os Estados Unidos. Mas as coisas tomaram um rumo muito diferente.

Um dia, a mãe, jornalista e educadora, chegou em casa com a notícia-bomba: havia sido aprovada para um doutorado em Ciência e Tecnologias das Artes na Universidade Católica Portuguesa, no *campus* do Porto. Estava animada. Nunca havia morado fora do país e, por ser “muito CDF”, ficou encantada com a proposta e com a perspectiva de dedicar um tempo somente aos estudos. O pai, músico, pianista clássico, embarcou imediatamente no sonho. Ele mesmo tinha vontade de ver como era o cenário musical na Europa e achou que Portugal seria um bom ponto de apoio para essa exploração. Considerando a tradição do Velho Continente na música clássica, aquilo lhe pareceu uma ótima oportunidade. O irmão, que à época fazia faculdade de Jornalismo, também se entusiasmou.

Só ela não gostou muito da ideia. “Eu vivia em Copacabana, no auge da adolescência, com os meus amigos, saindo na noite, vivendo a vida. Falei que não queria.” Diante da resistência, os próprios pais começaram a hesitar. Será que fazia sentido aquele movimento drástico? Afinal, a vida estava relativamente tranquila no Rio. O pai tocava e dava aulas, a mãe trabalhava na Fundação Roberto Marinho, com projetos educativos, e o irmão estava na universidade. Tinham todos os confortos que uma família de classe média pode ter, na zona sul do Rio de Janeiro. Por que renunciar a tudo isso?

Curiosamente, à medida que os pais começaram a ter dúvidas, Leslie mudou de ideia. Talvez por se sentir culpada, por ser a única a não se entusiasmar nem um pouco com o projeto. Talvez contagiada

pela alegria da mãe, que queria mesmo curtir aquela aventura. Não sabe. O fato é que em dezembro de 2013 embarcaram para a cidade do Porto. Lesllie recorda as horas antes da viagem:

Lembro perfeitamente que na manhã do dia do embarque eu estava na praia, olhando o mar. Eu pensava: ‘O que que eu estou fazendo?’. Entrei no carro chorando. Pensei também: ‘Caramba, por que a gente não espera ao menos o *réveillon*?’. Mas as passagens estavam mais baratas naquele dia, então saímos mesmo em 29 de dezembro.

Como André e Vinícius, a família Lammeren emigrava sem um plano muito claro. A princípio, era para que a mãe pudesse realizar o sonho de cursar um doutorado. Mas era, sobretudo, pela curiosidade, pelo desejo de explorar. Os anos foram passando e, mesmo sem um plano específico, foram ficando em Portugal. Terminado o doutorado, a matriarca resolveu fazer também um mestrado, invertendo a ordem tradicional dos estudos, e finalmente um pós-doutorado. Em paralelo, Lesllie entrou para a graduação, também em Comunicação, como a mãe e o irmão, e formou-se em 2023.

Os Lammeren chegaram ao Porto três anos antes de André e Vinícius. De modo geral, portanto, a cidade era ainda menos desenvolvida, e apenas começava a entrar na moda, despontando em listas de melhores destinos de jornais globais, como o *The New York Times*¹², por causa da boa comida, do baixo custo e do fator exotismo: Portugal era considerado, ainda, uma joia oculta da Europa.

A mudança na cidade, desde então, não foi tanto em termos populacionais, visto que o número de habitantes do núcleo urbano do

12 BRUNI, Frank. Portugal Old, New and Undiscovered. **The New York Times**. Nova York, 26 mai. 2010. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/05/30/travel/30Douro.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

Porto passou de pouco mais de 220 mil para pouco mais de 230 mil nessa década. Mas o *boom* do turismo chamava atenção: o país como um todo recebeu oito milhões de viajantes em 2013, ante mais de 22 milhões em 2022 – cifra prejudicada, ainda, pelo contexto pós-pandêmico¹³. A título de ilustração, trata-se do dobro de toda a população portuguesa.

Esse tipo de popularidade não vem sem cobrar um preço: no caso, no sentido literal. O custo de vida aumentou consideravelmente, em especial dos aluguéis, e as cidades mais visadas (Lisboa, Faro e Porto) assistiram a uma transformação social e urbana dramática: nos centros dessas capitais, quase não há moradores nativos, apenas alojamentos estilo Airbnb, albergues e hotéis.

Recepção invernal

Não surpreende descobrir que as primeiras impressões da família carioca tenham sido muito similares às primeiras impressões do casal paranaense. Foi uma decepção. Chegaram também no inverno e tiveram a mesma sensação de que a cidade era fria, úmida, escura e vazia. A questão imobiliária também foi um problema. Receberam uma dica para alugarem casa em Matosinhos, cidade vizinha ao Porto e conhecida pelas belas praias, para amenizar a saudade do Rio de Janeiro. Mas a cidade é extensa e, a distância, acabaram fechando o aluguel de um imóvel na parte industrial de Matosinhos – que, como toda zona industrial, é muito pouco interessante para uma família. “A gente chegou e meu pai falou: ‘Onde foi que eu amarrei a minha égua?’. Minha mãe também se perguntava o que a gente estava fazendo ali”, lembra Lesllie.

13 O Turismo em Portugal: factos e números. **Turismo de Portugal**. Lisboa, 2023. Disponível em: https://www.turismodeportugal.pt/pt/quem_somos/Organizacao/information-hub-mne/Paginas/turismo-em-portugal-factos-e-numeros.aspx. Acesso em: 27 out. 2023.

A jovem via também outros problemas: “O que mais incomodava era o frio, a chuva e o silêncio. Parecia que nada acontecia ao redor”. Para piorar, a experiência de Lesllie na nova escola, onde era suposto concluir o ensino médio, foi traumática. Ela conta que, na época, não havia tantos brasileiros nas instituições de ensino portuguesas e, por isso, ela virou uma espécie de “atração” entre os estudantes. “A brasileira”, a única da escola. Odiou. Além disso, ficou com dificuldade de acompanhar as aulas, fosse pela metodologia de ensino, fosse pelo sotaque.

A situação só melhoraria com a troca de escola, onde a presença de estrangeiros era mais normal. Lá fez uma boa amiga, portuguesa, que “mudou tudo” ao lhe dar mais segurança. Fez dois anos de ensino secundário e formou-se, enfim. Em seguida, em busca de inspiração para a escolha da faculdade, resolveu fazer voluntariado em uma companhia de teatro. “Isso me ajudou a ver um lado português mais adulto, não tão infantil como aquela primeira escola, que era muito pequena e limitada”, diz. “Mas o que me fez pensar ‘ainda bem que eu estou aqui’, foi quando eu entrei no meu curso de cozinha. Aí toda a minha vida em Portugal mudou.”

Lesllie sempre gostou de cozinhar. Em 2016, enquanto buscava um rumo para a vida, ficou sabendo de um curso básico de cozinha na Escola de Hotelaria e Turismo do Porto, ministrado à noite, e resolveu arriscar. Despretensiosa, a experiência acabou por se revelar transformadora. “Aquele foi um momento mágico. Ali eu entendi a cultura portuguesa na sua essência e me apaixonei por essa relação entre cultura e gastronomia. De certa forma, eu entrei em Portugal, e na Europa, pela cozinha”, conta.

Hoje, quando pensa em Portugal, Lesllie recorda aquele momento, aquelas primeiras aulas de cozinha, os cortes, os ingredientes.

“Provei muitos pratos diferentes, sabores que eu nunca tinha experimentado.” Apaixonou-se pelo bacalhau com broa, que nunca havia provado. E, sobretudo, pela alheira, um embutido originalmente preparado a partir de carne de aves, pão, azeite e alho, cuja origem está relacionada à perseguição aos judeus durante a Inquisição Espanhola, nos séculos XV e XVI. A história é curiosa: uma das formas de os inquisidores descobrirem se alguém era ou não judeu era observar o consumo de carne de porco, proibido no judaísmo. Para burlar a prática, os judeus de Trás-os-Montes, em Portugal, que também foram alvo da Inquisição, criaram essa salsicha que parece ter carne suína, mas não tem.

Hoje, a alheira é patrimônio nacional português e aparece em inúmeras versões: com ou sem carne suína e até em opções vegetarianas. A história fascina Lesllie e é um exemplo de como culinária e cultura começaram a se misturar na cabeça dela. Apaixonada pela descoberta, ela intimou um dos seus professores favoritos, um *chef* francês, a aceitá-la como estagiária. A determinação deu frutos. O *chef* a chamou para trabalhar no restaurante de um hotel. “Com ele, aprendi o que era estar em uma cozinha profissional.” Além de arrumar estágio (e inspiração profissional), a escola de gastronomia também rendeu a ela um romance. Lá conheceu Pedro, seu namorado ainda hoje, que se dedicava ao estudo de bebidas.

O *chef* era francês. Pedro é português. Os colegas de cozinha, na maioria, portugueses também. Lesllie era a única brasileira em um ambiente notoriamente conhecido por ser machista e implacável, em um país majoritariamente conservador. Sofreu muito assédio, conta, mas ele não vinha de homens e não tinha cunho sexista. Era assédio moral e xenofobia, vindos de colegas mulheres, uma cozinheira e uma subchefe. “Mulheres adultas, com filhos.”

Eu ouvia coisas como ‘o que essa brasileira está fazendo aqui? Ela não sabe de nada’. Falavam que as brasileiras eram todas prostitutas, que eu devia estar saindo com o *chef* para ter conseguido aquele estágio. O mais triste é que isso vinha de mulheres portuguesas, e eu só estava ali para aprender, não ameaçava ninguém. Chorei muito durante esse período, era tudo muito injusto.

Suportou dois anos no hotel, trabalhando como voluntária, sem salário, até cansar. Recebeu o apoio de uma colega italiana, relata, que a ajudou a atravessar períodos difíceis. A cozinha é um universo traiçoeiro, conta. Na escola, embora ouvisse piadinhas preconceituosas, diz que eram menos frequentes e menos ofensivas. “Quem sofria mais eram os colegas de Angola, negros. Sofriam muito racismo.”

O tempo no restaurante foi um período cheio de contradições. Ao mesmo tempo em que se sentia finalmente mais próxima de Portugal, por meio do aprendizado das tradições culinárias, técnicas, ingredientes, também sentia um tipo de preconceito inédito até então. De onde vinha esse preconceito? Lesllie refletiu sobre o tema e tem uma teoria:

Portugal é muito fechado, tem um pensamento de aldeia, de cidade pequena. Mesmo em uma cidade grande, a maior parte das pessoas vieram de aldeias. Não são metrópoles globalizadas, cosmopolitas. Aqui há muita resistência, gente que se assusta com o diferente.

E completa:

É sempre perigoso generalizar, mas acho que é comum na Europa esse sentimento de superioridade, de acharem que o Velho Continente sabe mais que o restante do mundo. E, na relação Portugal-Brasil, isso é muito forte, esse sentimento de superioridade por parte dos portugueses.

Os brasileiros em Portugal são, ainda hoje, assombrados pelos fantasmas do colonialismo. Ele está expresso em um sentimento mútuo de desconfiança que parece rondar as relações entre os povos. Da porta para a fora, nas ruas, bares, escolas, escritórios, hospitais, esse sentimento sutil é mais perceptível. Ambas as partes tecem suas críticas, nem sempre justas. Os portugueses são isso, os brasileiros são aquilo. Mas nos espaços privados, dentro de casa ou entre amigos próximos, a assombração é facilmente exorcizada, pois não resiste a uma verdadeira abertura ao diálogo. Ao mesmo tempo em que se ouvem inúmeras histórias de brasileiros maltratados durante exaustivas jornadas de trabalho, escuta-se outras tantas de famílias multiculturais que se formam no Velho Continente, celebrando o encontro dos povos.

Leslie teve ambas as experiências: o assédio na cozinha e o acolhimento por parte não apenas de Pedro, o namorado português, mas por toda a novíssima família lusitana. Após o intensivo período trabalhando com o *chef* em um hotel portuense, descobriu que seu lugar não era ali. Queria estar em contato com a gastronomia, mas não necessariamente dentro da cozinha. Optou, então, pela faculdade de Comunicação, pensando em formas de reunir esses interesses. Ainda que não cozinhasse profissionalmente, poderia escrever sobre o assunto.

No ano seguinte, depois de uma “experiência maravilhosa” ensinando crianças a cozinhar em uma escola inglesa no Porto, fez estágio em uma revista francesa de gastronomia. Conseguia, enfim, reunir os seus interesses de uma forma profissional – e remunerada.

O retorno

Leslie se formou em meados de 2023. Meses depois, em setembro, a família toda voltaria ao Brasil, após dez anos intensos em Portugal. Na “bagagem”, veio também o namorado, Pedro, que se entusiasmou com a

oportunidade de morar no Rio de Janeiro. As razões para a volta foram basicamente duas. Em primeiro lugar, a distância da família brasileira, que já começava a pesar demais. Sentiam falta, por exemplo, da avó de Leslie, que precisa de cuidados. Em segundo, mas não menos importante, um certo cansaço diante dos atritos provocados pelo choque de culturas. “Quem mais sofreu com isso foram os meus pais”, conta.

Eu tenho saudade do nosso jeito mais pragmático de ser, mais agilizado, mais flexível. Aqui é tudo muito formal, muito polido, e eu acabei me transformando em uma pessoa muito mais séria do que eu era e acho que preciso de um equilíbrio nisso. Mas, enquanto eu fui aprendendo, estudando e me ajustando, porque cheguei muito nova, os meus pais não se adaptaram nem um pouco, especialmente o meu pai. Portugal foi cruel com ele.

A crueldade, no caso do pai, é proporcional à expectativa. Pianista de repertório clássico, ele tinha a esperança de que o Velho Continente proporcionasse trabalho, estudo, inspiração. Não foi bem o que encontrou:

A experiência de quem vem para aprender, jovem, como eu, não se compara à experiência de alguém que já vem formado. Meu pai já tem uma formação extensa, mas falaram para ele que tudo o que ele estudou no Brasil não valia de nada na Europa. Realmente fecharam todas as portas. Foi muito difícil para ele.

Leslie observa que, além disso, o pai decepcionou-se com a forma de estudar e fazer música, que achou “robotizada” e sem criatividade. Ela fala que a mãe também teve dificuldades de adaptação, mas, como tinha desde o início um objetivo claro, o de fazer o doutorado, foi mais fácil superar as adversidades, e seu foco em estudar

ajudava a “criar uma distração”. Quando o doutorado acabou, contudo, “a primeira coisa que minha mãe falou foi: vamos embora”. Mas os pais pensaram melhor e, como naquele momento a filha estava na universidade, decidiram esperá-la terminar os estudos.

O único a resistir à ideia do retorno foi o irmão. Aconteceu com ele, segundo Lesllie, um fenômeno contrário ao que ocorreu no resto da família, mas também comum entre os imigrantes que ela conhece. “Ele criou quase uma ojeriza a tudo o que é relacionado ao Brasil. Para ele, o Brasil não tem nada de bom a oferecer”, diz a jovem. Ele aceitou voltar, contudo, pela questão familiar, pela saudade da avó. Além disso, ficar sozinho em Portugal seria, agora, inviável, por causa da disparada no custo de vida. Lesllie reconhece que esse foi outro aspecto que começou a pesar para a família. A combinação de pandemia, guerra na Ucrânia e juros recordes na Europa fizeram os preços saírem do controle. “As coisas aqui começaram a ficar muito caras. Sentimos o peso não só no aluguel, mas até para fazer compras no supermercado. Tudo encareceu muito.”

Ao contrário do irmão, Lesllie diz que regressa ao Brasil com uma visão muito mais favorável ao país:

As pessoas falam que o Brasil é caro, que não está bom, que tem muita violência. Mas tudo isso também acontece na Europa. A minha chefe na revista de gastronomia, por exemplo, mora em Paris e conta histórias de violência, de assaltos. Lá as coisas também estão muito caras e há muita pobreza. O aluguel de um quarto em Lisboa já está perto de bater em mil euros, é um absurdo! Quer dizer, o Brasil tem seus problemas, mas aqui também não é nenhum paraíso.

Nesses dez anos, a jovem diz que aprendeu sobretudo a não julgar nem as pessoas, nem as culturas. “No início eu fui muito resistente,

mas, quando aceitei a existência das diferenças, mudei por completo.” Ela enfatiza a importância de resistir ao complexo de inferioridade e diz conhecer gente que tinha um emprego dos sonhos no Brasil, mas decidiu emigrar “apenas porque sim”, por causa de uma visão deturpada do Brasil e da Europa, e agora está em Portugal “comendo o pão que o diabo amassou”. E aconselha: “Tem que pensar muito bem se é realmente isso que você quer”.

Para Lesllie, a experiência em Portugal foi positiva a partir do momento em que aceitou a diferença de culturas e começou a não mais tentar impor seu “jeito de ser”, mas perceber como as coisas funcionam para os portugueses. Admira, por exemplo, o realismo português, com os pés plantados no chão. Se está bom, está bom, mas, se está ruim, está ruim. Ponto. Os comentários são muito diretos e honestos. “O brasileiro fantasia muito e também leva críticas sempre para o lado pessoal”, avalia. “Uma coisa que levarei comigo é entender que as críticas são ao trabalho, e não a mim como pessoa. Aprendi isso na marra.”

Namorar um português ajudou no processo, diz. Pedro explicou que muitas situações que poderiam parecer preconceito eram apenas críticas, sem meias-palavras, ao trabalho realizado. “O brasileiro é mais emotivo, então leva tudo muito a peito”, conta. Às vésperas de viajar, ela sente uma mistura de emoções. “Quando cheguei, eu já queria ir embora no primeiro mês. Agora, o sentimento é outro”, diz. Talvez Lesllie experimente um sentimento difícil de nominar, mas que vagueia nas idas e vindas entre Portugal e Brasil, mundos tão parecidos, embora tão diferentes.

“Recentemente viajei para Coimbra, pela primeira vez, e me veio uma sensação de que eu gosto mais daqui do que eu imaginava.” A jovem reconhece que todo lugar tem seus problemas, que em todo lu-

gar há preconceito, mas que Portugal tem muitas coisas boas. Embora mais madura, ela ainda não consegue responder à pergunta que abre este texto e ressoa em tantas casas e em tantos bares do país: afinal, o que leva os brasileiros a viver em Portugal? Mas Lesllie sabe que volta dessa experiência mais rica. Ela conta que ficou muito emocionada ao ouvir um fado típico de Coimbra. Às lágrimas, parecia reconhecer o quanto Portugal está entranhado em sua alma. Afinal, o que poderia ser mais português do que emocionar-se diante de um fado?

Sentes que um tempo acabou,
Primavera de flor adormecida,
Qualquer coisa que não volta, que voou,
Que foi um rio, um ar, na tua vida

E levas em ti guardado
O choro de uma balada,
Recordações de um passado
E o bater da velha cabra¹⁴

Capa negra de saudade
No momento da partida
Segredos desta cidade
Levo comigo pra vida

A canção não poderia ser mais apropriada naquele momento. Um grupo de formandos da venerável Universidade de Coimbra, que já soma 733 anos de fundação, tocava naquele dia a *Balada de Despedida*¹⁵.

14 “Cabra” é um sino da Universidade de Coimbra, cujo ressoar assinala o início e o fim das aulas.

15 A canção, composta nos anos 1950 por Francisco Bandeira Mateus e Fernando Machado Soares, é uma das mais famosas da música portuguesa.

Referências

BARBOSA, Alanni; LIMA, Álvaro. **Brasileiros em Portugal**: de volta às raízes lusitanas. Brasília: Funag, 2020.

DE MATOS, Fátima Loureiro. **Espaços Públicos e Qualidade de Vida nas Cidades**: o caso da cidade do Porto. Repositório Aberto da Universidade do Porto. Porto, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/73469>. Acesso em: 27 out. 2023.

FERNANDES, Duval *et al.* A Quarta Onda da Imigração Brasileira em Portugal: uma história breve. **Revista Latinoamericana de Población**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 34-63, 2021.

FERNANDES, José Alberto Rio *et al.* **A Baixa do Porto**: arquitetura e geografia urbana 2010-2020. Porto: Book Cover Editora, 2021.

GABRIEL, Eduardo. Imigrante Brasileiro em Portugal: “pé de passada”. **Revista Travessia**, São Paulo, n. 67, p. 91-104, 2010. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/461>. Acesso em: 27 out. 2023.

HOBSBAWM, Eric. **Tempos Fraturados**: cultura e sociedade no século XX. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARTÍN-CONSUEGRA, Fernando *et al.* Pobreza energética: experiências europeias de análise nacional, regional e urbana. O caso da Península Ibérica, Europa. In: **Bioclimática Sustentável e Resiliente**, 2019. Disponível em: <https://digital.csic.es/handle/10261/211116>. Acesso em: 27 out. 2023.

OLTRAMARI, Andrea Poletto *et al.* A Quarta Onda de Imigrantes Brasileiras e Brasileiros em Portugal: redes, classe social e gênero em evidência nas relações de trabalho. **Revista Gestão & Conexões**, v. 1, n. 12, p. 49-71, 2023.

Espanha

Uma janela para histórias latino-americanas

Sandra Beltrán Baeza

Considerado um país de emigração até a primeira metade do século passado, a Espanha mudou radicalmente sua condição de território de êxodo como consequência do crescimento econômico e da entrada na União Europeia no final dos anos 1980. A abertura ao mundo e a modernização econômica e industrial fizeram com que, em pouco tempo, passasse de ser um país de emigrantes – devido ao exílio da Guerra Civil e, posteriormente, ao estancamento econômico – e se tornasse uma das grandes portas de entrada de estrangeiros de outros continentes na Europa. Hoje, segundo o Instituto Nacional de Estadística (INE)¹, 14% da população da Espanha – cerca de 6,3 milhões do total de 48 milhões – é composta por imigrantes.

Em 2001, o país, historicamente pouco acostumado à recepção de população estrangeira do Hemisfério Sul, viveu seu primeiro

¹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). *Estadística Continua de Población*. Madrid, 2023. Disponível em: <https://www.ine.es>. Acesso em: 21 ago. 2023.

boom de imigração, e o tema passou a ser central para a sociedade. Nesse aspecto, destoava dos seus vizinhos de fronteira, Portugal e França, que, mesmo com contexto político e econômico diferentes, tinham maior experiência migratória. A França já contava com uma comunidade numerosa e diversa de africanos, europeus do sul – incluindo uma grande comunidade espanhola – e asiáticos. Portugal, por sua vez, havia anos que vinha recebendo cabo-verdianos, angolanos e brasileiros.

Os primeiros registros mais específicos do INE² sobre a imigração na Espanha datam de 1998. Nesse ano, o país contava oficialmente com pouco mais de 600 mil estrangeiros, o que representava 1,6% da população, a maioria procedente da União Europeia. Em 2001, a cifra saltou para cerca de 1,4 milhão, e o número de imigrantes que viviam em situação regular dobrou, passando a representar 3,3% do total. Os cidadãos de outros países europeus representavam cerca de 30% dos imigrantes, os latino-americanos correspondiam a 26% e os africanos somavam 23%, com população predominantemente marroquina.

O primeiro auge de migrantes econômicos, ao que parece, pegou de surpresa não só a sociedade espanhola, mas também instituições como a polícia nacional, responsável pela documentação de estrangeiros, na qual se percebia certa improvisação e falta de preparo para estabelecer parâmetros nas normas de migração, e outras entidades sociais, que mal conseguiam atuar como mediadoras. Começaram a surgir atritos e reações racistas. A comunidade marroquina, formada principalmente por homens que trabalhavam na agricultura, foi a que mais sofreu hostilidades e atos xenófobos nessa primeira etapa.

2 Idem.

A comunidade latino-americana também começou a ser vista como ameaça, pois os *sudacas*, como são chamados de forma pejorativa, são tidos como pessoas que vinham para roubar o trabalho dos espanhóis. O termo *sudaca*, vale ressaltar, é uma deformação e abreviação de sul-americano, que começou a ser usado nos anos 1970 com a chegada de exilados argentinos, chilenos e uruguaios. A expressão tomou conotações pejorativas nos anos 1980 e hoje faz referência a pessoas de toda América Latina.

Carregando marcas que vêm de longa data e abrangendo uma série de aspectos relacionados tanto com o espaço geográfico comum como à cultura, especialmente a literatura, os latino-americanos são uma espécie de grupo homogêneo no imaginário espanhol. O *boom* de escritores latinos³, cuja obra repleta de exotismo e referências regionais impactou o mundo editorial da Espanha nos anos 1970 e 1980, talvez tenha muito a ver com isso. Essa noção terminou por abarcar a migração e o próprio coletivo latino-americano.

Construindo um grupo heterogêneo e sendo o mais numeroso da Espanha, hoje a comunidade latino-americana é composta por migrantes de mais de dez países que, oficialmente, alcançam 1,4 milhão de pessoas, segundo o INE⁴, correspondendo a 36% da imigração total em terras espanholas. No entanto, o seu peso real pode ser muito maior, já que nessas contas não estão incluídas pessoas indocumentadas, que poderiam chegar a cerca de 300 mil indivíduos. Ademais, esse

3 “O *boom* foi essencialmente um fenômeno editorial, centrado sobretudo no gênero do romance. [...] Foi sublinhado um certo internacionalismo ou identidade regional e nacional, que não se distanciava da narrativa histórica, mas a utilizava como pano de fundo”. Original em espanhol, tradução nossa. Fonte: BOOM latinoamericano. **Concepto**, Argentina, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://concepto.de/boom-latinoamericano>. Acesso em: 10 out. 2023.

4 INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). **Estadística Continua de Población**. Madri, 2023. Disponível em: <https://www.ine.es>. Acesso em: 21 ago. 2023.

contingente tampouco leva em conta os descendentes de espanhóis, que normalmente entram no país com nacionalidade espanhola.

Os laços culturais e a língua comum estão entre fatores determinantes que motivam os latino-americanos a atravessar o oceano Atlântico e se estabelecer na Espanha. Possivelmente, a mesma razão que estimulou os espanhóis a embarcarem para as Américas no início do século passado. Nesse aspecto, é importante mencionar que, entre 1900 e 1930, chegaram à América cerca de quatro milhões de espanhóis e, posteriormente, nos anos 1950, outro 1,5 milhão distribuiu-se pela Venezuela, Argentina, Brasil, Uruguai, Colômbia e México, de acordo com estudos sobre a Emigração Espanhola à América Latina⁵.

Testemunha desse vaivém de pessoas, o oceano Atlântico faz parte dessa relação complexa, quase familiar, carregada de tabus, contradições e cheia de altos e baixos, em que se alternam tensões e aproximação. Há momentos fraternos nessa interação, como quando se reconhece como um todo uma poderosa comunidade de cerca de 500 milhões de pessoas que têm o espanhol como língua materna, o segundo idioma com mais falantes autóctones no mundo depois do mandarim, de acordo com o Instituto Cervantes⁶. Mas também há situações amargas como o distanciamento experimentado com a entrada da Espanha na União Europeia, que relegou a América Latina à posição de primo pobre.

5 PALAZÓN FERRANDO, Salvador. La Emigración Española a América Latina durante el Primer Franquismo (1939-1959). *Anales de la Universidad de Alicante. Historia Contemporánea*, n. 8-9: p. 215-231, 1991-1992. Universidad de Alicante, 2013. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/54678/1/Anales-Historia-Contemporanea_08-09_13.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

6 ANUARIO del Instituto Cervantes 2022. Madri, 2022. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/anuario/anuario_22/. Acesso em: 10 out. 2023.

A relação do que é hoje a região hispano-americana está repleta de vasos comunicantes. É uma dinâmica ágil e mutante, uma arena onde se disputam espaços, poder, história, hierarquia e autoridade, tendo o binômio colônia-colonizador como pano de fundo. No ano do auge da imigração, em 2001, a comunidade latino-americana⁷ alcançou cerca de 400 mil residentes regularizados, quase o triplo de moradores existentes três anos antes, quando foram registrados pouco mais de 132 mil indivíduos em situação regular.

Sua presença era notória nas grandes cidades, como Madri, onde os peruanos, uma das nacionalidades mais numerosas na época, reuniam-se no Parque do Retiro para vender *ceviche*, procurar emprego, jogar vôlei ou até mesmo cortar o cabelo em barbearias improvisadas nos bancos públicos. Também nos bairros mais periféricos, evidenciavam-se os dominicanos e os colombianos que, nos fins de semana, se encontravam em pequenos bares de comidas típicas, animados quase sempre por ritmos latinos como a salsa, o merengue ou a bachata.

Era uma comunidade imigrante majoritariamente feminina, que se ocupava normalmente com o serviço doméstico, a limpeza ou o cuidado de idosos. Com o tempo, esse conglomerado de latinos começou a ser amparado por organizações não governamentais e associações que se organizavam, sobretudo, por país de procedência e trabalhavam na informação e no apaziguamento de parte da população espanhola, receosa com uma comunidade latina que não parava de crescer.

7 INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). **Población Extranjera por Nacionalidad, Comunidades, Sexo y Año**. Madri, 2002. Disponível em: <https://www.ine.es/jaxi/Datos.htm?path=/t20/e245/p08/10/ &file=02005.px>. Acesso em: 10 out. 2023.

Filhos, netos e bisnetos da Espanha

Aos 26 anos, o colombiano Daniel Franco Sánchez faz parte dessa Babel de quase 1,5 milhão de imigrantes hispanos na Espanha que não precisaram aprender o idioma para se comunicar. Mais caribenhinho do que colombiano⁸, como diz brincando, já leva seis anos nesta aventura migratória e reconhece que foi no lado leste do Atlântico onde tomou consciência da sua origem colombiana e latino-americana. Editor e escritor, formado em Literatura e Criação Literária, ele fundou a Editora Graviola, em Pamplona, capital da província de Navarra. Hoje, o projeto empresarial é uma janela aberta a escritores latino-americanos contemporâneos cuja produção se vincula à temática da migração.

No catálogo da editora constam nomes como o da artista e poeta colombiana Laura Márquez Estrada, que mudou-se aos 11 anos para o sul da Espanha. Em *Patios Interiores* (2021), ela fala da divisão emocional que experienciou entre os dois países onde viveu. José Antonio Funes, poeta e professor de literatura hispano-americana hondurenho, que em *Estación Permanente* (2023) faz confluir lembranças da infância, saudades e desapego de seu país natal em uma clara reivindicação à memória, também é um registro que chama atenção na lista de publicações.

À frente da Graviola, Daniel faz parte da quarta nacionalidade imigrante mais populosa da Espanha, conforme o INE⁹. De pele clara e quase loiro, Daniel não responde ao estereótipo físico do seu país, mas a partir do momento em que fala, a condição de forasteiro

⁸ Toda essa entrevista foi concedida em espanhol e transcrita aqui em português, com tradução nossa.

⁹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). *Estadística Continua de Población*. Madrid, 2023. Disponível em: <https://www.ine.es>. Acesso em: 21 ago. 2023.

aflora. É como se toda a estrangeiridade dele se concentrasse nas palavras, matéria-prima de seu ofício de editor e escritor. Ironicamente, foi esse sotaque de ritmo cadenciado – quando comparado ao do espanhol europeu – que o levou a se perguntar o que é ser colombiano fora de seu país e qual a percepção que os espanhóis têm da comunidade imigrante.

Como a maioria dos compatriotas, Daniel fez a travessia atlântica buscando um futuro melhor, planejado desde muito cedo pelos seus pais, mas que não necessariamente implicava uma melhora na situação econômica. Filho de profissionais liberais do Caribe colombiano, a mãe é *designer* de ambientes e o pai foi um alto executivo de uma companhia energética, que hoje trabalha como consultor. Como já o tinha feito o irmão mais velho, que estudou na Inglaterra e hoje mora na Dinamarca, Daniel sabia que estudaria fora do país. Mais tarde chegaria a vez da irmã caçula, que hoje mora em Barcelona.

A Colômbia lidera o *ranking* da emigração latino-americana para a Espanha e estima-se que seja uma das que mais crescerá nos próximos anos. Em um estudo que leva em conta os números dessa imigração em terras espanholas, o historiador e cientista político Jaime Álvarez LLanos (2012, p. 44-45) observa que essa é uma questão multidimensional que envolve tanto os cidadãos que chegam como aqueles que vivem no país que acolhe:

[...] é necessário assinalar que as implicações demográficas, políticas e econômicas de uma imigração tão significativa, como é o caso dos colombianos na Espanha, terão um impacto inegável na vida social, familiar e cultural das pessoas envolvidas no fenômeno migratório¹⁰.

10 Original em espanhol, tradução nossa.

Calcula-se que cerca de meio milhão de colombianos vivem hoje em território espanhol. Em torno de 316 mil estão em situação regular de um total de 6,5 milhões de imigrantes na mesma situação, segundo dados do INE¹¹, relativos a 2022. Esse número está muito abaixo da comunidade marroquina, a mais numerosa, com mais de 883 mil, e da romena, a segunda da lista, com mais de 627 mil pessoas, com direito automático de permissão de trabalho e residência por ser membro da União Europeia.

Em uma tentativa de gerar um mapeamento do total de indocumentados na Espanha, a Fundación PorCausa¹² realizou um estudo em 2020 e calculou que o número varia de 390 mil a 470 mil pessoas. Sem dados específicos por país, estima-se que 77% sejam latino-americanos, o que corresponde a cerca de 330 mil, dos quais mais da metade seriam colombianos, venezuelanos e hondurenhos. Há ainda outros dados: mais da metade são mulheres, a maioria tem menos de 40 anos e ocupa vagas no subemprego.

Em 2016, quando Daniel chegou a Pamplona para estudar na Universidade de Navarra, já fazia um ano que os colombianos não precisavam mais do visto de entrada. A medida, que tinha sido imposta pela União Europeia à Espanha, começou a valer a partir de janeiro de 2001 e vigorou até dezembro de 2015, provocando protestos de muitos intelectuais colombianos. Poucas semanas depois de a norma ser decretada, Gabriel García Márquez, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, anunciou que não poria os pés na Espanha enquanto a medida estivesse valendo.

11 INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). **Estadística Continua de Población**. Madri, 2023. Disponível em: <https://www.ine.es>. Acesso em: 21 ago. 2023.

12 FUNDACIÓN PORCAUSA. Madri, 2022. Disponível em: <https://porcausa.org>. Acesso em: 12 jul. 2023.

O célebre autor de *Cem Anos de Solidão* (1967)¹³ escreveu uma dura carta ao então presidente espanhol José María Aznar, na qual alertava que “a solidariedade cultural das nações hispânicas e americanas não pode ser apenas uma questão de retórica”. Continuava o autor, no texto também assinado pelos conterrâneos Fernando Botero, Álvaro Mutis, Fernando Vallejo, William Ospina, Darío Jaramillo Agudelo e Héctor Abad Faciolince:

Os hispano-americanos não podem ser tratados pela Espanha como mais um estrangeiro. Aqui há os braços e os cérebros de que se precisa. Somos filhos, ou se não filhos, pelo menos netos ou bisnetos da Espanha. E quando não estamos unidos pelo sangue, estamos unidos por uma dívida de serviço: somos os filhos ou netos dos escravos e servos injustamente submetidos pela Espanha. Não podemos ser acrescentados quando se trata de realçar a importância da nossa língua e da nossa cultura, para depois sermos subtraídos quando lhes convém na Europa.¹⁴

Quando a restrição começou, a comunidade colombiana contava com pouco mais de 87 mil pessoas, segundo o INE¹⁵. Mais da metade eram mulheres que trabalhavam no serviço doméstico ou cuidando de idosos e destinavam boa parte do salário à manutenção da família no país natal. No ano seguinte, contraditoriamente ao que se poderia esperar com a implantação da medida, os colombianos passaram a somar 191 mil residentes regulares, constituindo o segundo grupo

13 GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien Años de Soledad*. Bogotá: La Oveja Negra, 1967.

14 Original em espanhol, tradução nossa. Fonte: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Señor Presidente. *El País*. Madri, 18 mar. 2001. Disponível em: https://elpais.com/diario/2001/03/18/espana/984870010_850215.html?event_log=go. Acesso em: 10 out. 2023.

15 INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). *Estadística Continua de Población*. Madri, 2017. Disponível em: <https://www.ine.es>. Acesso em: 21 ago. 2023.

hispano-americano mais populoso, atrás apenas dos equatorianos, que no mesmo ano eram quase 260 mil residentes.

O fluxo de entrada continuaria nos anos posteriores como consequência de uma das piores e mais complexas crises vividas na Colômbia, cujo auge ocorreu entre 1996 e 2002, e que deixou marcas na economia e na segurança pública do país. Um conflito armado, em que confluíram, por um lado, as guerrilhas que lutavam pelo poder de territórios e, por outro, a violenta reação dos corpos paramilitares e o narcotráfico. A violência, que abalou todas as esferas da sociedade, provocou o maior deslocamento forçado da população rural para as grandes cidades, uma recessão econômica sem precedentes e a saída de exilados e refugiados.

Nenhum colombiano saiu ileso dessa crise, nem mesmo a família Franco Sánchez. Devido ao cargo que o patriarca ocupava na época, como executivo de uma companhia de energia elétrica, as mudanças de cidade da família pelo Caribe eram constantes. Nesse período, Daniel pôde morar em Barranquilla e em Cartagena de Índias, considerada uma das joias do litoral colombiano e Patrimônio da Humanidade da Unesco. A vivência no Caribe era uma das razões por que ele se considerava um garoto do litoral, um lugar, diz, que o marcou em muitos aspectos. Mas a mudança para Santa Marta, em 2004, rompeu essa dinâmica familiar da migração interna.

Com a Colômbia imersa na violência, seu pai preferiu não se arriscar e, ante as ameaças das Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (Farc), buscou um lugar seguro para manter a família protegida. Na época, Daniel tinha sete anos, o país já tinha superado o período mais dramático, mas o conflito estava longe de terminar. Atualmente, o processo de pacificação das guerrilhas ainda segue. O narcotráfico apaziguou-se, mas tantos anos de brutalidade criaram uma cultura de violência de que a nação ainda não se desvencilhou.

Provavelmente, a busca por segurança e o anseio por um futuro melhor levaram Daniel para uma vida de migração, embora ele não mencione isto diretamente. Se sim ou se não, a saída encontrada por ele não difere muito da de seus compatriotas. Segundo estudo da Organização Internacional para as Migrações (OIM)¹⁶, em torno de 20% dos emigrantes colombianos têm a violência e as ameaças como motivação para optar por viver na Espanha, ante os 60% que fazem essa escolha por problemas econômicos.

Língua, literatura, cultura

Uma das grandes motivações dos colombianos para a escolha da Espanha como destino é o idioma comum. Para Daniel, a facilidade da língua foi, de fato, um dos estímulos para viver no país. Ele avalia que o interesse pela literatura produzida em espanhol também tenha pesado, ainda que até a adolescência sua atenção literária estivesse voltada para o mundo anglófono. Embora a curiosidade por obras em espanhol tenha chegado mais tarde, três escritores românticos colombianos foram responsáveis por esse interesse que virou paixão.

O escritor lembra que ficou fascinado por *La Vorágine*, obra de José Eustasio Rivera, cuja primeira edição foi publicada em 1924¹⁷ e narra a violência na selva amazônica causada pela febre da borracha no final do século XIX. A poeta de origem libanesa Meira Delmar e o romancista e poeta Jorge Isaacs também nutriram o imaginário do jovem escritor e editor ao mostrarem uma Colômbia que ele não conhecia, levando-o a descobrir outros autores do continente, como o argentino Júlio Cortázar e a uruguaia Idea Vilariño.

16 ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES (OIM). **Migración Colombiana en España**. Madri, 2015. Disponível em: <https://publications.iom.int>. Acesso em: 5 jul. 2023.

17 RIVERA; José Eustasio. **La Vorágine**. Bogotá: Editorial Sol 90, 2001.

Com o tempo, a ideia de escrever foi se assentando na sua cabeça e ele decidiu buscar um destino de língua espanhola para viver. Pensou em mudar para Bogotá ou ir para a Argentina, mas acabou se decidindo pela Espanha por uma série de facilidades que a Universidade de Navarra lhe ofereceu. Aos 19 anos, ele aterrissou em Pamplona para fazer faculdade de Jornalismo, que ele acabou abandonando para estudar Literatura e Criação Literária.

Daniel sorri quando conta que tinha uma grande expectativa de ser acolhido na Espanha. “Achava que as pessoas iam me receber de braços abertos, que iam perguntar como era o meu país e o Caribe”, diz. “Pensava que os espanhóis iriam me considerar super *cool*, por ser colombiano e porque lá o estrangeiro costuma ser bem recebido. Me imaginava contando às pessoas que na Colômbia também havia uma comunidade árabe, outra libanesa e pensava que isso seria um elo de união”, argumenta. Mas a realidade não foi bem assim.

No ano em que ele chegou, a Espanha saía da grave recessão econômica e do estancamento do fluxo migratório: mais de 800 mil imigrantes econômicos tinham retornado aos países de origem durante a crise, segundo o INE¹⁸. Nesse mesmo ano, a imprensa espanhola celebrou a chegada de quase 90 mil novos imigrantes, o que era o sinônimo de melhora econômica e de recuperação da população pela primeira vez em dez anos. “Espanha recupera o saldo migratório positivo em 2016”, estampava em espanhol a matéria do portal *Libre Mercado*¹⁹.

18 INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). *Estadística Continua de Población*. Madri, 2017. Disponível em: <https://www.ine.es>. Acesso em: 21 ago. 2023.

19 MARTÍNEZ, Ángel. España recupera el saldo migratorio positivo en 2016. *Libre Mercado*, Madri, 4 jul. 2017. Disponível em: <https://www.libremercado.com/2017-07-04/espana-recupera-el-saldo-migratorio-positivo-en-2016-1276602262/>. Acesso em: 10 out. 2023.

Os espanhóis percebiam a imigração como peça fundamental para equilibrar o sistema de aposentadoria e o cenário econômico, e isso, sem dúvida, ajudou para que olhassem a chegada desses migrantes de modo positivo. No caso dos colombianos, já havia se formado uma comunidade e uma rede importante que se tornou essencial para que o fluxo migratório continuasse e crescesse. Como acontece em muitos casos das migrações latinas, familiares e amigos são um elemento fundamental na logística de chegada, funcionando como um polo de atração.

Essa rede de conterrâneos, que costumava ser ativada no momento de projetar a saída da América Latina, é igualmente importante no período de chegada e adaptação ao cotidiano espanhol. Quem já está há mais tempo no país funciona como uma espécie de cicerone para os que chegam, ajudando na busca por trabalho, moradia ou na complicada burocracia para conseguir a regularização. Eles também servem de fonte de informação e abrem canais dentro da comunidade imigrante já existente, que costuma ser composta por compatriotas. E a ajuda vai além: segundo Álvarez LLanos (2012), esses familiares e amigos que já estão na Espanha são essenciais no apoio emocional, permitindo ao migrante recém-chegado se adaptar às expectativas, objetivos e frustrações na nova realidade, principalmente durante o primeiro ano.

A chegada de Daniel à Espanha, entretanto, foi diferente. Ele vinha com expectativas de conhecer novas pessoas, mas não tinha urgência material e logística como a que experimentam os imigrantes econômicos. A maior parte dos colombianos não chega com visto de estudante, como ele. O comum é entrar como turista e, uma vez passados os três meses permitidos de uso desse visto, ficar em situação irregular, segundo o Centro de Pensamiento Global

(Cidob)²⁰. De acordo com Álvarez LLanos (2012), muitos deles são conscientes de que, inicialmente, as opções de trabalho estão em atividades mal remuneradas, com frequência abaixo do seu nível de formação.

O objetivo principal dos migrantes econômicos é encontrar um meio de vida para pagar as dívidas geradas pela viagem ou enviar dinheiro para sua terra. De fato, a maioria dos colombianos na Espanha não corresponde às camadas mais pobres de seu país de origem. Grande parte deles possui estudos secundários e tem idade entre 25 e 44 anos, sendo mais de 50% mulheres. Como o objetivo predominante é o sustento familiar, como alimentação e educação dos filhos, o imigrante não contempla o retorno a curto prazo, segundo dados sistematizados por Álvarez LLanos (2012).

Com as necessidades materiais garantidas pelos pais e a expectativa de criar novas redes, com o passar do tempo Daniel foi criando o próprio círculo de amigos na Universidade de Navarra, boa parte deles latino-americanos. Por iniciativa própria, tentou manter certa distância do entorno e da condição de imigrante econômico, porque entendeu que isso o limitaria em seu propósito de conhecer pessoas de nacionalidade espanhola e evitaria que terminasse em um círculo endógeno de “expatriados”, no qual, segundo ele, corre-se o risco de ter atitudes muito marcadas pela crítica à sociedade ou ao país receptor. O jovem estudante estava determinado a conhecer a Espanha e se integrar, mas admite que suas escolhas o levaram a momentos de saudades, muita solidão e um grande desgaste emocional.

20 CENTRO DE PENSAMIENTO GLOBAL (CIDOB). **Inmigración latinoamericana en España, el estado de la investigación**. 2010. Disponível em: https://www.cidob.org/es/publicaciones/serie_de_publicacion/interrogar_la_actualidad/inmigracion_latinoamericana_en_espana_el_estado_de_la_investigacion. Acesso em: 8 mar. 2023.

A experiência inicial de viver em um novo país foi intensa, ele reconhece, embora a vida de estudante tenha lhe servido como espécie de capa protetora, diferente dos compatriotas, que vinham para trabalhar e precisavam ganhar dinheiro. “Era a primeira vez na minha vida em que toda e qualquer atitude que tomasse era da minha inteira responsabilidade: desde a rotina doméstica até me adaptar ao funcionamento das coisas aqui”, explica.

Mas houve algo que o marcou desde o início: assim que começava a falar, chamava a atenção das pessoas. “Foi aí que fui percebendo que era estrangeiro, que era colombiano. Até então, eu não tinha pensado na identidade nacional, eu me considerava um caribenho, mas sem grandes pretensões de definições identitárias profundas”, diz. “Por ironia, vim parar em um lugar onde a língua regional, o basco, está totalmente instrumentalizada e politizada e onde a identidade é constantemente um elemento de definição política e pessoal.” E segue a argumentação em um espanhol de inconfundível sotaque latino:

O meu acento me delatava o tempo todo. Diariamente, por uma coisa ou outra, me lembravam de que era colombiano. Era uma sensação estranha. Também acontecia que as pessoas me corrigiam quando usava palavras que, na Espanha, não se usam, como *carro* e *celular*²¹. Isso me incomodava e me intrigava, porque eram totalmente compreensíveis no contexto; não conseguia identificar o porquê. Tinha a impressão, e tenho até hoje, de que havia uma intenção sutil de dizer que o meu espanhol não era o ‘autêntico’, uma espécie de disputa linguística.

Na faculdade, com os professores, surgiu outra sutileza incômoda, conta Daniel. “A percepção de uma mistura de desconforto e de

21 Na Colômbia, as palavras *carro* e *celular* têm o mesmo significado que no Brasil, mas na Espanha as palavras usadas são *coche* e *móvil*, respectivamente.

ressentimento com respeito a como eu falava, as referências à Real Academia da Língua Espanhola eram o pão de cada dia, como dizem aqui.” Para ele, cuja ferramenta de trabalho é o idioma, “há uma espécie de luta silenciosa sobre quem é o ‘dono’ da língua e quem a fala melhor”. Ele faz uma pausa no raciocínio para se desculpar da sua veemência: “Porque é verdade que literariamente a América Latina é uma grande produção de cultura, de escritores, há uma diversidade imensa. Parece que há certa inveja”, ri.

Eis a arena da discussão sobre a identidade, apropriação ou re-criação da língua, um dilema infinito no qual se encontram muitas complicitades em ambos lados, mas que está muito longe de acabar. Sobre esse tema, o linguista e estudioso da dialectologia do espanhol, Miguel Ángel Quesada Pacheco, elaborou um breve estudo sobre a história da língua espanhola segundo os acadêmicos espanhóis e latino-americanos. Membro da Academia Costarricense de la Lengua, Pacheco (2008) expôs a visão monocêntrica de alguns espanhóis que avaliavam ser a Espanha criadora da língua mãe:

[...] considero negativa e perigosa a atitude implícita observada em certos estudos sobre o espanhol, nos quais se utiliza o conceito de ‘língua padrão’, entendendo e aplicando como tal a norma peninsular de Madri ou do norte da Espanha, e deixando de lado as particularidades utilizadas pelo resto dos milhões de falantes de espanhol. Considero igualmente inconcebível que haja filólogos que vejam no espanhol americano uma espécie de anexo ou apêndice nas gramáticas do espanhol que escrevem, ao qual se referem nas últimas quatro páginas de seus trabalhos, ou às vezes em notas de rodapé, ou por meio de um excurso, como se o espanhol falado pelos americanos fosse uma espécie de ‘desvio da norma.’²²

22 Original em espanhol, tradução nossa.

Daniel admite que, na Espanha, as diferentes variantes linguísticas do idioma na América ganharam *status* nos últimos 20 anos. Parte da explicação está nos números. No mundo, há atualmente ao redor de 500 milhões pessoas que têm o espanhol como língua materna, a imensa maioria vive no continente americano. Em termos econômicos, isso se traduz em um volume de negócios de grande rentabilidade, que levou alguns acadêmicos espanhóis, reticentes com outras variantes da língua que não fosse a peninsular, a uma mudança de atitude. Com a autoridade de quem escreve e edita livros, ele acrescenta outros argumentos. “O futuro e a riqueza do espanhol dependem da América Latina, pois é na região onde ainda se conservam formas de fala já perdidas na Europa e também porque é onde está a grande riqueza do vocabulário.”

O estereótipo e o preconceito gerados por causa do sotaque também merecem a atenção dele: “Pela forma de me expressar, as pessoas aqui assumem uma série de estereótipos do colombiano, como ser faladeiro, gostar de balada, ser impontual ou ter lábia com as mulheres”. Ele avalia, ainda, que há uma categorização que rapidamente é levada a um clichê. É uma maneira fácil e preconceituosa de situar as pessoas, porque parece que é importante situar os que “são de fora”.

Pacheco (2008) assinala um dado provocador envolvendo o espanhol europeu e o padrão americano que está bem no cerne das questões trazidas por Daniel: “Apesar da globalização, os conceitos técnicos mais recentes que entraram no mundo cultural hispânico desenvolveram palavras diferentes em ambos os lados do Atlântico”, observa. O linguista segue, afirmando que “os americanos sentem que a Espanha está se distanciando cada vez mais da América, onde a Espanha está se europeizando e a América hispânica está se americanizando”.

Ainda que as questões linguísticas ocupem um espaço importante na sua experiência de migração, Daniel reconhece que seu biótipo foge do que persiste no imaginário espanhol e que os colombianos de emigração econômica estão mais expostos a esse preconceito pela própria situação financeira, pelo tipo de trabalho que realizam e pelas relações de poder que se estabelecem. “O preconceito é ainda pior se as pessoas são negras, mulatas ou de traços indígenas. Sem falar das mulheres, que têm problemas de sexualização e exotificação.”

Mudança pessoal e de identidade

Migrar pode ser uma aventura. Sair do *habitat* original e reconstruir uma nova *persona* tem um lado emocionante, motivador e, inclusive, literário, reconhece Daniel, que tem vivido a migração como uma experiência existencial:

Estar na posição de ‘ser de fora’ abre muitas possibilidades, embora eu seja consciente de que vivo a emigração de uma posição privilegiada. Hoje, tenho uma relação mais horizontal com meu pai, por exemplo, entre outras coisas, pela distância geográfica. Saber que ia estar longe me levou a criar bases sólidas na nossa relação. Pelo fato de estar longe do núcleo familiar, vejo melhor os aspectos que se repetem no nosso comportamento como família – os bons e os maus – e isso me dá a liberdade de escolher os que quero manter e os que não quero.

Parte de suas vivências o inspiram literariamente. Ele é um jovem tranquilo, observador e com uma certa timidez, que o leva facilmente à introspecção. Sua experiência migratória já lhe deu muito o que pensar:

Apesar das coisas boas, rapidamente percebi que aqui eu não era ninguém. Não tinha passado, parecia que a minha história começava do zero. Houve uma reconstrução da minha personalidade. Foi uma

coisa que intuí antes de vir embora. Por isso, ainda na Colômbia, fui conhecer o meu avô paterno, que eu só conhecia praticamente de ouvir falar, e que, por ironia do destino, era o meu padrinho. Precisava completar esse fio narrativo da minha família para poder manter uma relação forte com eles na distância.

A primeira vez que Daniel se perguntou o que era ser colombiano foi em uma viagem que fez a Barcelona, na estação de Sants. Fazia seis meses que vivia Espanha, era inverno e tinha ido visitar um amigo. Sentou-se na frente de um *billboard*, quando, de repente, apareceu na tela uma enorme fotografia de um conhecido conterrâneo seu, Pablo Escobar, com um título que dizia: “*Oh, blanca Navidad*”: “Oh, Natal branco”. Daniel ficou em choque. Pouco depois, surgiu o título da série *Narcos*, da Netflix.

“Foi muito doido. Lembro até hoje do que senti, uma espécie de raiva e surpresa. É como se tivessem saltado os alarmes! Não sabia o que pensar. Jamais colocariam uma publicidade assim na Colômbia”, diz com os olhos arregalados, explicando que a série também foi vista em seu país natal. “Lá, o narcotráfico é um tema muito traumático, destruiu muitas coisas e deixou uma cultura de violência que existe até hoje, mas Pablo Escobar já é passado”, fala, argumentando que um colombiano jamais faria uma publicidade assim. “A partir daí, comecei a me perguntar sobre a imagem que os espanhóis têm da Colômbia e dos colombianos.”

Como se é visto pelos outros é um sentimento que aparece quando se é imigrante. Álvarez LLanos (2012) comenta brevemente sobre como os colombianos acham que são vistos pelos espanhóis. Os entrevistados são migrantes econômicos, e o que se observa é a elaboração da própria imagem na hora de buscar trabalho. Os colombianos têm o receio de serem considerados pessoas pouco confiáveis,

violentas e com tendência a pequenas trapanças. Um estereótipo que, em parte, é alimentado pela mídia e do qual os colombianos têm procurado se proteger.

Daniel conta que já viveu o preconceito de ser ligado ao narcotráfico quando procurava um apartamento para alugar. “O dono estava me mostrando o imóvel e, de repente, me perguntou de onde eu era. Quando lhe disse que era colombiano, imediatamente parou com as explicações e disse que não ia me alugar o apartamento, que não queria problemas, que não sabia de onde vinha o dinheiro”, relata. “Mas pouco depois, o proprietário recuou e disse que se ele pagasse um ano inteiro adiantado, o contrato seria assinado.” O jovem diz que foi embora daquele encontro enfurecido. Para ele, foi uma situação inesperada diante da qual não soube como se defender.

Muitos migrantes econômicos chegam prevenidos em relação a esse tipo de preconceito nas entrevistas de trabalho ou nas relações sociais. Segundo Álvarez LLanos (2012), para reverter essa imagem, eles se apoiam nos aspectos positivos pelos quais são conhecidos, como a boa preparação, experiência e disposição. A análise é interessante, porque evidencia que a percepção que os imigrantes vão criando sobre si mesmos e na relação com o coletivo colombiano é condicionada pela imagem que os espanhóis têm deles, na mesma medida em que mostra as estratégias que desenvolvem para serem aceitos.

Em Pamplona, Daniel descobriu o prazer de conviver nos espaços públicos. Originário de um país onde, segundo ele, o Estado tem escassa presença na sociedade e onde a noção de que quanto menos contato com o governo, melhor, na Europa, ele aprendeu a desfrutar dos parques, sentar-se nos bancos das praças e ler livros com absoluta tranquilidade. Confessa que quando vai à Colômbia fica chateado ao ver os espaços públicos abandonados e em mau

estado de conservação, algo que nunca tinha reparado antes. “Na Espanha, gosto muito de ver como as pessoas se sentem donas da rua e como vivem os espaços públicos como algo próprio.”

Ele diz que também aprendeu a passear pelas cidades, a observá-las e conhecê-las; a utilizar o transporte público e a adotar a bicicleta como meio de locomoção, algo que nunca cogitou quando morava na Colômbia. “Aqui, as cidades estão mais vivas, e isso tem consequências positivas no dia a dia dos cidadãos e para a própria convivência.”

Daniel também admira a liberdade, a autossuficiência das pessoas e a forma como elas lutam pela qualidade dos serviços de saúde e educação. O jovem editor acredita que essas características tornam os cidadãos mais práticos e menos vulneráveis. “A divisão das classes é também menos definida e uma questão menos determinante nas interações. Na faculdade, você pode estudar com o filho do padeiro, e isso é algo normal. Nesse sentido, os espanhóis são mais livres”, reconhece.

No entanto, ele se queixa do comportamento pessoal dos espanhóis. Em sua opinião, eles são muito secos, antipáticos e diretos demais na hora de dizer o que pensam. Se irrita com o mau atendimento nos comércios, onde, segundo ele, os funcionários demonstram pouca boa vontade com os clientes. “Dá a impressão de não gostam de dar um bom dia, de dizer por favor ou de agradecer. Há muita falta de educação, mas é uma coisa que eu insisto em manter, mesmo se acharem que sou um puxa-saco. Na Colômbia, as pessoas são mais educadas e agradáveis.”

Seria o excesso de educação na Colômbia reflexo de uma tentativa de se manter distante, de enfatizar o classismo ou de ser um amortizador ou prevenção da violência? “Pode ser”, responde Daniel, pensativo.

ESPAÑA

A partir daí, ele começa a enumerar expressões típicas colombianas impregnadas de agressividade, entre elas: *te mato*, usada frequentemente e em qualquer circunstância; e *pistolero*, nome dado para quem vai na garupa da moto, pois os pistoleiros só podem atirar da garupa.

Um dia, eu estava com uns espanhóis e um amigo equatoriano, que começou a contar que tinha sido assaltado no Equador. Havia levado muitas coisas de valor do apartamento, mas não tinha acontecido nada com ele. Eu disse que ele teve uma sorte incrível. Os espanhóis não entendiam nada. Para eles, ser roubado é ter uma enorme falta de sorte. Para mim, ser roubado e não levar um tiro, era ganhar na loteria.

Conta Daniel, sorrindo, mostrando que, em alguns casos, até mesmo a definição da sorte está condicionada pela violência.

Solidão e saudade

A vida e a experiência migratória têm nuances que dependem de fatores como idade, situação econômica, motivações, objetivos e expectativas. Além disso, são influenciadas pelos sentimentos, relações familiares e afetivas que se deixam no país de origem, bem como as que existem no país receptor. Mas o fato é que o desapego, a saudade e a solidão estão entre as preocupações mais comuns em grande parte dos imigrantes. Daniel avalia algo que mais o abalou no começo foi descobrir que na Espanha ele não era ninguém e que se alguma coisa lhe acontecesse, não teria o entorno conhecido para recorrer.

“Na Colômbia, não havia questionamentos sobre a minha pessoa, podia ser o que eu quisesse, tinha os meus amigos, a minha família, mas aqui não era ninguém”, afirma, confessando também ter passado por muita angústia e solidão, apesar de todas as facilidades que teve ao chegar:

Sempre tive uma personalidade nostálgica e melancólica, mas aqui esses sentimentos tomaram outra dimensão. Me senti muito só e triste. Como já tinha tido alguns períodos difíceis de depressão na adolescência, percebi que precisava me vigiar. A saudade é um sentimento que pode ter consequências nocivas e me cuido para que ela não me impeça de viver o presente.

Da vida no país onde nasceu, Daniel diz sentir falta especialmente dos encontros e confraternizações em torno da alimentação:

Minha mãe, por exemplo, costumava fazer almoços dançantes e eu e meus irmão ajudávamos na preparação. Os convidados chegavam para um longo aperitivo e passávamos o dia inteiro dançando, comendo e conversando. Tenho saudades, principalmente, do ritual desses almoços e tento reproduzi-los aqui. Sei que são uma adaptação, mas são encontros que geram cumplicidade.

Explica o jovem editor, que já aprendeu a preparar um arroz de marisco que a mãe dele costuma fazer. Sobre a saudade do país, Daniel reconhece que, aos poucos, vai se transformando em turista em sua terra natal e a distância permite ver ou rever lugares e pessoas com outras perspectivas.

Houve uma época que tinha uma espécie de obsessão pela Colômbia, de querer conhecer melhor a história, a cultura, mas acho que escrever me ajuda muito observar e narrar os sentimentos. Percebo que vão mudando. Porque, quando fico muito tempo lá, tenho saudades da minha rotina aqui. Lá, a minha rotina já não existe mais. O meu projeto, a editora, está aqui, e com ela talvez eu possa criar laços diferentes na Colômbia.

No trabalho sistematizado por Álvarez LLanos (2012) sobre a colônia colombiana na Espanha, o desenraizamento é mencionado pelos

entrevistados antes mesmo do problema de viver em situação irregular. Para 58,6% das pessoas, estar longe da família e a solidão são as principais preocupações em relação a 11% que mencionam a falta de documentação. Ainda que seja difícil obter uma informação mais clara sobre algo tão complexo como os sentimentos, os dados apontam que a solidão é mais intensa no início da migração e que vai diminuindo à medida que o imigrante vai criando as próprias redes no país receptor.

Sobre esse aspecto, as expectativas geradas pela viagem, tanto nos que permanecem como nos que partem, também ocupam um papel importante na situação emocional dos migrantes (Álvarez LLanos, 2012). Muitos deles se transformam no sustento fundamental da família que fica. Por isso, o principal objetivo é economizar e atender às necessidades e expectativas materiais dos seres queridos. É uma responsabilidade que faz mudar a imagem projetada dentro da família e que faz com que muitos escondam suas dificuldades emocionais e econômicas.

Antes mesmo de concluir a faculdade de Literatura e Criação Literária na Universidade de Navarra, que lhe dava direito ao visto de estudante, Daniel começou a prever a alteração para um visto de residência e trabalho. Foi aí que ele se transformou integralmente em imigrante e começou a viver uma série de situações que lhe geraram angústia. “A ideia de ficar ilegal me aterrorizava tanto que virei um experto em legalização de estrangeiros”, diz, com ironia.

Ele já tinha visto outros estudantes passarem pela mesma situação. As alternativas que ele conseguia vislumbrar eram retornar para a Colômbia, conseguir um visto para buscar trabalho, um caminho natural, pelo fato de haver estudado na Espanha, matricular-se em um mestrado ou buscar um casamento arranjado. Nenhuma delas parecia viável. A opção que encontrou foi montar uma empresa.

Decidi emprender e criar a editora Graviola, porque, para mim, conseguir um visto para buscar trabalho significava ter que encontrar um empregador na Espanha que se compromettesse a me contratar e me acompanhar em todo o processo legal. É uma coisa longa e burocrática, que pode demorar meses para ser aprovada ou mesmo ser rejeitada. Ninguém está disposto a fazer isso ou esperar meses para preencher uma vaga. Por isso, decidi pedir uma permissão de trabalho, ainda sendo estudante: era de meio tempo, para começar um projeto de empreendimento monitorado pelo governo. Para isso, tive que pagar os impostos de autônomo durante dois anos e, assim, gerar um histórico tributário na Seguridad Social que provasse que eu estava realmente empreendendo. Para pedir uma permissão de trabalho por conta própria, você tem que ter um balanço mensal de 2.500 euros por mês. Uma fortuna, para qualquer trabalhador autônomo, ainda mais para um imigrante.

Quatro de cada dez espanhóis ganham atualmente mil euros mensais, segundo o jornal *El Economista*²³. Em um cenário como esse, ter um balanço como o exigido para os estrangeiros é quase um milagre, principalmente para uma pessoa que está começando a vida no país e não conhece o funcionamento da burocracia local. Daniel teve que fazer malabarismos e truques para manter essa média dos vencimentos. “Acabei ficando obcecado com o dinheiro. Conseguir uma permissão de residência na Espanha é um investimento econômico”, lamenta.

Segundo o Banco de la República de Colombia²⁴, entre janeiro e dezembro de 2021, os emigrantes colombianos enviaram pouco mais

23 GALLEGU, Cristian. La primera ‘mileurista’ de España. *El Economista*, Madri, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www.eleconomista.es/actualidad/noticias/12217661/04/23/la-primera-mileurista-de-espana-el-mileurismo-hoy-es-indicativo-de-una-precariedad-generalizada.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

24 BANCO DE LA REPÚBLICA DE COLOMBIA. **Las Remesas de Trabajadores en el Exterior aumentan su Relevancia Macroeconómica para Colombia**. Bogotá, 20 abr. 2022. Disponível em: <https://www.banrep.gov.co/es/blog/remesas-trabajadores-exterior-aumentan-relevancia-macroeconomica-colombia>. Acesso em: 10 out. 2023.

de 8,5 milhões de dólares ao país, um aumento de 24% com respeito ao ano anterior e que representou ao redor de 2,7% do PIB. Em 2022, houve um aumento superior a 9% e as remessas ultrapassaram os 10 milhões de dólares.

Quase 70% dessas remessas, que são o sustento de mais de três milhões de famílias na Colômbia, chegam da Espanha (12%) e dos Estados Unidos (54%), os dois destinos com mais migrantes daquele país. E espera-se que o fluxo migratório colombiano prossiga. Segundo pesquisa do Instituto Gallup que ganhou repercussão na imprensa colombiana²⁵, 50% da população tem intenção de emigrar. Somente em 2022, mais de meio milhão de colombianos abandonaram o país, o maior número desde que se tem registros, segundo o Centro de Recursos para Análises de Conflitos (Cerac)²⁶.

Na Espanha, o fluxo migratório tem conseguido evoluir de forma sustentável, já que alguns setores produtivos têm demanda de mão de obra. Entretanto, o tema divide a sociedade, principalmente por conta da cada vez mais incisiva presença de grupos da extrema direita no poder. Esses grupos baseiam seu discurso nacionalista em cima do “perigo” que representaria o estrangeiro. Outra parte da sociedade, entretanto, defende a regularização e o aumento do número de imigrantes, pois além de equilibrar as contas da Seguridade Social e suprir o mercado de trabalho, eles são um impulso decisivo no crescimento populacional de um país envelhecido.

25 VÁSQUEZ, Geraldine Bajonero. **Encuesta revelaría que la mitad de los colombianos emigraría si tuviera recursos**. Bogotá, 27 jun. 2023. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/economia/finanzas-personales/la-mitad-de-los-colombianos-buscaria-vivir-fuera-del-pais-781299>. Acesso em: 10 out. 2023.

26 CENTRO DE RECURSOS PARA EL ANÁLISIS DE CONFLICTOS (CERAC). Bogotá, 2023. Disponível em: <https://www.cerac.org.co>. Acesso em: 10 out. 2023.

Ainda assim, existem questões por avançar para prevenir o risco de empobrecimento da comunidade imigrante e a dificuldade de acesso à moradia – um problema que também afeta os espanhóis –, além das possibilidades de educação, formação e ascensão social. Esses são elementos fundamentais para evitar atritos, xenofobia ou guetização. No âmbito institucional ibero-americano, a discussão da emigração tem sido um tema constante nas cúpulas de governos. Na prática, a Espanha, como muitos países europeus, ainda tem dificuldade de olhar a comunidade imigrante para além dos números, das estatísticas e sair da perspectiva de beneficiária.

“Acho importante que as histórias de migrantes se normalizem, que tomem os espaços e gerem pensamento e memória, que apaguem a xenofobia e o medo”, avalia Daniel. “A literatura, para mim, foi muito importante neste processo, percebi que a minha história também é válida, mesmo sendo uma exceção dentro da migração colombiana”, reconhece.

Ele segue opinando, com a competência que tem como autor e editor. “A escritora Clara Obligado disse uma frase que gosto muito e que é mais ou menos assim: ‘o que acontece hoje, é o que aconteceu sempre. No final das contas, Ulisses é ou não é migrante?’”, observa, recorrendo à escritora argentina que vive em Madri desde os anos 1970. Obligado faz uma referência à figura mitológica de Ulisses²⁷, que, enquanto vaga e viaja pelo mundo até retornar às suas origens, é forçado a amadurecer e a dar mostras da sua bravura.

Talvez Daniel, como todo migrante, cumpra um pouco o mito de Ulisses. Com a editora Graviola, essa fruta tão tipicamente latina e caribenha, ele abriu uma janela para sair das estatísticas e

²⁷ O mito de Ulisses está ligado à tradição da Grécia Antiga e aparece no poema épico Odisseia, atribuído a Homero (850 a.C.).

mostrar as nuances dessa viagem de desafios e amadurecimento chamada migração, que é também a viagem de tantos outros compatriotas latino-americanos.

Referências

ÁLVAREZ LLANOS, Jaime. **Inmigración Colombiana en España, fenómeno multidimensional**. Universidad de la Costa, Barranquilla, 2012. Disponível em: <https://repositorio.cuc.edu.co/handle/11323/1481>. Acesso em: 8 mar. 2023.

PACHECO, Miguel Ángel Quesada. **De la norma Monocéntrica a la Norma Policéntrica en Español**: algunas reflexiones históricas según testimonios y actitudes lingüísticas. II Congreso Nacional de AnpeNorge Multiculturalidad y norma policéntrica. Bergen, 2008. Disponível em: <https://www.vallenajerilla.com/berceo/quesada/reflexioneshistoricasespanol.htm>. Acesso em: 19 set. 2023.

Suíça

Quando o luto atravessa fronteiras

Liliana Tinoco Bäckert

Quando soube que minha mãe, com 78 anos, poderia ter problemas com um procedimento hospitalar, tentei entrar em um voo de Londres para São Paulo o mais rápido que pude. Parecia que já previa o final. Cheguei ao Brasil e a encontrei ainda com vida, mas, infelizmente, não consegui vê-la. Mesmo após a longa viagem de 12 horas, respeitei a posição da Unidade de Terapia Intensiva, que me informou sobre a possibilidade de somente uma visita por dia, por 30 minutos. Deixamos meu pai ir, então. Tentamos dividir essa meia hora em duas visitas de 15 minutos, mas o hospital não cedeu.

Resignada, procurei compreender a orientação. Foi dito que eu seria avisada antes de que ela fosse encaminhada para o procedimento, para que pudéssemos nos falar. Não avisaram, e por isso que eu não a vi lúcida. No outro dia, já foi tarde demais. Minha mãe morreu e eu sequer consegui fazer com que me visse. Tive que lidar com o buraco na alma de não ter me despedido e dito pela última vez o quanto a amava.

Além do enorme dissabor, ficou uma indignação pela total falta de flexibilidade de um hospital que se vende como humanizado, diante

de um caso crítico e atípico. Ela era uma paciente de alto risco e eu havia atravessado um oceano para estar ali, presente. Compreendo todas as regras e urgências hospitalares, mas não teria mudado nada, para eles, se flexibilizassem 15 minutos. Mas isso teria mudado tudo para mim e minha mãe.

O relato da brasileira Carmen¹, uma paulistana de 52 anos, radicada no Reino Unido há quase uma década e meia, reflete o desconumal, porém, na maioria das vezes, inimaginado desafio que significa lidar com a morte e o luto ao se viver no exterior. A dor ainda é muito intensa, fazia apenas cinco meses do falecimento quando ela contou sua história de perda e luto da sua mãe, vínculo, segundo ela, inquebrantável, mesmo com os anos fora do Brasil e a conseqüente distância física.

Carmen emigrou para o interior da Inglaterra por conta do mestrado do marido. Com a conclusão dos estudos, foi oferecido a ele um bom emprego no país. Como a maioria das pessoas que sonha em ter uma experiência de vida no exterior, a oferta era irrecusável e o casal decidiu tentar. Deixaram família e amigos no Brasil, e encararam o desafio de se reinventar profissionalmente. Depois de atuar em São Paulo na área de *marketing*, Carmen conseguiu se recolocar profissionalmente na Inglaterra. Mais tarde, fez uma transição para *coach* de carreira e treinamentos de desenvolvimento humano.

Entre lágrimas e uma consciência profunda da sua tristeza e condição de migrante e ainda muito emocionada, a brasileira embarga a voz várias vezes. As palavras amor, dor e sofrimento se destacam no vocabulário da conversa. Ela no Reino Unido, eu na Suíça: assim iniciamos nosso diálogo via câmera sobre um tema tão difícil, mas ao

1 A seu pedido, a entrevistada não foi identificada. Por isso, utilizamos o codinome Carmen.

mesmo tempo especial, delicado e essencial. Pessoalmente, eu também tenho dificuldade em abordar o assunto. Sem saber como me comportar, peço desculpas pelas perguntas um tanto diretas, com receio de invadir o espaço da sua dor.

Por meio de pesquisas sobre luto e migração e do próprio relato da entrevistada, aprendo que muitos que vivenciam esse processo precisam falar sobre o assunto para elaborar. E que, na migração, seja por falta de uma rede de contatos, seja devido à cultura do local onde se passa a viver, às vezes menos receptiva a sentimentos, poucas vezes se encontra com quem dividir a dor lancinante que precisa sair nem que seja por meio de palavras. Vocábulos esses, entretanto, que muitas vezes não conseguem traduzir a intensidade da ferida.

A minha curiosidade também é legítima. No âmbito de compreender como se dá o luto de quem vive no exterior, se os componentes psicossociais presentes na migração podem tornar esse processo ainda mais custoso, tento, de certa forma, preparar-me para o desconhecido terreno da morte. Talvez mais uma tentativa consciente de driblar o tabu, pois eu mesma sou também uma migrante brasileira, carioca, radicada na Suíça desde 2005.

No percurso de seis meses entre entrevistas e escrita do material, o resultado veio com um baú de surpresas. No planejamento de ir embora, a maioria de nós tenta desvalorizar os inúmeros fatores desfavoráveis de uma mudança de país, mesmo que isso signifique ignorar o envelhecimento ou até mesmo a finitude de nossos pais e entes queridos que ficaram. Ou seja, de certa forma, a morte e a possibilidade de fracasso tendem a ser vedadas por quem passa pelo processo de migração.

Em entrevistas que faço como jornalista e pesquisadora do tema da diáspora brasileira e como autora do tema migração, adiciono

aqui os quase três anos de moderação de grupos de imigrantes de língua portuguesa, trabalho que cumpro sob a chancela da organização não governamental Hilfswerk der Evangelisch-reformierten Kirche Schweiz (Heks-Suíça). Ainda não encontrei um imigrante brasileiro que tenha mencionado o fato de que, ao sair do Brasil, pensou no envelhecimento e na morte dos pais – ou que a experiência de migração poderia realmente dar errado.

A ingenuidade com que esse migrante se lança em um passo tão complexo como a mudança de país é também perpassada pela falta de preparo para lidar com o que a nova vida pode se tornar. Em geral, a pesquisa se limita a dados superficiais e práticos relacionados ao local de destino, como idioma, clima, melhor vizinhança e onde matricular os filhos. Há poucos casos de treinamento intercultural ou pesquisas mais aprofundadas sobre a mudança, o que confirmo em tantas outras leituras e experiências como migrante.

Ao pesquisar o tema para minha dissertação de mestrado em Comunicação Intercultural pela Universidade da Suíça Italiana, em 2016, observei (Bäckert, 2016, p. 18):

A mesma lógica se aplica ao pensamento a longo prazo. O paralelo que faço sobre esse fenômeno é que, assim como a vida parece ser vivida para ser eterna, a migração é pensada em uma forma de sonho estrangeiro experienciado em um lugar ‘sempre muito melhor que o Brasil’. Isso significa que projeto de imigração não pode dar errado e muito menos é elaborado com um olhar de soslaio para as dificuldades.

Em parte, o fenômeno tem lugar na nossa cultura, economia e história. Por uma série de razões, o brasileiro não aprendeu a fazer planejamento para além de poucos meses, que dirá anos. Some-se a isso o fato de que somos frutos de um projeto de colonização, que

aprendeu que além das fronteiras nacionais sempre há algo melhor. A esse caldo, adicione-se o fato de que na sociedade ocidental a morte ainda é tabu. Assim como não deve haver espaço para pensar no fracasso de uma migração – mesmo que a pessoa decida desistir e voltar ao seu país ou que passe muito tempo tentando se adaptar a uma cultura distinta –, tampouco deve se olhar como fracasso o fato de se ver “diante das doenças terminais”.

A esse respeito, a médica Ana Claudia Quintana Arantes (2016, p. 34), especializada em tratamentos paliativos e autora aclamada na área, escreve: “É preciso ter respeito pela grandeza do ser humano que enfrenta sua morte”. E eu acrescentaria: respeito pela dificuldade de um imigrante na luta pela sua sobrevivência, na sua forma mais literal.

Tabus e sofrimento

Morte, luto e migração combinam fenômenos por demais complexos para serem medidos na régua do sucesso ou derrota. Todos nós vamos morrer um dia, mas, ao longo da vida, nos preparamos para as realizações, não para o fim. Da mesma forma, quem migra sentirá dificuldades em viver o luto, descrito, inclusive, como uma fase pela qual todo migrante passa ao se despedir e ir embora da sua terra natal. Mas quem migra não deseja olhar para esse momento para não estragar o sonho e as possibilidades.

O tabu da morte e o tabu da “migração de sucesso” só contribuem para mais sofrimento. Segundo a psicóloga brasileira especializada em perdas e luto Nazaré Jacobucci, a sociedade moderna, principalmente a ocidental, não prepara o indivíduo para a morte e, conseqüentemente, não o faz pensar sobre as questões que permeiam o envelhecer e o morrer. Psicóloga clínica e hospitalar e mestre em

Cuidados Paliativos pela Universidade de Medicina de Lisboa, Nazaré também vive a experiência da migração.

Atualmente no Reino Unido, ela já passou por outros quatro países e lida diariamente com o drama da perda por parte de pacientes brasileiros que vivem em diferentes cantos do mundo. Ao falar sobre o tema², ela recorre a Elisabeth Kübler-Ross (1998)³ e assinala:

[...] (a morte) é frequentemente imaginada como um acontecimento medonho e pavoroso na sociedade, constituindo um temor compartilhado por todos. Assim, nós parecemos nos esquivar do assunto ou até mesmo ignorá-lo, de forma a praticamente negar a própria condição de ser mortal. Como consequência, não conversamos sobre o tema com nossos pais e avós.

Em sintonia com a ideia do tabu que a morte representa, a médica Ana Claudia (Arantes, 2016, p. 43) escreve que “podemos tentar acreditar que enganamos a morte, mas somos ignorantes demais para tal feito. Não morremos somente no dia da nossa morte, mas a cada dia que vivemos, conscientes ou não de estarmos vivos”. Essa fuga ou estratégia, entretanto, leva a ignorar o incontestável: com o passar dos anos, envelheceremos e nossos pais morrerão, assim como nós mesmos. Mais dia, menos dia, esses filhos migrantes, a milhares de quilômetros de distância da terra natal, também passarão por esse momento de perda. Mas quem quer pensar nisso quando se

2 JACOBUCCI, Nazaré. Reflexões sobre o processo de luto e perdas da pessoa idosa, 2019. **Portal do Envelhecimento**. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/reflexoes-sobre-o-processo-de-luto-e-perdas-da-pessoa-idosa/>. Acesso em: 23 set. 2023.

3 KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e a seus próprios parentes. Tradução Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

planeja aquela vida expatriada em um “país de Primeiro Mundo” ou em realizar o sonho de viver no exterior?

Quem mora fora, ao se ver diante da possibilidade da morte de um ente querido, tem pressa para reencontrar as origens, lida com a incerteza de chegar a tempo de ver a pessoa com vida ou para acompanhar os ritos finais. O migrante experiencia o envelhecimento dos familiares no país de origem e as consequências que vêm junto com isso. Mas a negação do assunto faz com que nada disso seja pensado com antecedência. Jacobucci⁴ também chama a atenção para este fato: “Outro ponto que carece um olhar mais atento é no que tange ao preparo dos filhos para a finitude dos pais”. Ela cita Jamille Cocentino e Terezinha Viana (2011)⁵, que escrevem que a concepção de mortalidade dos pais costuma também ser negada e abstraída com frequência pelos filhos, “porque pode gerar sentimentos de desamparo e fraqueza”.

Essa negação em uma realidade de vida no exterior pode ser cruel. Quem faz o movimento de ir embora aos 20 anos de idade não pensa que os pais irão envelhecer e que talvez não possam mais fazer a viagem de avião para reencontrar os filhos e netos em outro país. Mas aos 50 ou 60 anos, esse migrante terá que olhar para esse aspecto do seu êxodo.

Ao escrever um livro sobre casamentos binacionais (Bäckert, 2020, p. 248), entrevistei mulheres brasileiras casadas com homens de 19 nacionalidades e me deparei com o depoimento de uma imi-

4 JACOBUCCI, Nazaré. Reflexões sobre o processo de luto e perdas da pessoa idosa. 2019. **Portal do Envelhecimento**. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/reflexoes-sobre-o-processo-de-luto-e-perdas-da-pessoa-idosa/>. Acesso em: 23 set. 2023.

5 COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim; VIANA, Terezinha de Camargo. A Velhice e a Morte: reflexões sobre o processo de luto. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 14, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/N4RRgjPh4xxPLxz6Nf8rFSv/>. Acesso em: 23 set. 2023.

grante que vivia há mais de 18 anos no exterior. Ela relatou que, quando se despede dos pais, sente-se muito vulnerável emocionalmente e que, a cada ano que vai ao Brasil, os vê envelhecendo. Para ela, a despedida no aeroporto simboliza esse fato. “Sei que um dia os dois não estarão presentes naquele momento, mas apenas um. E depois, nenhum dos dois.”

A reflexão mostra que a despedida gera, em muitos casos, o desespero de encarar a realidade de que os pais não ficam mais jovens. A brasileira retrata que o adeus, mesmo entre uma visita e outra, pode vir como um momento de muita autorreflexão e questionamentos internos. “Ali, nas reuniões mais divertidas com os seus ou no momento da despedida, passa pela cabeça, sim — e não se envergonhe disso — um ‘meu Deus, vale a pena abrir mão de tudo isso por um relacionamento? É isso mesmo que eu quero? O que estou fazendo naquele país que às vezes só me despreza?’”, reflete.

O paradoxo que envolve o luto é debochar da única certeza da vida: a morte. Se negar o incontestável se torna estratégia, como não pensar em culpa, com o passar dos anos, por ter ido embora sem prever o previsível? Culpa por ter demorado a visitar a família na terra natal, arrependimento por não ter passado mais tempo junto, por não ter perguntado mais sobre a história da família, não ter dito que os amava, não ter, não ter, não ter...

A morte e todos os efeitos colaterais que vêm junto parecem pegar desprevenidos até as mais brilhantes personalidades da nossa época. A premiada escritora nigeriana, radicada nos Estados Unidos, Chimamanda Ngozi Adichie (2021, p. 97), com obra traduzida em mais de 30 idiomas, não passou ilesa pelo falecimento do pai, em 2020. Ela compartilha sua tristeza e descreve o último encontro com o pai na Nigéria, meses antes da morte dele, no trecho a seguir:

Eu nem imaginava. Tencionava voltar em maio, para uma visita mais longa, para podermos finalmente gravar algumas das histórias que ele me contara ao longo dos anos acerca da avó, do pai, da sua infância. Ele ia me mostrar onde se erguera a árvore sagrada da avó – parte da cosmologia *ibo*, da Nigéria.

Em um texto repleto de aspectos ligados à diáspora, Chimamanda escreve que chora ao ver as *selfies* tiradas com o pai três meses antes. Assim como a autora, Carmen também falou sobre a vontade de ter feito algumas perguntas à mãe, possibilidade agora perdida para sempre.

Questionamentos e culpa

“Até aqui, pertencia aos outros. Será que o amor acarreta, ainda que inconscientemente, a arrogância delirante de pensar que nunca será atingido pelo luto?”, pergunta-se Chimamanda (Adichie, 2021, p. 81). Diante de perdas, a possibilidade de remorso em virtude de viver distante da família por tantos anos pode aparecer e assustar. Carmen também reflete sobre o tema:

Sempre tive esse medo, achava que poderia sentir culpa pelo fato de ter morado longe. O fato é que foi uma escolha que fiz e não dava para voltar atrás. Com certeza, minha mãe era a pessoa que mais sofria com a minha ausência física. Mas, ao mesmo tempo, ela me criou para o mundo. Só que mãe é mãe. Eu sei que, no fundo do coração, tudo que ela queria ouvir era que eu e meu marido estávamos voltando. Quando eu a visitava, ela fazia questão de ficar comigo, preparava tudo para me ver. Ao mesmo tempo, me poupava de falar que me queria de volta para não me deixar triste. Então, eu posso dizer, depois de todas essas reflexões durante o luto: eu senti culpa? Não.

Ela conclui dizendo que tentou ser muito honesta nesse pensamento, que já tinha passado por sua cabeça logo após a morte da

mãe: “Depois de vivenciar aquele turbilhão de sentimentos, eu procurei separar e identificar as sensações. Me perguntei: o que é isso? É culpa, é tristeza, é raiva? Culpa não era”. Ela reconhece que o caminho da vida no exterior era inevitável e consegue olhar para o histórico com a mãe de forma leve, sem remorso, o que a consola no período de luto e ao longo de todos os meses pós-morte:

Não faltou nada entre a gente. Amor, nunca faltou. Eu me declarava para ela, eu sabia que ela estava sempre lá para mim. Foi muito bom saber que ela estava sempre lá, me faz sentir que para mim foi completo. Talvez para ela tenha faltado, mas aí eu peço perdão.

A ausência de arrependimento e uma certa paz na aceitação e na convivência pareceram somar pontos positivos no processo de enlutamento. A psicóloga Nazaré Jacobucci confirma que esse fator será significativo para a compreensão da morte e para um olhar pacífico sobre o acontecimento. No caso de Carmen, outro aspecto que se mostrou alentador foi a certeza da escolha de viver no Reino Unido. A clareza no rumo facilitou a convivência com a perda.

Jacobucci explica que o autoconhecimento ajuda a navegar no luto, mas que o questionamento do porquê ainda estar fora do país também integra o processo. De acordo com ela, a morte de alguém querido inclui contestar escolhas e aspectos da vida, e isso não deve ser desprezado:

Vivemos numa sonolência coletiva em relação à nossa finitude e à morte em geral. Mas quando alguém significativo se vai, você automaticamente reflete sobre o fim e sobre a própria vida. E que bom que isso acontece. Já tive pacientes que perderam pessoas e voltaram para o Brasil. Não fazia mais sentido viver em Londres. É normal se

questionar se vale a pena estar neste lugar, longe de todos. É salutar se perguntar o porquê de se viver neste país ou cidade, e não onde está sua família e suas origens, por exemplo.

Na condição de migrante, eu entendo perfeitamente a especialista. Durante a entrevista com Jacobucci, conto a ela que, pessoalmente, também havia perdido um tio querido, o tio Elói, poucos meses antes e que tinha passado por um momento de reflexão profunda sobre existir em uma sociedade que não era a minha, no meu caso, a Suíça, país onde vivo há quase 20 anos com meu marido e dois filhos adolescentes.

Relato que eu não tinha passado pelo questionamento de se valia a pena estar no país. Essa não é mais uma pergunta que vem à minha mente, talvez seja uma dúvida já superada. Entretanto, me surpreendeu, à época, o sentimento de raiva por estar tão longe e pouco ter convivido com meu tio nos últimos anos. Veio à minha mente o fato de que eu não tinha contato com o envelhecimento dos meus familiares e que, em alguns anos, eu posso chegar ao Brasil e não encontrar mais uma geração inteira de pessoas tão importantes na minha vida. É o medo de ver minha história ir embora, a descontinuidade da minha ancestralidade.

Senti uma solidão profunda por vivenciar sozinha o enlutamento. Somente eu, integrante do meu núcleo familiar atual, tinha convivido com aquele tio por tantos anos. Naquele contexto, era a minha história com aquela pessoa da família que havia ocupado o lugar de tio, irmão do meu pai, que tinha um significado na minha infância e formação. Isso era algo que meus filhos e marido estrangeiro não poderiam visualizar, mesmo se condoendo pela minha perda.

E para coroar a experiência, quando todos se reuniram na cidade de Itaperuna, interior do Rio de Janeiro, na casa da minha tia, a viú-

va, para chorarem juntos, eu precisei enlutar mais uma vez sozinha, do outro lado do mundo. Naquele momento, experienciei distante o significado de se juntar para chorar a partida de alguém, o rito da despedida, e a importância da conexão com os seres humanos que dividiram uma história com um indivíduo que se vai. Senti raiva por não estar lá.

Tanto a experiência profissional da psicóloga Jacobucci como as vivências pessoais minha e de Carmen confirmam que o luto é individual e cada perda é vivenciada de maneiras distintas. Ou seja, além de toda tristeza, a solidão é inerente ao processo, porque somente eu sentirei e vivenciarei aquele momento daquela forma e naquela intensidade. Mas mais solitário é quando se elabora tudo isso só, sem a troca de visões com outros, por sua família no exterior não ter tido a oportunidade de conviver com mais frequência com aquele familiar, além da distância de não se poder chorar com aqueles que pranteavam pelo mesmo motivo.

Como explica a psicóloga, trata-se “da solidão de experienciar algo que quem convive com você não tem alcance, porque não compartilhou dessa história vivida”. São os percalços da escolha da vida de imigrante. Acredito, porém, que a distância pode inclusive reduzir a dor, na medida em que aquela pessoa já não fazia parte da convivência há um tempo. Dessa forma, a migração aqui entra novamente com o luto na sua forma mais geral e abrangente. O luto de já ter “perdido”, entre tantas perdas, a “convivência” devido à distância física.

Com Chimamanda, pude confirmar que “o luto é uma forma cruel de aprendizagem” (Adichie, 2021, p. 11). A autora descreve que “aprendemos que a dor de perder alguém pode ser muito dura, cheia de raiva”. Ela diz, com enorme profundidade, ao narrar como foi vivenciar a morte paterna – também na condição de migrante.

Para Carmen, essas aflições foram vivenciadas dentro de um contexto de absurdo aprendido, apesar de tudo. Para ela, o luto se apresentou como um sentimento “em transformação”. “Primeiro, veio a tristeza, essa que não vai embora. Depois, juntou-se a ela a escuridão; e logo após, a dúvida. Eu pensava, ainda no Brasil, antes de retornar ao Reino Unido: e agora, como eu vou voltar? É uma espécie de perda de referência.”

Jacobucci endossa a descrição: “Com a morte de uma pessoa significativa, vem junto o questionamento: como vou fazer a partir deste ponto?”. Afinal, as perdas são sempre difíceis de serem digeridas, porque dizem respeito às histórias de vida dos indivíduos, seus desejos, suas expectativas, ansiedades e motivações.

Falar e chorar

A indignação é normal nesses casos, segundo a psicóloga: “É um sentimento que eclode quando algo em que cremos, que nos é familiar, ou alguma visão que temos do mundo sofre uma ruptura”. Segundo ela, faz parte do processo de assimilação e compreensão da perda. “Afinal, a pessoa enlutada está vivenciando essa emoção de agonia por saber que deixará de receber algo que nutria seu sentido”. E acrescenta Jacobucci:

Ao perdermos um ente querido, principalmente se for de forma injusta ou abrupta, essas crenças sobre o funcionamento do mundo são quebradas. Nesse sentido, a ideia que tínhamos de que podemos controlar algumas situações se confronta com a realidade de que nós não controlamos os acontecimentos da vida. Só que o não controle pode gerar ansiedade. Quando perdemos um ente querido, a dor é enorme e muitos questionamentos nos surgem à mente. Como resposta, a raiva aparece como uma reação natural à perda.

Se morte é perda de referência, da pessoa amada e da terrível certeza do controle, é também acompanhada de outros desaparecimentos e ruínas. Não é à toa que Chimamanda (Adichie, 2021, p. 11) descreve: “A notícia [da morte do pai] é como um desenraizamento brutal, sou arrancada à força do mundo que conhecia desde a infância”. A autora perpassa o tema ao afirmar que “uma grande parte do luto se prende com a linguagem, com o fracasso da linguagem e a busca de linguagem”. Mas, mais adiante, ela parece encontrar uma descrição para esse sentimento. “O luto não é diáfano; é substancial, opressivo, uma coisa opaca” (2021, p. 39).

Nesse lugar de falência que vem com o fim de uma vida, o desespero de uma ruptura, do desencontro da linguagem, da incompreensão da dor do outro e, por vezes, da falta de empatia, o luto no exterior torna-se, em alguns casos, enormemente desafiador. Nos encontros mensais que realizo pela organização não governamental Heks-Suíça, sob o guarda-chuva do Projeto Envelhecimento na Migração, o Café e Conversa já abordou o luto duas vezes. Como os encontros são *online*, embora sejam desenhados para pessoas de língua portuguesa na Suíça, recebo mulheres de diversas partes do mundo.

Nessas discussões, ouvi relatos de extrema solidão no luto, adicionadas à solidão inerente à migração, principalmente quando essa imigrante brasileira vai viver em um país de cultura mais individualista⁶. São interseccionalidades dentro da dor insuportável da morte

6 O individualismo é característico de culturas em que a experiência social se organiza em torno de indivíduos autônomos. Já o coletivismo caracteriza-se por fortes laços associativos aos grupos de pertença e por relações dissociativas formais com pessoas não pertencentes a estes grupos, sendo, assim, típico de culturas subjetivamente estruturadas em função da coletividade (família, tribo, grupos religiosos, país etc.). Original em espanhol, tradução nossa. Fonte: TRIANDIS, H.C. Aproximaciones teoricas y metodologicas al estudio del individualismo y el colectivismo. **Revista de Psicología Social y Personalidad**, Cidade do México, ed. 6, p. 29-38, 1990.

e da experiência de uma vida longe da família no Brasil. Em um dos encontros, uma participante brasileira relatou que, quando perdeu o pai, ouviu da sogra europeia que ela era “melodramática” e que era cobrada constantemente sobre a obrigatoriedade da recuperação. “Ela invalidava a minha dor a todo momento e questionava se eu ainda não tinha ‘me recuperado’ ou se ‘não iria sair dessa tristeza nunca’”. Eis as palavras dessa participante que vivenciou o luto na Suíça:

Foi muito sofrido para mim. Como eu tinha mais contato com pessoas suíças na época, eu enfrentei um luto muito solitário e, de certa forma, castrado. Quando minha mãe ficou doente alguns anos depois, pensei nesse processo de extremo isolamento, em que eu não era acolhida para nem mesmo falar ou chorar, mesmo que sozinha, o meu sofrimento.

Cynthia de Almeida, Amanda Thomas, Gisela Adissi, Rita Almeida, Mariane Maciel e Sandra Soares, fundadoras do site *Vamos Falar Sobre o Luto?*⁷, apontam ao escrever sobre o tema (Forsythia, 2021):

O luto é uma história que deve ser contada repetidas vezes. [...] É particularmente importante para quem vive o processo, mas também para quem está perto do enlutado e quer ajudar. Em ambos os casos, convém se lembrar dela. Se possível, repeti-la como um mantra: vamos contar nossas histórias? Não estamos sozinhos. E para ter certeza disso, precisamos falar. Contar, ler, ouvir e nos reconhecemos no outro.

Isso, infelizmente, não é fácil. É difícil falar sobre o luto em sociedades que preferem mudar de assunto. Como se fosse possível ignorar o simples fato de que todos nós morreremos. E que, antes

⁷ Disponível em: <https://vamosfalarsobreoluto.com.br>. Acesso em: 23 set. 2023.

disso, muito provavelmente, veremos partir pessoas que amamos. Para Carmen, por exemplo, é sempre um bálsamo quando alguém pergunta como ela está e tem tempo para uma escuta ativa. “Para mim, nesse momento de fragilidade, significa mostrar preocupação com o meu bem-estar. Sinto como um carinho, uma porta de entrada para que eu possa, se eu quiser, falar sobre o meu processo de luto”, diz. “No Dia das Mães, uma amiga me enviou uma mensagem: ‘Hoje pensei muito em como seria seu dia’. Fiquei comovida”, emociona-se.

Mas ela confessa que muitas vezes se cala para não levar o luto a todo lugar. “A vida continua, claro, mas fica aquele espaço ali, com um vazio que precisa ser cuidado e elaborado. Apesar de me sentir muito triste, eu me permito ir a algumas comemorações e tentar ser o melhor para aquelas pessoas de que eu gosto.”

A morte bagunça muito setores da vida dos que ficam. Participantes da roda de discussão relatam que enfrentaram problemas com os familiares que ficam no Brasil, seja por custos de tratamento e envio de dinheiro, seja por questões relacionadas a herança, culpabilização por esse familiar imigrante não estar presente no cotidiano do avançar da doença.

Em uma das reuniões do Café e Conversa do Heks, uma brasileira lembrou que até mesmo o controle da informação que chega até ela torna o processo mais complicado. “Essas cobranças e o fato de quererem me deixar de fora têm deteriorado a relação com os meus irmãos. Isso sem falar nos constantes pedidos de dinheiro, sendo que eu já pago o tratamento de minha mãe, o que inclui enfermeiras e plano de saúde”, disse. “Mas como estou longe e em um país ‘rico’, todos acham que eu também sou rica”, desabafou.

Endossando esse tipo de dificuldade que cerca a morte de um ente querido, a médica Ana Claudia (Arantes, 2016, p. 32) relata que,

“diante de uma doença grave e de caminho inexorável em direção à morte, a família adocece junto. O contexto de desintegração ou de fortalecimento dos laços afetivos permeia muitas vezes fases difíceis da doença física de um de seus integrantes”. Entretanto, a lembrança do indivíduo permanece (Arantes, 2016, p. 134-135):

Não existe a possibilidade de haver uma morte absoluta, de desintegração de todas as dimensões de um ser humano cuja existência teve algum sentido na vida de outros seres humanos. Quando a morte acontece, ela só diz respeito ao corpo físico. Meu pai morreu, mas continua sendo meu pai. Tudo o que me ensinou, tudo o que me disse, tudo o que vivemos juntos continua vivo em mim. A dor do luto é proporcional à intensidade do amor vivido na relação que foi rompida pela morte, mas também é por meio desse amor que conseguiremos nos reconstruir.

A perda física do indivíduo não é a perda da memória que se tem dessa pessoa. Carmen diz que a morte da mãe trouxe um despertar de consciência. Em suas palavras, “uma cortina que se abriu para o poder que essa mulher tem em mim”. Em depoimento do grupo de apoio do Heks, uma brasileira que perdeu o pai há alguns anos diz que fez um pacto consigo mesma e com a família de evocar sempre a lembrança do jeito dele, e assim todos conseguem rir muito com as recordações.

Pessoalmente, eu não sei se conseguirei fazer o mesmo depois que minha mãe se for. Estou consciente que cada um tem uma história diferente na família. Com o crescimento da minha filha, vejo meu pai nela, em sua musicalidade. É lindo perceber que ela adora que eu conte histórias engraçadas dele. O fato de essa neta viver no exterior e não ter podido desfrutar de uma convivência mais próxima com o avô mostra o poder do amor, mesmo que a quilômetros de distância e ausente da carne, mas presente no espírito.

Em casos como o luto, Shelby Forsythia (2021, p. 16) escreve que é uma boa ideia fazer, por exemplo, uma lista de dez a 15 coisas que você mais amava e admirava na pessoa que morreu. Pode ser qualquer coisa, desde a mais simples, como “o som da risada dela”, até “a maneira como sempre desdobrava o guardanapo quando se sentava à mesa”. A dica da autora é que se tente procurar esses traços e características nas pessoas ao seu redor: podem ser seus parentes, seus amigos e até desconhecidos.

Certamente, esses indivíduos nunca vão ocupar o lugar de quem você perdeu, mas eles podem funcionar como pequenos e relevantes lembretes do jeito especial da pessoa que se foi. Assim como Forsythia, muitos especialistas em luto, como a psicóloga Nazaré Jacobucci, recomendam que quem perdeu alguém querido nutra essa ligação com algo significativo.

Uma pessoa melhor

A literatura é clara. Quem passou pela diáspora e pela imigração já lidou com o luto quando deixou o país de origem. A tristeza de abandonar um pedaço da vida na terra natal e se mudar para outras terras, mesmo que tenha sido sua vontade, traz a dor do luto. Emigrar é despedir-se da família, dos amigos, da sua cultura, da sua cidade, da sua rotina, do seu idioma e, muitas vezes, de você mesmo.

“A gente vive luto diariamente aqui. É referente à nossa identidade, da obrigatoriedade em se adaptar, das esperanças das expectativas não cumpridas. São tantos lutos diários que fica difícil sobreviver”, pontuou outra brasileira migrante em um dos encontros do Heks. Mas Jacobucci chama atenção: “A migração não é sinônimo de luto. Contudo, tanto os refugiados quanto os indivíduos que escolheram emigrar experimentarão, em graus diferentes, os sentimentos vivenciados num

processo de luto. Simplesmente porque haverá várias rupturas e perdas ao longo do decurso migratório”.

Ao contextualizar o processo de luto, a psicóloga quer provocar uma reflexão das perdas cotidianas, reais e simbólicas, às quais nós, migrantes, estamos suscetíveis em nosso dia a dia em terras estrangeiras. “Na minha opinião, ao decidirmos embarcar num ônibus, trem, avião ou navio, estamos rompendo com dois dos vínculos mais importantes de nossas vidas: o familiar e o de pertencimento”, descreve Nazaré Jacobucci.

Ao introduzir uma obra sobre o tema, o escritor Bruno Fontes (2019) diz que, entre o fim e um novo começo, sentimos a mais inexpricável das emoções: a saudade.

Eu não sei dizer em que momento da vida a primeira saudade se dissipou no ar, mas acredito que foi assim, tão natural quanto encostar a cabeça no travesseiro antes de dormir: eu acordei, tomei um café e não pensei nela o dia todo. E a vida seguiu, sentindo falta de algumas coisas e esquecendo outras. O coração de vez em quando acordava e a vida sorria, às vezes comigo e às vezes sozinha, até eu encontrar um novo amor, o mesmo amor que se transformaria na minha segunda saudade, a saudade que hoje mora em mim.

Aqui, ele descreve o sentimento no contexto do término de um amor; mas não seria a morte da mãe de Carmen, também, um ‘quebrar’ de um amor? Carmen sonha com o momento em que a lembrança virá, embora salpicada de saudade, sem tristeza. “Quero saudade sem dor”, diz. “Você está vendo, só de falar eu choro.”

Para a médica Ana Claudia (Arantes, 2016, p. 137), “a maioria das pessoas não sabe lidar com a tristeza de quem está perdendo uma pessoa importante e muito menos lidar com o sofrimento de quem acabou de perder alguém. Querem abreviar o tempo da dor”.

“O luto é um processo de profunda transformação”, relata a psicóloga Nazaré Jacobucci. “Dependendo de como foi a integração desse imigrante no país estrangeiro, se essa vida tem sido significativa e de qualidade, melhor será a possibilidade de lidar com o luto de alguém que ama e que se foi no seu país de origem”, explica. Dessa forma, ela nos alerta para a importância de cuidar da nossa integração no novo país e valorizar nossa vivência, mesmo que longe de casa.

A certeza da escolha de Carmen de viver no Reino Unido e o sentimento que tem, mesmo sem dar conta, de que ela irá encontrar o seu caminho e renascerá diferente da morte da mãe, é uma boa mostra da também beleza que a morte pode conter. Diante das reflexões diárias, Carmen acerta na sua desconfiança: “Eu acho que vou sair dessa experiência como uma pessoa melhor”. E sairá.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o Luto**. Alfragide: D. Quixote, 2021.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A Morte é um Dia que Vale a Pena Viver**: e um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

BÄCKERT, Liliana Tinoco. **Amores Internacionais**: casei com um estrangeiro, e agora? Curitiba: Editora InVerso, 2020.

BÄCKERT, Liliana Tinoco. **The Cultural Barriers faced by Brazilian Women in the German Part of Switzerland**. Lugano: Thesis: Intercultural Communication, University of Italian Switzerland, 2016.

FONTES, Bruno. **O que eu faço com a Saudade?** São Paulo: Planeta, 2019.

FORSYTHIA, Shelby. **Sobre Viver o Luto:** um guia reconfortante para enfrentar o dia após dia depois de uma perda. Bauru: Astral Cultural, 2021.

JACOBUCCI, Nazaré. **Perdas e Luto:** educação para a morte, as perdas e o luto. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://perdasseluto.com>. Acesso em: 23 set. 2023.

Alemanha

Pássaros que amam redemoinhos

Enio Moraes Júnior

“La canción es un pájaro sin plan de vuelo que jamás volará en línea recta.” O músico chileno Jan Lucas Säuberlich, de 35 anos, guarda um verso escrito em um velho pedaço de papel de onde saltam, em espanhol, as palavras que o apresentam: “A canção é um pássaro sem plano de voo que jamais voará em linha reta”. A poesia da conterrânea Violeta Parra conduz o voo do artista que se formou em cinema, mas é na música que tem seguido carreira, levado pela paixão por composições e instrumentos musicais.

Vivendo em Berlim desde 2011, Jan é um migrante, entre tantos, cuja arte ajuda a moldar a paisagem da capital alemã, ao mesmo tempo que é moldado por ela. Em seu quarto, no apartamento no bairro de Neukölln, além dos versos de Parra, outros objetos ajudam a revelar sua identidade: da fotografia da *chica* por quem se apaixonou na adolescência ao órgão *Yamaha* que, quando não é tocado, ampara imagens e lembranças, como fotos e documentos;

do aparelho telefônico retrô de cor laranja ao violão *Ortega* que o acompanha nas ruas e palcos de Berlim.

Os curtos cabelos negros, que um dia foram longos, a pele morena clara, os cerca de 60 quilos em 1,67 m de altura, fazem dele mais um dos tipos humanos que desfilam pelas ruas, mas carregando uma história que é só sua. Ao falar, o sotaque espanhol atravessa cada frase pronunciada em um idioma alemão aprendido desde a infância, quando frequentou uma *Deutsche Schule*, uma escola alemã, em Santiago do Chile.

“Ser migrante é uma experiência que ensina a viver e a aceitar as diferenças”, sentencia. Talvez Jan esteja certo, assim como filósofos e príncipes. Citando a obra de Antoine de Saint-Exupéry¹, a filósofa italiana Donatella Di Cesare (2020, p. 103) defende que o ser humano deveria ser livre para migrar:

Trata-se, portanto, de um direito constitutivo que diz respeito ao próprio cerne da liberdade individual. Além dos filósofos, também o Pequeno Príncipe sabe que ninguém é dono do planeta e que todos, como os pássaros selvagens nos seus movimentos migratórios, deveriam ser livres para ir, circular, voltar.

Ao construir uma proposta de filosofia da migração, Di Cesare (2020) assinala que, mais que um direito, a migração é uma base para troca de experiências humanas e culturais enriquecedoras. No entanto, é no Estado-nação, denuncia a autora (2020, p. 63), que se encontra o maior senão dessa liberdade. Sob o falso argumento de que é o proprietário do território, o Estado assume o poder de de-

1 SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 48. Ed. (original de 1943). Tradução Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2006.

terminar quem entra, já que o migrante poderia corromper a integridade identitária da nação – outro argumento que não se sustenta, segundo ela:

Talvez haja certo mito da globalização querendo nos fazer acreditar que um mundo sem fronteiras está próximo. Pelo contrário, essas tradicionais linhas de separação, que pareciam superadas, multiplicam-se e fortalecem-se em toda parte, onde existem Estados, novos Estados, Semi Estados, Estados-fantasma, Estados falidos ou em vias de falência. Longe de serem abolidas, as fronteiras continuam sendo o fundamento do alfabeto geopolítico (Di Cesare, 2020, p. 282).

Migrar é, pois, um ato de rebeldia, porque incomoda o Estado e desafia permanentemente o sujeito que migra. Viver em Berlim ou nas grandes cidades alemãs, como Hamburgo e Munique, por exemplo, traz para o migrante, junto com desafios, oportunidades para moldar e moldar-se. Para começar, viver em uma dessas metrópoles da Alemanha é, muitas vezes, sinônimo de coabitar e dividir a vida em uma *Wohngemeinschaft* ou seja: uma *WG* (“vê-ghê”, pronuncia-se em alemão), os apartamentos compartilhados por estudantes, artistas ou profissionais liberais. Em alguns casos, pessoas de distintas nacionalidades.

No apartamento alugado de quase 150 metros quadrados, Jan divide espaço com uma americana, dois alemães e o irmão mais novo, Theo, que em 2022 chegou do Chile. “A mim, pessoalmente, me encanta essa multiculturalidade. Eu acho um privilégio poder compartilhar um espaço com alguém da África, da América do Sul, da Europa, da Grécia, ou mesmo da Líbia, ou do Líbano”, conta.

Reflexo e refletindo a mistura de culturas e identidades que é Berlim, Jan veste-se e vive como muitos cidadãos que nasceram na

capital ou tantos outros chegados de várias partes do mundo que já se adaptaram ao *dresscode* da cidade: roupas folgadas, trajadas com algum desleixo. Uma geração urbana, com opção por uma vida sustentável, que enfatiza uma alimentação saudável e é orientada para as causas ambientais.

A bicicleta como principal meio de transporte é uma das marcas mais evidentes do estilo berlinense, que valoriza economia e liberdade. É uma *bike* amarela da marca *Kenhill* que conduz Jan em muitos dos seus trajetos pela metrópole. Um deles, em direção ao bairro de Lichtenberg, na região centro-norte da capital, onde o músico trabalha como assistente pessoal de uma senhora com deficiência física. O salário permite-lhe arriscar seu tempo com a arte e a música, das quais os ganhos são muitas vezes incertos.

O corpo franzino quase circula despercebido nas idas e vindas entre Neukölln e Lichtenberg e tantas outras viagens de Neukölln em direção a bares e palcos de bairros como Treptow, Tiergarten e, principalmente, Kreuzberg, o que mais concentra artistas e vida noturna na cidade. Movimentando-se em sua bicicleta amarela, nos S-Bahn ou nos U-Bahn – o simbólico sistema de trens e metrô berlinenses –, Jan se mistura à anônima diversidade humana da capital. Ele reconhece que a convivência com culturas diferentes em casa e nas ruas o fez outro, mas valoriza as antigas amizades com músicos e conterrâneos latino-americanos. “É a minha origem, não posso esquecer”, diz.

A antropóloga cultural berlinense Inga Scharf da Silva, com a experiência de ter vivido no Brasil, reconhece que a cultura latino-americana está decisivamente presente na vida da Alemanha. Ela destaca que a América Latina é tema de pesquisas em universidades, que as suas referências culturais e religiosas são frequentes em even-

tos que ocorrem no país e que as línguas da região são ensinadas em escolas bilíngues:

A migração de pessoas, pensamentos e crenças latino-americanas na Alemanha é um impulso importante para a sociedade local. As diversas vertentes culturais estão omnipresentes na vida quotidiana de Berlim e outras cidades alemãs, entre elas a música, em festivais, a dança, o esporte, as artes plásticas, a culinária, compartilhada em famílias e amizades, e também na gastronomia dos restaurantes e bares da cidade. Além disso, a cultura latino-americana está presente religiosa e espiritualmente nos centros kardecistas, nas casas de candomblé e umbanda, assim como em grupos de evangélicos.

Para Inga, Berlim mostra o tempo todo que a migração, em vez de ameaçar a identidade cultural do seu povo, a enriquece. Em concordância com ela, o pesquisador Saúl Escalona (2019) também reconhece que a metrópole alemã é um centro multicultural, com uma cena artística importante. O autor salienta que, se a cidade é um ponto de atração para artistas do mundo todo, é, por sua vez, por meio da arte e da cultura de seus países que esses artistas e músicos se reinventam, sobrevivem e se integram à vida local.

Berlim não é Alemanha

É em meio a essa alquimia que um Jan cheio de sentimentos e paixão declara-se. Ao som de cúmbias, esse ritmo latino tão característico, cujas letras falam de paixões e de agruras de amor, cantando a liberdade e a felicidade, mas também sofrimento e impossibilidades, o artista se atreve. No palco, como vocalista e músico da banda *Solo Pájaros*, sua alma salta e se agiganta. Em *Mi Nombre*,

que ele compôs, a confissão de uma paixão atormentada e cheia de provocação que põe para dançar quem o ouve cantar em seu espanhol materno:

Y ahora qué debo este amor callar
No voy hacerlo
Es que yo lo he visto en tus ojos
Mientras te estabas riendo
Por eso cuando digo
Que el amor no existe
Estoy mintiendo²

A nação que Jan escolheu para viver tem um número expressivo de migrantes. Segundo dados do Departamento Federal de Estatísticas da Alemanha (Destatis)³ referentes a 2022, dos 84,3 milhões de habitantes do país, cerca de 20,2 milhões de pessoas (24,3%) são migrantes ou filhos de migrantes⁴. Com uma população de pouco mais de 3,85 milhões de moradores, Berlim reproduz os índices migratórios nacionais: por volta de 935,5 mil pessoas (24,3%), segundo relatório relativo a 2022 do Departamento de Estatísticas de

2 Em português, tradução nossa: E agora que devo calar esse amor / Eu não vou fazê-lo / Eu o vi em seus olhos / Enquanto você estava rindo / Por isso que quando digo / Que o amor não existe / Estou mentindo.

3 STATISTISCHES BUNDESAMT (DESTATIS). **Bevölkerung**: Migration und Integration 2022. Berlim, 21 jul. 2023. Disponível em: https://www.destatis.de/DE/Themen/Gesellschaft-Umwelt/Bevoelkerung/Migration-Integration/_inhalt.html. Acesso em: 28 ago. 2023.

4 A Alemanha utiliza o conceito de “pessoas com histórico de migração” (“Menschen mit Migrationshintergrund”), computando os migrantes e os filhos dessa geração nascidos no país. Alguns especialistas dizem que a opção visibiliza os processos de integração. Outros afirmam que essa contagem é excludente. Fonte: WILL, Anne-Kathrin. Migrationshintergrund: wieso, woher, wohin? **Bundeszentrale für Politische Bildung**. Berlim, 5 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bpb.de/themen/migration-integration/laenderprofile/deutschland/304523/migrationshintergrund-wieso-woher-wohin/>. Acesso em: 10 set. 2023.

Berlim-Brandemburgo⁵. Assim como a Alemanha, portanto, quase um quarto da população da capital é composta por migrantes e seus filhos.

Ainda de acordo com o Departamento de Estatísticas, em 2022, os maiores grupos de estrangeiros em Berlim vinham da Turquia, Ucrânia e Polônia. Também ocupam lugar de destaque, entre as maiores comunidades estrangeiras na cidade, russos, italianos, sírios, búlgaros, libaneses, sérvios, americanos e vietnamitas. Quanto aos latinos, dados de 2021 estimam que 168,3 mil deles vivem no país, sendo cerca de 36,7% (61,9 mil) em Berlim, segundo o Instituto de Economia Alemã⁶.

Quase 200 nacionalidades, conforme o Destatis, vivem hoje na capital. Cores, roupas, aromas, costumes, idiomas e estilos que convivem e formam uma paisagem humana rica e enriquecedora, mas que, muitas vezes, se traduz em choques e conflitos culturais. Pouco consensual, a metrópole alemã sempre pelejou entre a fama de ser vibrante, mas caótica. Uma cidade sempre surpreendente, mas também desafiadora.

Não à toa, um dos seus símbolos é o *Weltzeituhr*, o Relógio do Mundo, fincado desde 1969 em Alexanderplatz, a praça mais icônica da cidade. Na rotunda de metal do relógio, estão nomes de 146 cidades, entre elas, Santiago do Chile, que talvez funcione como uma remota conexão entre migrantes como Jan e suas origens. Para muita

5 EINWOHNERREGISTERSTATISTIK 2022 BERLIN. **Statistik Berlin Brandenburg 2022**. Berlim, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://www.statistik-berlin-brandenburg.de/029-2023>. Acesso em: 6 mar. 2023.

6 GEIS-THÖNE, Wido. Zuwanderung aus Lateinamerika: Erfolge und Potenziale für die Fachkräftesicherung. **IW-Report**, Colônia, n. 25, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.iwkoeln.de/studien/wido-geis-thoene-erfolge-und-potenziale-fuer-die-fachkraeftesicherung.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

gente que vive em Berlim, o *Weltzeituhr* é também um ponto de referência para encontro de amigos.

“Mas Berlim não é Alemanha”, ouve-se vez ou outra em rodas de conversa. E alguns fatores colaboram para dar sentido à afirmação. Em sua recente história, a cidade esteve dividida por um Muro por mais de 30 anos. Não é de se estranhar que a convivência entre alemães do oeste, do leste e migrantes que se misturaram na cidade esteja imersa em choques e conflitos culturais até hoje ainda não resolvidos. Como sinaliza a antropóloga Inga Scharf da Silva, que é doutora em Etnologia Europeia:

Para muitas pessoas, incluindo alemães vindos de outras partes do país, Berlim desempenha um papel essencial no processo de transformação social, uma vez que a cidade se tornou um centro de atração para novas formas de convivência. A antiga ilha política de Berlim Ocidental, separada até 1989 pelo Muro interno, e a capital representativa de Berlim Oriental da antiga República Democrática Alemã, mantiveram uma posição singular nas últimas décadas devido a esta situação histórico-política e continuam a mostrar sinais das muitas convulsões e reconstruções nas formas de desenvolvimento urbano que a sociedade alemã como um todo atravessou.

Além disso, a metrópole é de longe a maior cidade do país. Hamburgo, com 1,8 milhão de habitantes, vem em seguida, com a metade da população de Berlim. Ao associar a história e o tamanho da capital à sua vocação multicultural, é possível enxergá-la como um lugar distante da suposta disciplina de outras cidades alemãs, com paisagens idílicas, praças bem cuidadas e jardins floridos, especialmente nas pequenas vilas do país, os chamados *Dörfer*.

“*Berlin ist arm, aber sexy*”: “Berlim é pobre, mas sexy”, ouve-se nas ruas ou lê-se em pichações e cartazes. A frase, atribuída ao então

prefeito Klaus Wowereit, nos anos 2000, tornou-se popular. Vez ou outra contestada por quem nega que Berlim seja pobre, a sentença tem muito mais a ver com a ousadia, as transgressões e a criatividade que marcam a vida na cidade. Tudo isso é potencializado por sua cena cultural e artística. Nesse cenário, a música latina merece um aparte.

Escalona (2019) atesta que, alguns anos após a Segunda Guerra, especialmente a partir dos anos 1970, as relações entre Berlim e a música latina foram intensificadas. Se, por um lado, Berlim Oriental começou a atrair artistas de nações comunistas, como Cuba, o setor ocidental da cidade revelou-se uma porta de entrada para migrantes latino-americanos que eram obrigados a fugir da ditadura implantada em países como Brasil, Chile e Argentina. Na Alemanha, eles se reinventaram. Diz o pesquisador (Escalona, 2019, p. 59)⁷:

[...] os latinos que decidiram vir para estas terras sentiram que poderiam encontrar melhores condições de vida. Alguns deles conseguiram integrar-se através da música, estabelecer contatos e sentir que, por essa via, se abria uma avalanche de possibilidades. Assim, os representantes da música folclórica que personificam a tradição ancestral de certas regiões do continente americano tiveram de se adaptar para tornar esta música mais popular.

Nos anos seguintes, essa “avalanche de possibilidades”, concretizada pelo prestígio que artistas latinos conquistaram apresentando suas canções e ritmos em bares, ruas e casas de show da cidade, continuou a atrair músicos. O caminho estava aberto para futuras gerações, como a de Jan e seus companheiros chilenos da atual formação

⁷ Original em espanhol, tradução nossa.

do grupo *Solo Pájaros*: Uaio Cendoya, Antonela Solaris, Sebastián Yáñez e Sebastián Rosales.

Com estações bem definidas, Berlim ganha vida própria a cada período do ano. No outono, é tudo muito “*naja*”, algo como “mais ou menos”: o calor do verão deixou saudades, as chuvas incomodam e tem-se certeza de dias mais frios. No inverno, o “*scheißwetter*” – o “clima de merda” – faz a cidade menos acolhedora e seu povo menos empático. Na primavera, aos poucos, tudo começa a mudar. As flores brotam e tudo melhora. A partir daí, os berlinenses ficam mais afáveis.

O ano todo movimentada, é no verão, entretanto, quando berlinenses e turistas lotam as ruas, que a cidade entra em ebulição. Os termômetros passam dos 30°C e os músicos, migrantes ou não, fazem coro junto com os pardais da família dos *Passeridae* – a ave mais popular das ruas de Berlim – para mostrar sua arte e ganhar dinheiro com ela ou, às vezes, simplesmente prestigiam os amigos que se apresentam nos palcos ou tocam em alguma avenida mais movimentada.

Ora músico, ora plateia, Jan conhece bem os dois lados dessa história. A primeira banda latina que assistiu na metrópole foram os chilenos *A Mula Santa*, mas inesquecível mesmo foi a primeira apresentação em Berlim. Ele tocou pela primeira vez em junho de 2017, em uma das praças mais conhecidas da cidade, Mariannenplatz, no bairro de Kreuzberg. “Eu senti muito medo depois que vi, pela primeira vez, meu nome em um *poster* de um *Sommerfest*”, confessa, referindo-se aos animados festivais de verão que acontecem na cidade.

Naquela época, ainda não estavam constituídos os *Solo Pájaros*, mas Uaio e Antonela, então apenas dois conhecidos seus, aceitaram o convite do vocalista estreante e o acompanharam na percussão e

no baixo, respectivamente. Dedilhando o violão, Jan cantou, entre outras cúmbias, uma composição própria, *La Alegria*. Segundo ele, esta foi a música que mais o marcou naquela apresentação:

Hay un globo en el cielo
Que nunca para de subir
Si lo miras desde arriba
Podrás ver que es tu corazón⁸

Os versos parecem desnudar que, naquela estreia, o coração de Jan estava para saltar pela boca. Deu tudo certo. “Eu me senti muito bem porque, quando se vence o medo, se sente a conquista”, avalia. “Meus amigos também disseram que eu me saí muito bem e que eu deveria seguir cantando”, completa ele, que cumpriu à risca a recomendação. O entrosamento no palco entre Jan, Uaio e Antonela foi o ponto de partida para a formação da banda *Solo Pájaros*. Às vezes, o grupo é modificado e saem ou chegam novos pássaros, como os dois Sebastians. Mas os artistas seguem com seus voos.

Europa e Neukölln

Berlim, que renasceu de destroços depois da Segunda Guerra e pouco depois se viu dividida, tem um passado difícil, mas de resistência. Talvez resida exatamente aí a sua força para manter-se altiva e despertando interesse. A história da cidade está em suas ruas, arquitetura e demografia, que Jan conhece bem. Mas viver na capital é também, para ele, uma oportunidade de visitar outras histórias e as paisagens da Alemanha.

⁸ Em português, tradução nossa: Há um balão no céu / Que nunca para de subir / Se você olhar para ele de cima / Poderá ver que é seu coração.

De acordo com o artista, conhecer Marburg, cuja arquitetura histórica lhe chamou atenção, ou Freiburg im Breisgau, onde foi surpreendido por uma intensa cena artística, foram experiências marcantes. Mas foi a visita a Heidelberg, que une história e natureza, a viagem que mais gostou dentro do país. “Uma cidade linda, parecida com um conto de fadas. Duas colinas unidas por um rio, com castelos antigos, passagens pequenas e ruas de pedra. É o tipo de lugar que não se pode visitar na América Latina, porque as cidades da Europa são muito mais antigas”, diz.

Desde 2011 morando na Alemanha, Jan retorna com frequência ao Chile. A última vez foi no final de 2021, época da pandemia de Covid-19. Voltou ao país para visitar os pais, os irmãos Kai e Theo e, sobretudo, em razão do casamento da irmã, Gala. Ficou quase três meses e também reviu sobrinhos e amigos. “Eu não podia voltar. Por causa da pandemia, os aeroportos estavam praticamente fechados.”

Mas Berlim é também, para ele, o ponto de partida para lugares até então inexplorados. A lista inclui cidades como Amsterdã, a capital holandesa, cuja intensa cultura da bicicleta Jan ressalta como um ponto positivo; Praga, a capital da República Tcheca, onde, como ele faz questão de destacar, “muita coisa ficou intacta depois da Segunda Guerra”; e Thessaloniki, na Grécia, cuja simpatia da população local o surpreendeu. “Paris é interessante, mas o que mais gostei foi a forma como um amigo que mora lá me recebeu. Fomos a bares e fizemos muitos passeios de bicicleta”, avalia. “Eu achei Copenhagen organizada demais para o meu gosto. Mas, na verdade, eu fui à Dinamarca com uma amiga para caçar e foi uma aventura interessante.”

Por conta da origem dos seus avós maternos, Orlando e Anita, Jan tem ancestralidade espanhola. E foi uma visita à capital italiana, em companhia da mãe, Paulina, que o fez reencontrar um pouco da

história do lado espanhol da família. Ele explica: “Como meu avô materno estudou química em Roma, visitamos a universidade onde ele havia se formado”. O encontro com o Coliseu e o Fórum Romano, além da comida italiana, foram, para ele, também marcantes. “Meus avós também falaram que tínhamos que visitar, em Roma, a Praça de Espanha. E fomos!”

A vida em Berlim, que se abre em possibilidades para Jan explorar a Alemanha e outros países, é também uma oportunidade para ele mergulhar no espírito da cidade e do bairro onde mora, Neukölln. Segundo o Departamento de Estatísticas de Berlim-Brandenburgo⁹, embora hoje não figure entre as maiores concentrações de migrantes – pódio ocupado pelo bairro de Mitte, com 36,7% de população composta por migrantes ou descendentes diretos –, o bairro de Neukölln é um importante centro multicultural da capital.

Na região, além dos alemães, vivem, sobretudo, famílias de origem turca, árabe e libanesa em meio a outras quase 170 nacionalidades. “Neukölln tem uma ligação antiga com a migração em Berlim, quando se chamava Rixdorf”, relata Jan, referindo-se ao antigo nome da região, que se desenvolveu a partir do século XVIII com a presença de refugiados oriundos da Boêmia, atual porção da República Tcheca¹⁰.

Localizado no sudeste da capital, na época do Muro quase todo o bairro ficou no setor americano, em Berlim Ocidental. Sonnenallee, a mais icônica avenida da região, entretanto, esteve dividida até 1989

9 EINWOHNERREGISTERSTATISTIK 2022 BERLIN. **Statistik Berlin Brandenburg 2022**. Berlim, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://www.statistik-berlin-brandenburg.de>. Acesso em: 6 mar. 2023.

10 CHRONIK und Geschichte Neuköllns. Bezirksamt Neukölln. **Berlin**. Berlim, [20--]. Disponível em: <https://www.berlin.de/ba-neukoelln/ueber-den-bezirk/historisches/artikel.285866.php#:~:text=1797%20wird%20der%20Name%20Rixdorf,aus%20dem%20Kreis%20Teltow%20aus>. Acesso em: 10 set. 2023.

e 400 metros de seus cinco quilômetros de extensão pertenceram a Berlim Oriental. Hoje, a rua é símbolo de diversidade, onde os *Kneipen* – típicos bares alemães – convivem com comércios de outras nacionalidades. Ao lado da Sonnenallee, corre a Karl-Marx-Straße, também repleta de lojas e serviços, cujo nome faz referência a um dos mais conhecidos filósofos europeus.

É entre essas duas ruas, na Schönefelderstraße, em um antigo edifício de fachada amarela onde logo se avistam amplas varandas, que mora Jan. Convivendo com paredes descascadas, a charmosa escadaria de madeira que leva ao quarto andar, onde fica a WG – o apartamento compartilhado –, é símbolo da elegância da primeira metade do século passado. Em um dos andares, o flagra de uma transgressão de Jan, que pensava estar protegido pelo anonimato e espírito *flâneur* tão comuns em quem vive nas grandes cidades. Na parede das escadarias do prédio, ele registrou à caneta, em inglês: “*I always wanted to write something here*”: “Eu sempre quis escrever alguma coisa aqui”.

Em Berlim, o contraste entre imponência e caos não chega a ser uma característica dos edifícios de Neukölln. Essa é uma marca da capital, cujas ruas e avenidas possuem quase sempre um trecho em manutenção, que muitas vezes implicam transtornos para a população por conta de mudanças nas rotas de automóveis e ônibus. Eles frequentemente são pauta em jornais e canais de TV. “Levam muito tempo para serem concluídos e, no fim, custam muito mais caro”, provocou em 2023 o jornal *Tagesspiegel*¹¹ sobre os trabalhos de manutenção nas ruas.

11 LÄNGST nicht fertig und am Ende viel teurer. **Tagesspiegel**. Berlim, 25 jun. 2023. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/berlin/die-top-ten-der-berliner-dauerbaustellen-langst-nicht-fertig-und-am-ende-viel-teurer-9990670.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

Parte da imprensa berlinense às vezes assume um papel xenó-fobo, associando conflitos e violência no bairro à migração. Mas há reações contrárias também na própria mídia. O jornal *Die Tageszeitung*¹² publicou, em 2023, uma reportagem destacando que “o foco muitas vezes negativo no bairro berlinense de Neukölln é exagerado”. A matéria começa por denunciar a precariedade dos direitos dos migrantes e as informações distorcidas sobre violência da região:

Com cerca de 330 mil habitantes, o distrito tem o tamanho de uma cidade de médio porte – com a diferença de que um número acima da média de pessoas vive em Neukölln sem direito de voto, por exemplo, porque só têm uma autorização de tolerância, ou seja, uma autorização de residência precária. E sim, o crime também é um problema em Neukölln – embora o número de crimes seja maior em [bairros como] Mitte e Friedrichshain-Kreuzberg¹³.

E segue:

Alimentados por preconceitos antimuçulmanos e racistas, os problemas sociais em Neukölln são muitas vezes explicados a partir de uma perspectiva externa, com claras marcas culturais. Um olhar mais atento mostra que os desafios sociais em Neukölln não são diferentes dos de outros lugares da Alemanha.

A gentrificação é outro problema habitacional grave da cidade, e o bairro onde vive Jan é uma das regiões que está no centro desse impasse. Muitas construções estão velhas e precisam de reformas

12 MAßNAHMEN gegen Jugendgewalt: In Neukölln liegt auch die Lösung. **Die Tageszeitung**. Berlim, 19 ago. 2023. Disponível em: <https://taz.de/Massnahmen-gegen-Jugendgewalt/!5954378/>. Acesso em: 15 set. 2023.

13 Original em alemão, tradução nossa.

internas. Mas quando elas são feitas, o preço dos aluguéis pode disparar ou os imóveis ganham uso comercial. Isso tem motivado reações de moradores que, temendo as consequências financeiras, recusam-se a sair de seus apartamentos. Com cartazes e faixas em suas sacadas, eles protestam: “*Wir bleiben alle*”¹⁴: “Todos nós ficaremos”.

Talvez a luta faça sentido em uma cidade onde os aluguéis custam caro, há poucos imóveis disponíveis e a alternativa para viver em um espaço melhor localizado é a vida nas WGs. Mas, no final das contas, o apartamento compartilhado tem lá suas vantagens, como avalia Jan: “Dividir uma casa com pessoas de tantos lugares amplia a mente e a ajuda a compreender outras culturas; a não as julgar e dar conta de como é a sua própria cultura. Isso tudo me surpreende”, avalia o músico.

“*Du bist verrückt, mein Kind. Du musst nach Berlin*”: “Você é louco, meu querido. Você deve ir para Berlim”. Atribuída ao compositor austríaco Franz von Suppè, que viveu no século XIX, a frase, mais uma vez, sinaliza a cidade como um espaço de liberdade e de experimentações. Talvez essa ideia sirva para justificar por que Jan, entre tantos outros migrantes, decidiram viver em Berlim. Em bairros como Neukölln, tudo isso é ainda mais potencializado.

Migrações e passaportes

Säuberlich. O sobrenome deixa claro que o músico chileno apaixonado pela cúmbia não decidiu mudar-se para a Alemanha por acaso. Por parte do pai, Andrés, ele é neto de um ex-oficial alemão

¹⁴ VOLKNANT, Patrick; ZELLER, Lola Zeller. Besetzung in Neukölln beendet: Solidarische Nachbarschaft. **ND Journalismus Von Link**. Berlim, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://www.nd-aktuell.de/artikel/1174785.gentrifizierung-besetzung-in-neukoelln-beendet-solidarische-nachbarschaft.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

que esteve na Segunda Guerra. Aos 20 e poucos anos, Jan fez o percurso inverso que seu avô paterno, Otto Günther, praticamente com a mesma idade, havia feito no início dos anos 1950. No Chile, Otto conheceu sua esposa e avó de Jan, Rosemarie. A jovem professora era filha de alemães que haviam partido para o Chile depois da Primeira Guerra. É essa ancestralidade que acaba por garantir a Jan o sobrenome e o passaporte da União Europeia.

A saída de Santiago para Berlim não foi, entretanto, a primeira migração de Jan. La Serena, no interior do Chile, com uma população hoje em dia em torno de 200 mil habitantes, foi deixada para trás quando ele tinha 11 anos. Logo, Santiago, com mais de cinco milhões de moradores, entrou na sua vida. Mas é no quarto de Neukölln, em Berlim, cercado por fotos, palavras e instrumentos musicais, que ele se torna estatística dos números da migração internacional.

Segundo relatório divulgado em 2021 pelo governo do Chile¹⁵, cerca de um milhão de chilenos vivem fora do país. Tradicionalmente, a Argentina é o destino que recebe a maior parte deles, acolhendo mais de 40% dessa população. Em seguida vêm Estados Unidos, Espanha e Suécia. A Alemanha, com 1,9% dos chilenos, aparece em décimo lugar na lista.

Cerca de 20% da emigração chilena se dá em direção à Europa e, embora a Alemanha apareça na lanterna dos dez primeiros lugares, os dois países têm historicamente uma intensa cooperação. É o que esclarecem Stefan Rinke, Joaquín Fernandois e Georg Dufner (2016, p. 11)¹⁶: “As relações entre a República do Chile e a Alemanha, nas

15 CHILE. Ministerio de Relaciones Exteriores y el Instituto Nacional de Estadísticas. **Revisa los Resultados del Chilenos en el Exterior 2021**. Disponível em: <https://www.chile.gob.cl/chile/revisa-los-resultados-del-segundo-registro-de-chilenos-en-el-exterior>. Acesso em: 6 mar. 2023.

16 Original em alemão, tradução nossa.

suas diferentes formas, desde meados do século XIX até a atualidade, constituem um excelente exemplo da coexistência de diversas formas de laços transfronteiriços e de transnacionalidade”.

Especialmente no século XX, a migração entre as duas nações envolveu aspectos político-econômicos ligados a regimes totalitários como o nazismo alemão e a ditadura chilena nos anos 1970. Se, por um lado, após a Segunda Guerra, o Chile – assim como muitos países latino-americanos – se tornou destino de ex-combatentes alemães que estiveram filiados aos ideais nazistas, por outro, a partir de 1973, quando Augusto Pinochet assumiu o poder, a Alemanha passou a ser um dos destinos de chilenos perseguidos e ameaçados pela ditadura então instaurada no país.

A aproximação entre nações latino-americanas e a Alemanha rendeu frutos em áreas como a educação, por exemplo. Assim como outros países da região, o Chile possui escolas alemãs, *Deutsche Schulen*, que propiciam um aprendizado tendo o alemão como segunda língua e possibilidades de intercâmbio. Jan frequentou uma dessas instituições na capital, Santiago, onde a avó paterna havia sido professora, e talvez tenha começado aí o esboço de um projeto de vida na Europa. Cerca de 50 anos depois da viagem do velho Otto, Jan fez o caminho inverso: de Santiago para Berlim.

Além da ligação familiar com a Alemanha, o desejo em experimentar-se como parte da cena musical de uma grande cidade estimulou a vida no Norte do globo. “Eu comecei a me interessar por música ainda muito jovem, cantando com amigos. Cheguei a concluir o curso de cinema, mas não quis seguir. Meu interesse era mesmo a música.” Quando chegou à capital alemã, decidido a viver na cidade, era um 6 de maio da primavera de 2011. Jan aterrissou na cidade tendo alguém com quem contar e um lugar onde morar: “Um

amigo meu veio viver em Berlim e me convenceu a vir também. Foi com ele que eu dividi minha primeira WG”, relembra.

Como filósofos, príncipes e pássaros, o músico reconhece que todos “deveriam ser livres para ir, circular, voltar” (Di Cesare, 2020, p. 103). Mas será que há retorno para quem migra? “Eu penso em, daqui a alguns anos, voltar a viver no Chile. Meus pais estão ficando idosos e quero aproveitar mais tempo perto deles, cuidar deles, estar com eles. Mas tenho certeza de que, se eu voltar, retorno outro, com outras vivências”, afirma.

Ao tratar das partidas e regressos da migração, Di Cesare (2020, p. 230-231) observa: “Migrar é esse contínuo debruçar-se para fora, que corresponde ao próprio compasso da existência, à sua inerente excentricidade”. Ela evidencia que a migração conduz a um “desvincular-se da origem” e, ao não poder vincular-se à pátria de destino – porque não há sedimentos ou subsídios para isso –, o migrante percebe que o vínculo que cada indivíduo constrói é consigo mesmo. A partir daí, é abandonada a ideia de pertencimento a uma terra e pertencer-se a si e à sua erradicidade¹⁷ passa a ser o desafio permanente de quem migra.

Como o pássaro de Parra, o migrante vai se tornando desprendido, “jamais voará em linha reta”. Exatamente por isso, para a filosofia da migração proposta por Di Cesare (2020), não há regresso possível para quem, de fato, experienciou o processo migratório. Se o migrante retorna à sua terra de origem, ele não é mais aquele que foi. Como o “debruçar-se para fora” o fez outro, é somente esse outro que

17 Com base em Friedrich Hölderlin e Martin Heidegger, Di Cesare (2020, p. 230) destaca que, enquanto a errância é a partida de um lugar para outro, a erradicidade, no que tange à migração, implica a partida de um lugar para outro em que o sujeito migrante se encontra a si mesmo. “É um fazer-se-de-casa no ser não-de-casa”, diz.

pode retornar sem jamais pertencer novamente à terra. Jan presente isso e segue seu voo, como diz, em forma de poesia, em um trecho música *La Distancia*, composta por ele:

A la distancia cae el cielo
Y se me olvida que te quiero
Mi cuerpo se vuelve papel
Y puedo volar solo con los pies¹⁸

O artista, que aos 20 e poucos anos deixou Santiago do Chile, sabe que jamais poderá voltar para Santiago do Chile. As marcas da vida em Berlim, a convivência com tantas nacionalidades e culturas, esse “debruçar-se para fora” o modificaram. E é esse Jan, agora um adulto de 30 e tantos anos, repleto de novas experiências, mas também com um coração pulsando no lugar onde estão suas origens, que poderá voltar, quem sabe um dia, para junto da família e dos amigos.

Os “nós” e os “não nós”

“Às vezes eu paro e penso: o que eu estou fazendo aqui? Mas sempre percebo que quero ficar”, confessa. Talvez sua música, os amigos e o trabalho sejam razões concretas que estimulem Jan a viver em Berlim. Ele avalia que a dupla cidadania, chilena e alemã, facilita seu acesso e permanência no continente europeu, mas admite conhecer casos de preconceito e maus tratos a cidadãos estrangeiros na Alemanha. “Eu, pessoalmente, não sofri discriminações desse tipo, mas tenho amigos que viveram”, diz. “Eu não passei por isso porque moro em Berlim”, enfatiza. “Porque, como dizem, Berlim não é Alemanha”,

18 Em português, tradução nossa: O céu cai à distância / E eu esqueço que amo você / Meu corpo se torna de papel / E posso voar só com os pés.

acrescenta, avaliando que o fato de viver na maior e mais cosmopolita cidade do país pode ser um atenuante contra preconceitos e xenofobia.

Dados oficiais, divulgados em 2023 e amplamente cobertos pela mídia alemã¹⁹, mostram que a intolerância a migrantes, sobretudo a pessoas em situação de refúgio, tem aumentado. Segundo o Ministério Federal do Interior, o número de ataques a abrigos desses cidadãos estrangeiros cresceu em 2022 pela primeira vez desde 2015. Em 2022, houve 121 ataques, danos à propriedade e agressões físicas a esses locais, o que significa um aumento de 73% em comparação com 2021, quando houve 70 casos.

O Ministério associa o crescimento da intolerância à guerra da Ucrânia, à consequente crise econômica e ao aumento das estatísticas de refugiados no país – além dos ucranianos que chegaram a partir de 2022, desde 2015 a Alemanha tem recebido sírios e afegãos. Em sua crítica aos Estados e à forma como as nacionalidades podem implicar e reforçar preconceitos com relação a migrantes e estrangeiros, Di Cesare (2020, p. 147) observa:

[...] não se trata de uma lacuna insuperável, que, apesar de tudo, ainda permanece entre o ‘nós’ e o ‘vós’. O que aprofunda o hiato, o que expõe ainda mais a fratura, é a massa indecifrável dos ‘não nós’ a que o ‘eles’ é condenado. Fazer para si uma imagem do outro não é pouca coisa. Já é difícil com familiares, amigos, conhecidos. Vale para os estranhos, sobretudo, para os estrangeiros.

A esse respeito, Inga Scharf da Silva toca em uma ferida ainda não cicatrizada na Alemanha, apesar do expressivo número de

19 ZAHLEN für 2022: Bericht: Mehr Angriffe auf Flüchtlingsheime. ZDF, 2 mar. 2023. Disponível em: <https://www.zdf.de/nachrichten/panorama/angriffe-fluechtlinge-zunahme-100.html>. Acesso em: 6 mar. 2023.

migrantes que vive no país. A antropóloga assinala exatamente na convivência com esses grupos, um caminho possível:

Os nazis roubaram a nossa cultura e a nossa ligação espiritual com o mundo, deixando uma rigidez de choque, de trauma coletivo. A única forma de escapar disso é regressar à nossa própria vivacidade infantil e, nesse processo, escapar ao racismo e a outras misantropias através de um caminho cultural diferente.

Com 33 anos e há nove vivendo na capital alemã, o chileno Uaio Cendoya, amigo pessoal de Jan e integrante da banda *Solo Pájaros*, é pai de um menino de oito anos. Ainda que seja um homem branco, ele conhece casos de racismo e reconhece que há xenofobia na cidade. “O idioma talvez seja a primeira dificuldade para se viver aqui. Depois que se fala um pouco melhor, já se consegue mais. Mas há alemães muito preconceituosos em relação a migrantes, inclusive a latinos”, observa.

“O que mais chama minha atenção de quando cheguei em Berlim, em 2014, para hoje, é que havia mais espaço onde se podia tocar e mais tolerância”, afirma Uaio, que mora no bairro mais artístico e *hipster* da cidade, Kreuzberg. Percussionista em outras três bandas berlinenses e com uma vida artística intensa, ele sabe o que fala. “Se um músico começa a tocar em seu apartamento, assim que um vizinho se sente incomodado, logo chama a polícia. Antes, esse vizinho chegava e conversava com você. Agora não, não há diálogo. E há algum tempo, ao perceber que somos migrantes, os policiais querem ver nossos passaportes. Não era assim”, diz.

É exatamente nesse ponto que se inscreve a perigosa linha entre os “nós” e os “eles”, descrita por Di Cesare (2020), separando os autóctones, de um lado da fronteira, dos migrantes e refugiados, do outro. A autora (2020, p. 147) observa que o migrante, o estranho,

sempre desestabiliza as certezas, por isso, quando o autóctone percebe que se trata de um “não nós”, sente o incômodo. Embora ela reconheça que não é uma tarefa fácil superar isso, entende que o problema aumenta quando a diferença chega ao ponto de levar a formas de preconceito e intolerância, como a xenofobia e o racismo.

No contexto migratório, integrar-se é uma via de mão dupla, envolvendo quem chega, mas também quem já está no lugar. Na convivência entre latinos e alemães, diferentes concepções de sociedade pode ser um complicador nesse processo, como avalia Inga:

Enquanto os latino-americanos encontram a principal coesão da sua sociedade na família e na vizinhança direta, as pessoas que cresceram e socializaram na Alemanha estão habituadas a confiar mais nas instituições estatais, como creches, escolas, universidades e associações do que na família de origem, e a cultivar aí as suas amizades.

Com um livro publicado sobre o assunto²⁰ -, a antropóloga destaca que encontrar novas formas de convivência entre as diferentes culturas é possível e pode encher a vida de possibilidades. Referenciada na obra organizada pelos autores Marc Hill e Erol Yildiz (2018, p. 07)²¹, a pesquisadora ilumina seus argumentos referindo-se a uma sociedade pós-migrante, que se entende a si própria como “uma realidade social compartilhada de migrantes com pessoas há muito estabelecidas regionalmente com uma imanente ‘prática teimosa de produção de conhecimento’ e não como ‘universos paralelos’ culturais separados”. E acrescenta:

20 SCHARF DA SILVA, Inga. **Trauma als Wissensarchiv**: postkoloniale Erinnerungspraxis in der Sakralen Globalisierung am Beispiel der zeitgenössischen Umbanda im deutschsprachigen Europa. Dissertationsschrift. Büchner Verlag: Marburg, 2022.

21 HILL, Marc; YILDIZ, Erol. Einleitung. In: HILL, Marc; YILDIZ, Erol (hg.). Postmigrantische Visionen. Erfahrungen: **Ideen - Reflexionen**. Transcript: Bielefeld, 2018. p. 07-08.

Muitos migrantes latino-americanos em Berlim, por exemplo, sentem falta da hospitalidade que conhecem dos seus países de origem nas constelações familiares tradicionais e na vizinhança. Mas precisamente por isso, encontram o seu lugar em novas formas de morar junto, casamentos e famílias formadas com alemães. Graças a essas formas de vida escolhidas por eles próprios, valorizam a sua nova vida na Alemanha tanto quanto mantêm a saudade das suas famílias de origem na América Latina.

Uaio reconhece o quanto essa fusão humana, que termina por se desdobrar no universo cultural da cidade, enriquece a vida em Berlim. “O migrante traz seu idioma, sua cultura e um pedaço da sua vida. Como músico, eu posso dizer, que há muitos alemães que aprendem o idioma espanhol por causa da música, porque se apaixonaram pelas canções latinas.” E avança, deixando margens para ser entendido como um sujeito pós-migrante: “Berlim é hoje a minha nova casa”, afirma.

A cidade, que é palco de conflitos, consegue também celebrar o encontro de povos e nações. O Karneval der Kulturen, que acontece anualmente desde o verão de 1996, é um dos típicos eventos dedicados a essa multiculturalidade. O ponto alto do carnaval é o desfile de grupos com pautas sociais e políticas, abrangendo a luta de pessoas com deficiência a causas ambientais e bandeiras LGBTQIA+. Em um percurso de cerca de quatro quilômetros, alemães e cidadãos de comunidades internacionais ocupam avenidas e praças do bairro de Kreuzberg em direção a Neukölln.

Entre os cerca de 50 grupos que saíram às ruas em 2023²², estavam os angolanos do Dança de Coração Kizomba Semba e os in-

22 WAS ist der Karneval der Kulturen? **Karneval.Berlin**, 2023. Disponível em: <https://www.karneval.berlin/de/karneval/was-ist-der-kdk.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

dianos do Berlin Indiawaale. Mas as comunidades latinas, como o Sapucaiu no Samba, o Colombia Carnaval, a Organización de Bolívia e o Grupo Peru, ajudaram a dar à festa tantos sons e cores que os quilômetros do cortejo pareciam uma esquina do mundo, onde era possível encontrar gente do planeta inteiro.

Além das ruas, os palcos de Berlim são oportunidades para artistas que vivem na capital ou visitam a cidade. Espaços como a Haus der Kulturen der Welt, a Casa de Cultura do Mundo, costumam receber artistas latinos como o sambista brasileiro Martinho da Vila, e tantas outras casas de shows, como a SO 36 ou o Festsaal Kreuzberg, acolhem DJs e ritmos como a cúmbia chilena dos rapazes do Santaferia. De DJs argentinos e mexicanos a grupos folclóricos cubanos e equatorianos, a cena artística de Berlim possui uma intensa contribuição latina.

Palcos e cúmbias

“Ontem eu fui ao show da Duda Beat aqui em Berlim. Conhece? Gostei muito. Fui com um amigo brasileiro que me convidou”, diz Jan, ainda empolgado com a experiência da noite anterior com a artista brasileira, conhecida por sua *pop music* cheia de referências eletrônicas e sensualidade.

Para um latino-americano, viver em uma cidade como Berlim é uma chance de conectar-se não apenas com o seu país de origem, mas também com as referências da vida em uma região com história e cultura semelhantes, como a América Latina. Partindo da premissa de que a música e os instrumentos podem ser imbuídos de funções simbólicas, enquanto emblemas identitários, o antropólogo Dan Lundberg (2010, p. 33) atribui a essa vertente artística um significado de união e encontro no contexto migratório:

Quando as pessoas se deslocam para um novo lugar levam a sua música consigo. Frequentemente o seu significado muda, por vezes é usado para outros propósitos: pode tornar-se ferramenta de união. Muitos imigrantes testemunham que, se não fosse a música, nunca se teriam encontrado no novo país.

Nesse cenário, os músicos assumem uma aura quase divina, mensageiros a quem cabe conectar pessoas de tantos continentes e de tantos países a turbilhões de sentimentos e lembranças. Como reconhece Lundberg (2010, p. 30):

Na arena multicultural, os músicos – e outros especialistas expressivos – têm estatuto importante enquanto detentores e intérpretes qualificados das identidades culturais dos seus grupos. Se há que dar visibilidade a algo, tem de se lhe dar forma, tem que ser expresso e dramatizado, e isto requer acesso a capacidades de expressão. O tipo certo de capacidades é necessário, mas não suficiente em si próprio para visualizar a identidade. Para isso, é necessário contexto, isto é, a visibilidade emerge através do acesso a situações, arenas e condições nas quais é possível e relevante exibir diferenças culturais.

Jan sabe disso. E é por meio da envolvente sonoridade da cúmbia, que funde em suas letras a alegria de paixões dilacerantes a angústias que parecem saltar do peito, que ele se comunica com seu público. Julio Mendivil (Valencia, 2019, p. 16) diz que a esse ritmo caracteristicamente latino e que agrega tantas referências musicais – como africanas e indígenas – não é possível determinar-lhe uma só origem. “Seria mais prudente pensar em dinâmicas discursivas que estabelecem pontos de encontro, de acordo com interesses não só estéticos, mas também comerciais e ideológicos”, afirma o autor²³.

23 Original em espanhol, tradução nossa.

Passava das 16h30 de um sábado de setembro em Berlim. O *Suppe & Mucke Fest 2023*, nos arredores de Treptower Park, um dos endereços mais conhecidos da cidade, estava concorrido para mais uma apresentação de bandas. A gratuidade do evento ao ar livre, o calor de 30°C e o interesse pela música e pela dança atiçaram o público. Naquele dia em que mais um verão começava a se despedir da cidade, *Solo Pájaros* era um dos centros das atenções.

Chapéu *porkpie* preto, lembrando Charlie Chaplin, camisa florida repleta de referências tropicais e bermuda jeans, Jan misturava sua cúmbia cantada em espanhol a tantos outros ritmos, como o *foxtrot* e o rock, apresentados por outros grupos. Naquele palco, outros pássaros voavam nas canções latinas junto com ele: Uaio Cendoya, na percussão; Antonela Solaris, no baixo; Sebastián Rosales, na bateria; e Sebastián Yáñez, no charango, um inconfundível instrumento de cordas típico da região andina sul-americana.

Uma, duas, três canções. Pausa. “Nós somos uma banda do Chile e há 50 anos começava em nosso país uma ditadura”, disse Jan, em espanhol, repetindo em inglês e em alemão. “Hoje, queremos prestar nossa solidariedade às famílias e às mães de tantos filhos que morreram nessa luta e em defesa da democracia”, completou, antes de receber aplausos da plateia. Depois de um rápido silêncio, a festa recomeça.

“Cúmbiaaaaaa!”, gritou o vocalista enquanto segurava seu violão em cuja caixa, observando-se com mais atenção, se podia ler: “*Odia las matemáticas, ama los remolinos*”: “Odeia as matemáticas, ama os redemoinhos”. A partir daquele instante, o ritmo da cúmbia chilena tomou conta do lugar. Quando se está no palco, é preciso arriscar-se nos redemoinhos que se formam à frente do artista. É preciso seguir.

Naquela apresentação, Jan fazia isso com maestria. Na vida, ele segue driblando os desafios de quem descobre que não há fronteiras

que possam prender as asas de quem quer voar. Pássaro sem plano de voo, sabe que não consegue voar em linha reta. No verso de uma das cúmbias compostas por ele e uma das canções mais marcantes do grupo *Solo Pájaros*, novamente, a paixão se mistura a um sentimento de estar vagando onde há sempre algo a ser explorado. Em *No Importara*, a liberdade vira uma transgressão:

No es tranquilo hoy mi andar
Ya no te veo caracoles esquivar
Me siento pequeño en la inmensidad
Cuando las sirenas regresan al mar²⁴

Como tudo que une, a arte e a música mostram que ninguém é dono, nem por sangue, nem por dinheiro, de nenhum lugar. No fim das contas, todos passageiros, todos pássaros:

Escribe como quieras, usa los ritmos que te salgan, prueba instrumentos diversos, siéntate en el piano, destruye la métrica, grita en vez de cantar, sopla la guitarra y tañe la corneta. La canción es un pájaro sin plan de vuelo que jamás volará en línea recta. Odia las matemáticas, ama los remolinos.²⁵

A conhecida citação da chilena Violeta Parra virou uma inspiração que Jan guarda em um velho pedaço de papel, parte dela, gravada na caixa do seu violão *Ortega*. Tudo parece coadunar-se com

24 Em português, tradução nossa: Hoje a minha caminhada não é tranquila / Não vejo mais você se esquivando dos caracóis / Sinto-me pequeno na imensidão / Quando as sereias retornam ao mar.

25 Em português, com tradução nossa: Escreva como quiser, use os ritmos que lhe vierem à cabeça, experimente instrumentos diferentes, sente-se ao piano, destrua a métrica, grite em vez de cantar, toque o violão e toque a corneta. A música é um pássaro sem um plano de voo que nunca voará em linha reta. Odeia a matemática, ama os redemoinhos.

ele, com sua música e com Berlim. Tal qual os pássaros, amante dos redemoinhos e dos desafios de ser migrante em uma cidade às vezes hostil, mas encantadoramente diversa.

Em defesa do direito e da liberdade de migrar, de ser aceito onde quer que se queira viver, Di Cesare (2020) propõe o status de *estrangeiro residente* para esses seres que, de passagem ou não em outras terras, problematizam as barreiras dos Estados nacionais, gritando ou cantando a liberdade. Junto com outros pássaros autóctones, cidadãos do mundo como Jan Lucas Säuberlich sobrevoam o céu de cidades como Berlim, modificando a cidade e sendo modificados por ela.

Referências

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros Residentes**: uma filosofia da migração. Tradução César Tridapalli. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

ESCALONA, Saúl. **Historia de la Música Latina en Berlín**. Stuttgart: Abrazos, 2019.

LUNDBERG, Dan. Música como Marcador de Identidade: individual versus colectiva. In: CÔRTE-REAL, Maria de São José (org.). **Migrações**: Revista do Observatório da Imigração, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI). n. 7, p. 27-42, 2010.

RINKE, Stefan; FERMANDOIS, Joaquín; DUFNER, Georg (eds.) **Chile y Alemania, 1850 Hasta Hoy**: un manual. Stuttgart: Heinz, 2016.

VALENCIA, Juan Diego Parra (ed.). **El Libro de la Cumbia**: resonancias, transferencias y trasplantes de las cumbias latinoamericanas. Medellín: Instituto Tecnológico Metropolitano y Discos Fuentes Edimúsica S.A., 2019.

Estados Unidos

Tatuagens e esperanças que cruzam muros¹

Clavel Rangel Jiménez

A história de migração de Alejandra² não começou em 9 de maio de 2023, quando, nas primeiras horas daquele dia, ela conseguiu atravessar a “Porta 42” da cerca de fronteira que separa Ciudad Juárez, no México, de El Paso, Texas, nos Estados Unidos. A história da migração de Alejandra começou em janeiro de 2017, quando ela deixou a Venezuela, fugindo da morte. Desde então, ela não sabe exatamente quantos países visitou nem quantas vezes dormiu nas ruas. Nas proximidades da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em El Paso, esta é a primeira vez que ela dorme feliz, ainda que ao relento, desde que deixou a terra natal.

Alejandra está nas proximidades da igreja por onde passam centenas de migrantes diante da ameaça do fim do Título 42, uma

1 O texto e as entrevistas desta reportagem foram originalmente realizados em espanhol, aqui publicados com tradução nossa.

2 Todos os nomes de família são fictícios para proteger a identidade dos personagens.

medida de imigração implementada pelos Estados Unidos que permitia a deportação imediata (sem a possibilidade de solicitar asilo nos EUA) daqueles que fossem pegos por agentes policiais da fronteira. Ela tem as sobrancelhas tatuadas, assim como várias partes do corpo. Entre as 20 imagens e frases inscritas na pele, ela carrega trechos de músicas como as do *rapper* venezuelano Canserbero, da cantora mexicana Carla Morrison e da banda de *hip-hop* Control Machete, também mexicana.

Ela não está sozinha. Está com o neto de seis meses, Hector, filho de uma de suas filhas gêmeas idênticas de 16 anos, Mary e Marianny³, que também a acompanham nessa jornada. As adolescentes estão vestindo roupas que lhes foram dadas na estrada. São magras, morenas e de cabelos lisos. Elas completaram 16 anos em 4 de maio de 2023, nos trilhos do trem que elas chamam de “La Bestia”, a locomotiva que atravessa o México em direção aos Estados Unidos e que os migrantes geralmente pegam para escapar do crime organizado e tornar a viagem mais tranquila, embora ainda haja perigos.

As gêmeas comemoraram a data em uma das primeiras paradas que o transporte fez em seu caminho pelo México. “Este é o dia mais feliz da minha vida”, diz uma delas, ao contar a aventura de passar um aniversário no trem. “Foi excelente. Minha mãe comprou um bolo para nós e fez vídeos”, acrescenta. Qual foi o desejo que ela fez quando soprou as velas? “Chegar até aqui”, ela responde. “E aqui estamos, graças a Deus, para minha mãe poder trabalhar e para nós estudarmos”, diz.

Elas têm fotos do momento e as mostram na tela de um telefone emprestado que usam para acessar o *Facebook*. Lá, guardam vídeos e ima-

³ Alejandra tem outras duas filhas maiores de idade. Uma delas mora no Peru e a outra, na Venezuela.

gens do aniversário nos vagões de carga do trem. As duas adolescentes são vistas sorrindo com um bolo, enquanto outros migrantes, companheiros de viagem, cantam parabéns. No *TikTok* também há vídeos em que elas mostram partes menos festivas do cotidiano, quando são vistas pegando sacos de comida jogados por voluntários nos trilhos do trem, ao som de rancheras, um popular estilo musical mexicano, ao fundo.

Após cruzar a fronteira, Alejandra, as duas filhas e o neto chegaram a El Paso e aguardaram, deixando os dias correrem até que tivessem 100 dólares americanos para pagar uma passagem de ônibus para Chicago. Souberam que na cidade há trabalho e um abrigo que poderia acolhê-los.

Para chegar aos EUA, viajaram pela selva de Darién, entre a fronteira da Colômbia e do Panamá. Alejandra representa um dos 400 mil migrantes que devem cruzar o Darién em 2023, de acordo com a Reuters⁴. É um registro histórico, cujos números são liderados por venezuelanos como ela, seguidos por equatorianos e haitianos. Ela pensou que morreria carregando o neto naquela estrada. E a ideia de perder a vida naquele local é um pensamento frequente entre aqueles que atravessaram essa selva, controlada pelo crime organizado e impactada por riscos naturais.

De acordo com o Migration Policy Institute, pelo menos 253 migrantes morreram ou desapareceram no *Darien Gap* entre 2014 e 2021⁵. São 108 quilômetros de selva, onde todos os dias, com sorte, se cami-

4 MORENO, Elida. Number of migrants crossing Panama's Darien Gap surpasses 400,000 to record high. Reuters. 28 set. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/number-migrants-crossing-panamas-darien-gap-surpasses-400000-record-high-2023-09-29/>. Acesso em: 15 out. 2023.

5 YATES, Caitlyn; PAPIER, Juan. How the Treacherous Darien Gap Became a Migration Crossroads of the Americas. Migration Policy Institute. 20 set. 2023. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/darien-gap-migration-crossroads>. Acesso em: 15 out. 2023.

na até 12 horas pela mata densa, com umidade sufocante, lama, altas temperaturas e, dependendo da estação, muita chuva. Isso inclui áreas montanhosas, florestas, rios caudalosos e áreas pantanosas. A combinação desses fatores torna a travessia extremamente difícil e perigosa. As chuvas frequentes e a alta umidade são dois elementos que podem complicar ainda mais as condições, tornando as estradas escorregadias e aumentando o risco de inundações. No século XVI, lembra o jornalista Alejandro Milán Valencia, a selva engoliu, com seus galhos espinhosos, conquistadores espanhóis e, mais tarde, exploradores irlandeses⁶.

No dia em que Alejandra jurou que morreria, ela e a família estavam na metade do caminho. Já haviam atravessado vários barrancos de mais de cinco metros de altura. Em um deles, ao passar de um lado para o outro, ajudada por uma corda, ela pisou em falso e quase caiu com o bebê Hector nos braços. Rolar por aquele barranco teria sido fatal, ela não tem dúvidas. Um dos seus dois genros, que também estavam na viagem, conseguiu evitar a tragédia. Ele correu para resgatar o bebê dos braços de Alejandra e o salvou. Outros não tiveram a mesma sorte.

Quando vi a altura em que iríamos cair, comecei a chorar. Esse foi o momento mais triste de toda a viagem. Achar que você vai morrer é muito diferente de ver uma criança morrer. Não há palavras para descrever isso, entende o que quero dizer? Eu não teria me perdoado mais porque fui eu quem os trouxe. Teria sido minha culpa.

Caminhar pela selva, cobertos com sacos plásticos, dormindo na lama, na chuva e no sol, e atravessando rios, contrasta com o que eles

6 VALENCIA, Alejandro Milán. O inferno que é atravessar a selva 'mais perigosa' da América Latina. **BBC Mundo**. 3 fev. 2018: Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42889409>. Acesso em: 15 out. 2023.

experimentaram ao passar pela cerca da fronteira entre o México e o Texas. Esse é o momento mais feliz de que Alejandra se lembra em toda a sua vida. Durante a noite inteira, esperaram atrás de alguns arbustos observando a “Porta 42”, com nove metros de altura e barras de ferro que pareciam gigantes, em Ciudad Juárez, uma das localidades fronteiriças onde os migrantes se escondem de dois tipos de lei: a dos cartéis de drogas e a dos agentes de fronteira.

De lá, era possível ver alguns policiais, mas assim que eles se descuidavam, grupos de famílias corriam com o coração na garganta e se espremiavam pelos buracos da masmorra. Cada grupo esperava sua vez. Primeiro, uma família passou. Depois, outra. Alejandra e as gêmeas ficaram na fila, esperando o momento certo, até que viram uma chance de atravessar. Minutos antes, elas tiveram que se separar dos dois rapazes, genros de Alejandra, para evitar serem divididas por grupo familiar nos centros de detenção de imigrantes. Alejandra avaliou que seria melhor entregar-se aos oficiais apenas com as filhas e o neto e ser responsável apenas por eles. E assim o fez.

Eles correram e correram, sem olhar para trás, quando viram a oportunidade. O telefone que carregavam e as poucas coisas que tinham, algumas fotos e um cobertor do bebê, foram deixados nos arbustos. Avançaram sem nada, até chegarem ao outro lado.

Eu chorei lágrimas de felicidade. Quero dizer: quando você chora lágrimas de felicidade, essas lágrimas são muito poucas na vida. As meninas me disseram: ‘acalme-se, mamãe’, mas eu não conseguia. Foi uma sensação muito boa. O objetivo era estar aqui e estávamos. Cansados, exaustos, mas estávamos aqui. Nós tínhamos que passar e, graças a Deus, passamos no mesmo dia em que chegamos.

Depois de se entregarem aos guardas, ficaram detidos por dez dias no centro de processamento de imigração em El Paso. Quando

saíram e acamparam ao redor da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, ainda não tinham notícias dos genros de Alejandra. Tiveram que esperar para confirmar se os jovens haviam sido deportados para o México ou libertados nos EUA.

Não existe apagador mágico

A crise venezuelana é um coquetel muitas vezes difícil de explicar. As consequências levaram ao êxodo de 7,7 milhões de pessoas desde 2016, de acordo com dados da ONU⁷. Isso representa o maior êxodo da história recente da região e uma das maiores crises de deslocamento do mundo. Os venezuelanos lideram o número de migrantes que cruzam a selva de Darién, e a emergência humanitária foi classificada como politicamente complexa, com consequências tão duras quanto guerras ou devastação ambiental.

Em geral, essas crises têm uma característica particular: são mais prolongadas no tempo e sua espinha dorsal política afeta consideravelmente todas as áreas da vida humana. Certamente, “*no hay borrador mágico*” – “não existe apagador mágico” – como traz Alejandra inscrito em espanhol, em seu corpo⁸, capaz de fazer a população de um país esquecer tempos como esses.

A gênese dessa tragédia pode ser rastreada até o ano 2000, depois que o líder militar Hugo Chávez acedeu ao poder na Venezuela, em 1999, legitimado por eleições secretas, diretas e universais. Quando Alejandra completou 16 anos – assim como ocorreu com suas filhas

7 AGENCIA DE LA ONU PARA LOS REFUGIADOS (ACNUR). **Llamamiento de emergencia: situación de Venezuela**. Setembro 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/emergencias/situacion-de-venezuela>. Acesso em: 15 out. 2023.

8 Em espanhol, “*No hay borrador mágico*”, uma variação de “*no existe ningún borrador mágico*”, verso da música *De Perros Amores*, de Control Machete e Ely Guerra.

gêmeas no trem que cruzava o México, 23 anos depois –, Chávez assumia o comando do país. Essa seria uma linha divisória importante nos 40 anos da curta história democrática da Venezuela.

Após a ascensão ao poder, Chávez implementou um projeto político diferente do que havia prometido em seus discursos. Alguns analistas e historiadores concordam que ele nunca mudou seu projeto, mas que usou a democracia para chegar ao poder e depois revelou sua verdadeira face. A historiadora venezuelana Margarita López Maya (2022, p. 01) destaca que essa era na história política do país começou a ser moldada, em uma primeira fase (1999-2006), por um forte discurso ideológico e populista de esquerda e pelo exercício do poder:

Favorecidos pelo desencanto com a democracia representativa, pelo *boom* do preço do petróleo que durou uma década e pelo anseio dos venezuelanos por uma mudança política que os tirasse da persistente crise econômica e político-institucional, os governos de Chávez implementaram políticas participativas inovadoras na esfera social, ao mesmo tempo em que minavam as instituições e os valores do sistema democrático liberal⁹.

A historiadora também destaca o que viria a acontecer no momento seguinte (2022, p. 01):

Em seu segundo governo, iniciado em 2007, o chavismo substituiu seu projeto político de democracia participativa e protagonista por um socialismo do século XXI, que gradualmente extinguiu essas instituições e valores. A partir de então, o presidente fez com que seu carisma prevalecesse sobre a legalidade no exercício do poder.

9 Original em espanhol, tradução nossa.

Junto com o controle político e autoritário do país, a corrupção, a deterioração da meritocracia e a nacionalização de setores-chave da economia levaram a nação a um declínio econômico sem precedentes. Após a morte de Chávez, em 2013, Maduro assumiu a Presidência venezuelana. López Maya (2022, p. 01) assinalou o que significava para o país, na época, a ascensão do novo dirigente:

[...] a fase populista da Venezuela recente chegou ao fim e a sociedade viu a ordem política mudar para um regime autoritário presidido por Nicolás Maduro. Esse regime é um derivado quase inevitável da forma populista que Chávez praticou durante 13 anos no poder.

Em 2015, a economia venezuelana sofreu a pior contração de todos os países das Américas. A inflação também foi um problema sério durante esse período, quase triplicando no mesmo ano. O aumento dos preços dos combustíveis, que estavam congelados havia quase 20 anos, foi uma das medidas tomadas pelo governo para enfrentar a crise econômica. Em apenas dois anos, entre 2015 e 2016, estima-se que dez milhões de pessoas ficaram abaixo da linha da pobreza¹⁰. Assim como a situação econômica estava indo por água abaixo, o mesmo acontecia com o contexto político e social.

Em 2014, houve um assassinato a cada 21 minutos na Venezuela, com um aumento de 10% no número de homicídios nos dois primeiros meses daquele ano em comparação com o ano anterior, de acordo com os dados do Observatorio Venezolano de Violencia (OVV)¹¹,

10 LANDAETA-JIMÉNEZ, Maritza et all. **Encuesta de Condiciones de Vida (Encovi)**. Caracas, 2016. Disponível em: https://assets.website-files.com/5d14c6a5c4ad42a4e794d0f7/5eb9bfdb2eb06d8c62e15587_encovi-2016.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

11 OBSERVATORIO VENEZOLANO DE VIOLENCIA. **Después de 10 años de censura oficial: informe anual 2013**. Caracas, 26 dez. 2013. Disponível em: <https://observatoriodeviolencia.org.ve/news/2013-las-muertes-violentas-continuan-aumentando/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

com base em pesquisas feitas por sete das principais universidades do país em face da censura oficial de dados sobre crimes que começou em 2003. Naquela época, a Venezuela estava entre os cinco países mais violentos do mundo, ao lado de Honduras, El Salvador, Costa do Marfim e Jamaica.

Em 2015, a taxa de homicídios chegou a 90 por 100 mil habitantes, um fato que fugiu ao controle, pois o próprio governo armou grupos políticos sob o nome de “coletivos bolivarianos e milícias”¹², supostamente para proteger a revolução. Segundo explicou Roberto Briceño León¹³, diretor do OVV em 2014, tendo por base o então mais recente relatório publicado:

Quando Chávez estava vivo, ele nunca atacou o submundo como fez com a oligarquia e os empresários. Ele sempre disse que a violência pertencia à direita e ao capitalismo, o que dava aos criminosos uma desculpa para agir com impunidade. Em seus discursos, ele dizia que não iria reprimir os violentos. E essa política de inação contra os criminosos é a grande causa da violência que vemos hoje.¹⁴

Já no final de 2016, a Venezuela passou por uma grave crise econômica: o prelúdio da hiperinflação. Até então, essa havia sido a pior recessão econômica do país nos últimos 13 anos. A crise se manifestou em uma queda acentuada na atividade produtiva, no aumento do desemprego, na queda da taxa de lucro e nas falências. Como

12 MARCO, Daniel García. Qué son los colectivos y cómo operan para “defender la revolución bolivariana” en Venezuela. **BBC Mundo**. 7 jul. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-40527998>. Acesso em: 20 nov. 2023.

13 VINOGRADOFF, Ludmila. En Venezuela se comete un asesinato cada veinte minutos. **ABC Internacional**. 9 jan. 2014. Disponível em: <https://www.abc.es/internacional/20140109/abci-venezuela-comete-asesinato-cada-201401082117.html#vca=>. Acesso em: 20 nov. 2023.

14 Original em espanhol, tradução nossa.

reconheceu, em entrevista, o economista e pesquisador Manuel Sutherland, diretor do Centro de Investigación y Formación Obrera e Formação do Trabalho (CIFO) e da Asociación Latinoamericana de Economía Política Marxista (Alem):

Os anos de 2015 e 2016 foram talvez os piores anos da história econômica da Venezuela e um dos piores anos da história econômica da América Latina, talvez comparados ao Sandinismo na Nicarágua, o primeiro governo Ortega, na década de 1980. O ano de 2016 já era o terceiro ano consecutivo de declínio econômico. A economia começou a cair mais ou menos no último trimestre de 2013 e o período entre 2014 e 2015 já foi de uma queda muito acentuada. 2016 foi o terceiro ano desse ritmo, um ano antes das sanções impostas pelos Estados Unidos contra empresas e funcionários do governo de Maduro.

Sutherland continua sua análise:

Acredito que 2015 e 2016 sejam caracterizados pela tentativa do governo de estender o hiper-rentismo bolivariano¹⁵, como eu o chamei. Mas sem dinheiro, sem renda. Os preços do petróleo haviam caído muito, o governo estava completamente endividado e entrou em inadimplência seletiva. A taxa de extração caiu drasticamente, não havia dólares para importar e os controles de preço-câmbio típicos do hiper-rentismo bolivariano haviam destruído grande parte da capacidade de resposta do mercado doméstico ou da produção doméstica para o mercado local.

15 Hiper-rentismo bolivariano é um conceito proposto pelo autor para aludir às estratégias econômicas do governo venezuelano. “O rentismo traz consigo uma supervalorização da taxa de câmbio que cria um país fictício no qual a economia parece muito maior do que realmente é [...]”, diz. Fonte: SUTHERLAND, Manuel. Los límites del Hiper rentismo bolivariano, “ajuste económico” y dislates en la “apertura”. **Sin Permiso**. 29 jul. 2022. Disponível em: <https://www.sinpermiso.info/textos/los-limites-del-hiper-rentismo-bolivariano-ajuste-economico-y-dislates-en-la-apertura-zee>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Sutherland assinala que esse foi um momento de choque para a população, que vinha da experiência do hiper-rentismo, marcado por dez anos de gastos perdulários e irresponsáveis: “Foi um despertar. Houve uma subvalorização da moeda que fez da Venezuela o país mais barato do mundo. Eu me lembro que muitas pessoas perderam muitos quilos. Eu não perdi nenhum, mas pude ver isso em meus vizinhos”.

O economista conta que alguns de seus vizinhos haviam perdido sete, oito, nove, dez, 12, 15 quilos. “Era uma época em que muita gente comia manga e ia procurar frutas na rua, nas lixeiras, nos mercados populares. Era uma coisa realmente horrível. Foi quando o êxodo explodiu. As pessoas viam que aquilo era inviável e tendiam a ir embora”, diz.

Junto com a crise social e a desaceleração econômica, centenas de casos de corrupção ligados às receitas do petróleo vieram à tona. De acordo com um relatório da organização não governamental *Transparencia Venezuela*¹⁶, a corrupção no país é equivalente a sete vezes o PIB nacional. Rafael Ramírez, que foi presidente da Petróleos de Venezuela (PDVSA), ministro do petróleo durante o governo Chávez e agora é acusado de desvio de dinheiro, reconheceu que, durante seus dez anos à frente da PDVSA, cerca de 700 bilhões de dólares foram perdidos¹⁷.

Para além da economia e da política, a deterioração do país atingiu a vida civil e levou à prisão de dissidentes. De acordo com o Programa Venezolano de Educación Acción en Derechos Humanos (Provea)¹⁸,

16 PDVSA, combustible de la corrupción. **Transparencia Venezuela**. Disponível em: <https://transparenciave.org/project/petroleo/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

17 RAFAEL Ramírez aseguró que durante los 10 años que estuvo al frente de PDVSA se perdieron unos 700 mil millones de dólares. **Infobae**. 19 jan. 2020. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/venezuela/2020/01/19/rafael-ramirez-aseguro-que-durante-los-10-anos-que-estuvo-al-frente-de-pdvsa-se-perdieron-unos-700-mil-millones-de-dolares/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

18 CIFUENTES, Cristina. ONG denuncia que durante gobierno de Maduro 9.465 personas han

entre 2013 e 2023, 53.075 pessoas foram privadas de sua liberdade por motivos políticos ou no contexto de ações ilegais da polícia e/ou dos militares. O coordenador de pesquisa da entidade, o advogado e defensor dos direitos humanos Marino Alvarado, disse ao *Infobae*¹⁹ que é difícil contar com precisão quantas pessoas o regime de Maduro matou devido à dificuldade de acesso aos registros judiciais, mas ele ressaltou que o regime tem sido regressivo em termos de direitos humanos.

Para Alvarado, há dois períodos importantes de repressão no governo de Maduro: “Um abrange de 2015 a 2017, com a Operação Libertação do Povo (OLP) e os assassinatos de jovens pobres realizados por policiais e militares nessas chamadas ‘operações de segurança’, que depois continuou com a Faes²⁰, de 2017 até 2022, quando foi dissolvida”²¹. Nesse segundo período, ele aponta que “a institucionalização dos assassinatos pelo Estado” começou, pois “ficou evidente que as execuções não eram casos isolados, mas constituíam uma política de Estado”.

Mente estranha

Em 30 de janeiro de 2017, Alejandra pegou o pouco que tinha e partiu para a fronteira com a Colômbia. Três meses antes, seu irmão Juan havia sido executado extrajudicialmente, de acordo com

sido asesinadas por la policía y militares. **La Tercera**. 17 abr. 2023. Disponível em: <https://www.latercera.com/mundo/noticia/ong-denuncia-que-durante-gobierno-de-maduro-9465-personas-han-sido-asesinadas-por-la-policia-y-militares/ZZ2ETX4HTZBMBEE7HX6NBLUOYY/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

19 BLASI, Rafael. Las fuerzas de Maduro mataron a 9.465 personas en 10 años: “Institucionalizaron los asesinatos por parte del Estado”. **Infobae**. 16 abr. 2023. Disponível em: <https://www.infobae.com/venezuela/2023/04/16/las-fuerzas-de-maduro-mataron-a-9465-personas-en-10-anos-institucionalizaron-los-asesinatos-por-parte-del-estado/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

20 Fuerzas de Acciones Especiales.

21 Original em espanhol, tradução nossa.

ela. O rapaz tinha 24 anos de idade e fazia parte de uma gangue criminosa dedicada ao roubo de carros. “Por causa disso, a polícia vivia de olho nele”, diz.

Saí de lá não tanto por causa da economia, mas porque a polícia matou meu irmão e eu entrei em depressão. Minha vida estava em risco e dois ou quase três meses após a morte do meu irmão, decidi sair do país. Saí pela fronteira de San Antonio del Táchira, na divisa com a Colômbia.

A mãe de Alejandra era assistente odontológica e o pai, professor universitário, mas a vida relativamente confortável não impediu que, em algum momento, a violência se instaurasse na casa da família. Como avós que criam netos são comuns na Venezuela e em grande parte da América Latina, durante a infância Alejandra viveu na casa da sua avó, em Yaracuy, um pequeno estado no norte do país, onde também viviam seus pais. Havia um quartel ali perto e, ainda criança, ela descobriu uma de suas paixões: a aviação militar. Ela gostava de ver os militares de manhã cedo todos os dias, fazendo exercícios e gritando *slogans*.

Eu acordava, olhava pela janela e os via passando. Eles corriam pela avenida, uma das mais importantes de San Felipe [capital do estado, onde morava com a avó]. Quando terminei a sexta série [educação básica na Venezuela], candidatei-me ao quartel, mas eles não me aceitaram porque eu havia sido operada de apendicite. Tentei a marinha, mas eles não me aceitaram pelo mesmo motivo, porque a ferida poderia se abrir. Então, decidi voltar para a casa da minha mãe.

Pouco antes de se tornar adolescente, ela já estava morando na casa dos pais. O retorno ao bairro onde nasceu, aos 11 anos de idade,

desviou Alejandra de seu rumo. Ela logo se envolveu com drogas e se tornou traficante. Afinal, “a mente é estranha. Ela ajuda, mas às vezes atrapalha”, mais ou menos como ela traz tatuado em seu corpo²². Pouco tempo depois, aos 14 anos, engravidou da primeira de suas quatro filhas.

Assim como a rua, a casa dos pais era um lugar de riscos. “Meu coração estava fechado por causa de todas as pancadas que meu pai me deu. Numa dessas, ele estourou um dos meus molares.” Alejandra diz que as surras eram horríveis, mas que não culpa o pai “porque há pessoas que não sabem como lidar com isso”, fala. “Você sabe, o humor de um adolescente... Eu não entendia isso, mas agora eu entendo.”

Depois dela, foi a vez de Juan entrar para uma gangue do bairro.

Meu irmão seguiu esses passos e entrou para o crime. Ele foi para a prisão quando tinha 17 anos de idade. Ficou na prisão por nove meses. Depois de sair, não durou nem seis meses nas ruas. Voltou para a prisão. Como ele já era maior de idade, foi para uma penitenciária. Ali, cumpriu dois anos e meio, porque nós conseguimos tirá-lo de lá com um benefício, já que a acusação não era grande. Mas ele continuou na mesma vida.

Alejandra conta que um dia Juan atirou em um delinquente e, como retaliação, amputaram-lhe uma perna. “Eu não sei, mas acho que não é fácil ter um membro retirado de seu corpo em uma idade tão jovem. Ele começou a odiar todo mundo, todo mundo, até a mim”, diz. Algum tempo depois, ela achava que Juan estava superando o problema, mas era engano. “Ele não precisava de nada, pois éramos uma família mais ou menos estável, mas ele continuava naquela vida”, avalia.

22 Originalmente em espanhol: “*La mente es extraña, ayuda, pero a veces daña*”. Fragmento editado por Alejandra da canção *Cuando vayas conmigo*, do rapper venezuelano Canserbero.

O desafio para qualquer um que entre em uma prisão venezuelana é sair vivo. De acordo com um relatório do Observatorio Venezolano de Prisiones (OVP), de 1999 a 2019, 7.374 pessoas morreram nas prisões do país. Ainda assim, a família de Alejandra sentiu que o irmão estaria mais seguro lá dentro.

Ele estava na prisão, mas estava bem. Melhor do que em casa. Ele tinha gel para cabelo, tinha dinheiro, tinha drogas, tinha bebida alcoólica, tinha tudo, porque tinha uma irmã, que sou eu, e tinha uma mãe. E quando minha mãe não lhe dava, eu lhe dava. Eu o vestia, minha mãe pagava as drogas dele. Em resumo, tentávamos mimá-lo em vez de puni-lo, sabe? Ele já era viciado e dizia que essa era a única maneira de ficar calmo.

No dia em que o irmão foi morto, Alejandra soube primeiro que a polícia o havia ferido, mas que ele estava vivo. Quem passava pela rua ou estava ali por perto correu para o beco onde o carro roubado que Juan dirigia havia sido encurralado:

Um jovem que estava lá o viu rastejando para fora do carro porque a prótese [da perna] estava presa dentro do veículo. Naquele momento, a polícia atirou nele. Eles o levaram em uma ambulância para o hospital e foi lá que a polícia o matou. Parece que eles o levantaram da cama do hospital e o deixaram cair. Ele tinha hematomas por toda a cabeça. Naquele momento, minha vida acabou e fui embora porque não aguentava mais viver na casa da minha família e não o ver quando acordava.

A época da morte de Juan coincide com o ano de fundação das Fuerzas de Acciones Especiales (Faes), um comando da Policía Nacional Bolivariana que deu sinal verde para execuções extrajudiciais em bairros populares controlados por gangues armadas. As ativida-

des do grupo resultaram em várias violações de direitos humanos e na consolidação de um esquadrão da morte. Em um relatório de 2019, a então Comissária de Direitos Humanos da ONU Michelle Bachelet²³ apresentou evidências de que a Faes havia matado pelo menos 6.800 venezuelanos entre janeiro de 2018 e maio de 2019.

Alejandra saiu de sua terra em um ano crucial para a Venezuela. A Suprema Corte de Justiça diluiu de fato o Poder Legislativo e a Assembleia Nacional, o que gerou uma das mais importantes rebeliões populares da história recente da nação. Durante meses, milhões de venezuelanos protestaram nas ruas²⁴. Mais de 100 pessoas foram mortas pelas forças policiais em manifestações e a hiperinflação devastou o país, levando milhões de cidadãos à penúria e expulsando milhares deles do território nacional. Naquele ano, 2017, estima-se que 87% das famílias venezuelanas viviam na pobreza²⁵.

Idiomas do coração e da mente

Alejandra tem um cabelo liso, tingido de uma cor entre o vermelho e o vinho tinto, que cai até os ombros, próximo de onde estão tatuadas sete estrelas. Cinco delas têm um significado especial: uma para cada uma das quatro filhas e outra para o irmão Juan. O número 1983, ano do seu nascimento, também está gravado bem onde termina a garganta e começa o peito. Em todo o corpo, há nomes e

23 VENEZUELA: Eventos de 2019. **Human Right Watch**. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/country-chapters/venezuela>. Acesso em: 21 nov. 2023.

24 NIÑO, Leonardo. 2017 para Venezuela: un año de protestas sociales, polarización política y crisis económica. **France 24**. 29 dez. 2017. Disponível em: <https://www.france24.com/es/20171228-2017-resumen-venezuela-protestas-sociales>. Acesso em: 15 nov. 2023.

25 ENCOVI 2017: 87% de los hogares venezolanos están en condición de pobreza. **Provea**. Caracas, 21 fev. 2018. Disponível em: <https://provea.org/actualidad/encovi-2017-87-de-los-hogares-venezolanos-estan-en-condicion-de-pobreza/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

frases. Alguns deles são de antigos amantes que, dependendo do resultado do relacionamento, ela decidiu cobrir com desenhos.

Ela é magra, fala devagar e usa frases curtas e conclusivas. “Amadureci, não me meto mais em encrencas, não ando com pessoas que se metem em encrencas ou algo do gênero. Eu me afasto de tudo que é ruim”, afirma, enquanto olha para Hector. Nesse instante, uma das frases que ela traz tatuada no corpo – “*corazón y mente no hablan en el mismo idioma*”: “coração e mente não falam o mesmo idioma”²⁶ – perde todo o sentido, porque seu afeto e sua atenção parecem pulsar em um só dialeto, voltado àquele bebê.

Viajar pela América Latina não se tornou diferente do que ela havia experimentado desde muito jovem. Dormir um dia em um quarto, depois em outro, de residência em residência, às vezes na rua. Sobreviver a essa rotina cheia de incertezas, ela aprendeu desde quando ficou grávida e decidiu sair da casa dos pais. Era uma casa modesta, com paredes azuis e piso de granito, como costumam ser as casas dos vilarejos venezuelanos, com janelas grandes, por onde entrava a luz do sol, e grades grossas para proteger dos riscos da delinquência.

Alejandra, no entanto, não se sentia mais em casa depois que a polícia matou Juan. Já nos primeiros meses de 2017, ela estava trabalhando em bares da cidade colombiana de Cúcuta, na divisa com a Venezuela, e vivendo entre a Colômbia e o Equador, como milhões de outros venezuelanos estavam fazendo. Nessa jornada, descobriu que a migração afeta desproporcionalmente as mulheres, tanto pela condição feminina como por serem estrangeiras, como descreve o estudo *Las Mujeres Migrantes y la Violencia de Género* (Pombo, 2014, p. 74):

26 Frase tatuada no corpo de Alejandra. Originalmente em espanhol: “*Corazón y mente no hablan en el mismo idioma*”, inspirada em “*Corazón y cuerpo no hablan en el mismo idioma*”, outro verso da canção *Cuando vayas conmigo*.

[...] não podemos esquecer que a migração ocorre em contextos fortemente marcados por ideologias e desigualdades de gênero. As mulheres migrantes sofrem dupla discriminação por serem mulheres e estrangeiras, e por estarem empregadas nos cargos de menor remuneração, para os quais, às vezes, também são superqualificadas.²⁷

Pontua, ainda, o documento (p. 17):

A falta de uma rede de apoio social ou familiar, um contexto cultural diferente do seu, no qual sofrem discriminação, juntamente com as desigualdades estruturais – baseadas em gênero, classe, idade, padrões étnicos, nacionais e linguísticos – contribuem para uma maior violação de seus direitos e maiores dificuldades de acesso aos serviços públicos de assistência e prevenção da violência de gênero.

Alejandra é um bom exemplo desse tipo de vivência. Foi durante o período em que ela circulou por cidades da região que o fenômeno “*los caminantes*”, venezuelanos que começaram a percorrer as trilhas da Colômbia até o Peru e a vários países latino-americanos, atingiu seu auge. Em meio a esse mar de pessoas deslocadas, ela era apenas mais um número.

Em algum momento, entretanto, foi preciso pausar. Ela estava vivendo no Equador, que se tornou inicialmente um refúgio para migrantes: estima-se que 475 mil venezuelanos residiam no país até agosto de 2023²⁸, acolhendo 6% da migração venezuelana em todo o mundo. Nesse meio tempo, a mãe dela, que permanecia na

27 Original em espanhol, tradução nossa.

28 JOKISCH, Brad D. Ecuador hace malabares con la creciente emigración y los desafíos para acomodar la llegada de venezolanos. **Migration Policy Institute**. 18 out. 2023. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/ecuador-emigracion-migracion-venezolanos>. Acesso em: 25 nov. 2023.

Venezuela, foi diagnosticada com câncer ósseo e nunca mais sairia da cadeira de rodas:

Quando cheguei ao Equador, enviei dinheiro para minha mãe, pois ela precisava de uma dieta específica. Ela estava ficando mais doente a cada dia. A grana rendia mais e eu conseguia enviar com mais frequência. Primeiro, o câncer tomou todos os músculos, depois secou os músculos das costas, que são os últimos que a doença afeta. Os pulmões ficam sem apoio e as pessoas morrem porque eles são perfurados. Mas eu digo que a doença dela era mental, que ela criou isso em seu corpo por causa de tudo o que havia sofrido com meu irmão.

Passado algum tempo, os planos saíram do caminho esperado. Seus documentos de identidade foram roubados em uma das noites de trabalho nos bares e isso a deixou sem muitas possibilidades de permanecer no Equador. Era um risco estar sem a regularização.

Eu me entreguei às drogas. Voltei para Cúcuta e me entreguei às drogas e a tudo isso, à vida ruim, porque a vida da gente também é difícil, não importa o quanto a gente queira ajudar, às vezes não dá. Imagine, fiquei deprimida no Equador, fui jogada para fora, sem dinheiro, sem nada. A única coisa que consegui recuperar foi o telefone. Bem, no final de tudo, quando voltei, esperava ver minha mãe melhor, porque não a via há muito tempo. Toda vez que eu ligava para ela, ela chorava, eu ficava deprimida e caía mais nas malditas drogas. Eu tomava três vezes mais do que normalmente usava e ficava chapada.

No entanto, em 14 de julho de 2019, Alejandra decidiu retornar a Yaracuy, na Venezuela. Foi uma estadia curta porque alguém havia lhe dito que a polícia ainda a procurava na vizinhança. Quando chegou à cidade, sabia que a mãe já estava muito doente e internada em um hospital há algum tempo. Correu para encontrá-la e, ao vê-la,

soube que aquelas eram as suas últimas horas. De fato, alguns dias depois, a mãe morreu.

O corpo da mãe de Alejandra foi velado na casa, como acontece em algumas cidades venezuelanas. Vizinhos do quarteirão chegaram, assim como amigos da família. Da rua, eles podiam ver a urna no meio da sala, com a luz fraca e algumas velas acesas por vizinhos e parentes. Todos sabiam que Alejandra havia retornado e, assim, a notícia se espalhou e logo chegou à polícia do quarteirão. Alguém a avisou que as patrulhas estavam chegando. Era risco demais e ela decidiu fugir.

Alejandra pode ter escapado da prisão, mas também pode ter sido poupada de morrer. De acordo com um relatório da ONG *Cofavic*²⁹, que acompanha dados sobre assassinatos, desaparecimentos e violações de direitos humanos, entre 2016 e março de 2021 houve 9.211 casos de execuções extrajudiciais na Venezuela. Além disso, segundo um relatório da *Human Rights Watch*³⁰, as *Faes* têm sido responsáveis por execuções extrajudiciais em áreas de baixa renda no país.

De volta a Cúcuta, na Colômbia, ela começou a trabalhar em um bar como prostituta. Ela nunca havia feito isso na Venezuela, mas era a única opção que lhe restava se não quisesse roubar. O salário era bom, mas tudo mais era bastante perigoso. Assim como outras mulheres

29 SINGER, Floranatonía. Aumentan las ejecuciones extrajudiciales en las zonas más pobres de Venezuela. *El País*. 17 jan. 2022. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-01-16/aumentan-las-ejecuciones-extrajudiciales-en-las-zonas-mas-pobres-de-venezuela.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

30 HUMAN RIGHTS WATCH. **Venezuela:** Ejecuciones extrajudiciales en zonas de bajos recursos. 18 set. 2019. Disponível em: <https://www.hrw.org/es/news/2019/09/18/venezuela-ejecuciones-extrajudiciales-en-zonas-de-bajos-recursos>. Acesso em: 15 nov. 2023.

venezuelanas³¹ que chegavam à cidade, ela havia encontrado na prostituição um dos poucos meios de ganhar dinheiro:

Elas costumavam trabalhar como profissionais na Venezuela, mas a crise prolongada está forçando as mulheres a irem para a Colômbia para encontrar outras formas de sobrevivência para elas e suas famílias. Em vez de representar seus clientes no tribunal ou salvar vidas em hospitais, uma advogada e uma enfermeira estão fazendo o que nunca acreditariam: estão vendendo seus corpos.³²

Alejandra também sabia que tinha que cuidar muito de si mesma porque a crescente xenofobia e o perigo de grupos armados na fronteira eram um problema frequente.

Em Cúcuta, havia uma espécie de guerra com os venezuelanos, não sei, havia gangues e tudo mais... Eu não gostava do ambiente, estava lidando com problemas e continuava me metendo em encrencas. Eu me apaixonei pelo filho da dona do bar onde eu trabalhava e não sabia que ele era um ‘guerrilheiro’³³. Quando percebi que eu não estava conseguindo clientes, imaginei que havia algo errado... De repente, começar a deixar de ter clientes era estranho, porque nós, mulheres venezuelanas, éramos as que mais trabalhávamos.

Ela perguntou na vizinhança e ouviu que o rapaz por quem havia se apaixonado era um “guerrilheiro”. Um dia, ela foi ao centro de Cúcuta com outra venezuelana para ver se conseguiam clientes: “Eu

31 SOARES, Isa. Vender tu cuerpo para alimentar a tus hijos: la realidad de algunas venezolanas en Cúcuta. CNN. 12 fev. 2019. Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/video/venezolanas-cucuta-prostitucion-pkg-isa-soares/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

32 Original em espanhol, tradução nossa.

33 No original em espanhol, Alejandra usa o termo “*guerrilla*” para se referir ao sujeito por quem se interessou e que estava envolvido com o crime.

disse para a colega: ‘vamos até o centro para ver o que a gente consegue lá’. De repente, vi um antigo cliente, saí em direção a ele correndo e perguntei: ‘por que você não me liga mais?’ E ele confirmou: ‘porque seu marido é um guerrilheiro’”.

Assustada com a possibilidade de ser envolvida em mais confusão e, quem sabe, acabar morta, Alejandra voltou para o Equador. Entretanto, no país, a maioria dos venezuelanos não possui documentação adequada e esse é um obstáculo para que eles construam um futuro próspero. Fugir dessa dificuldade foi um dos motivos pelos quais ela decidiu deixar o Equador e partir para o Peru.

Suas duas filhas, ambas menores de idade, mas com namorados, permaneceram no Chile. Quando Marianny engravidou, no final de 2021, Alejandra começou a pensar em outro destino. A situação econômica e política não estava indo bem no Peru. Somado a isso, o fenômeno dos venezuelanos que cruzavam o Darién já estava nos noticiários e alguns conhecidos já haviam feito a viagem. No início de 2023, ela não pensou duas vezes e partiu de mochila nas costas com as filhas, os genros e o neto para os Estados Unidos.

Loucuras e certezas

Prestes a completar 40 anos, Alejandra reflete sobre seu passado, pensa nas quatro filhas – Mary, Marianny e as duas mais velhas que vivem no Peru e na Venezuela – e no neto Hector. Como ela tatuou em seu corpo³⁴, “*mi locura es tu ciencia*”, “minha loucura é sua certeza”: quando tudo está fora de controle, é preciso correr riscos para que as coisas aconteçam. Algumas vezes, elas acontecem.

34 Frase tatuada no braço Alejandra. Originalmente em espanhol: “*Mi locura es tu ciencia*”, uma versão da sentença “*tu locura es mi ciencia*”, um trecho da canção *Disfruto*, de Carla Morrison.

O sorriso, a cor dos olhos, os gestos, tudo no pequeno Hector a faz lembrar Juan. Talvez naquele bebê ela tenha encontrado uma oportunidade de redimir a vida do irmão, “que morreu como um cachorro”, como ela conta, “em uma cama de hospital, quebrado pela tortura policial”. O menino é agora a luz dos seus olhos, para quem toda a sua atenção se volta: se ele come, se não come, se dorme, se ela e a família finalmente chegarão a um lugar limpo, onde ele possa finalmente dormir em uma cama.

Com um neto de seis meses no colo e duas filhas ao seu lado, Alejandra tinha um bom motivo para buscar um lugar onde se sentisse mais segura. Passagem de fronteira mais movimentada entre o Texas e o México, El Paso é um município estadunidense conectado entre os dois países pela Ponte Internacional das Américas. Em 2022, o lugar registrou uma chegada maciça de migrantes, com uma média de duas mil pessoas por dia em um fim de semana, de acordo com o *The New York Times*³⁵. Na cidade de mais de 600 mil habitantes, onde uma atmosfera mexicana faz-se sentir em todos os lados, há dezenas de rumores, alguns de deportação e outros de partidas gratuitas para outros destinos. Tudo é incerteza.

Enquanto estavam ali, Alejandra e a família conviveram com um grupo de colombianos que conheceram no caminho, de quem ouviram que ônibus saíam de graça do Texas para Chicago, em Illinois. Esse era um dos estados que havia declarado emergência devido ao grande fluxo de migrantes enviados de estados republicanos³⁶. Além

35 ROMERO, Simon et al. Un cruce masivo de migrantes en El Paso abruma las instalaciones fronterizas en Texas. *The New York Times*. Nova York, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2022/12/12/espanol/migrantes-cruce-frontera-el-paso.html>. Acesso em: 25 nov. 2023.

36 SOLLIS, Steph et al. Blue state migrant crisis sparks political disaster for Biden. *Axios*. 5 set. 2023. Disponível em: <https://www.axios.com/2023/09/05/biden-migrant-crisis-political-disaster>. Acesso em: 20 set. 2023.

disso, ela não conhecia ninguém na cidade. Entretanto, um ex-namorado lhe havia dito que haveria trabalho no novo destino. Mais uma vez, era hora de arriscar.

Duas semanas depois de chegar a El Paso, a família conseguiu embarcar em um ônibus para Chicago, onde estão agora. Há cinco meses estão vivendo em um abrigo e as gêmeas, finalmente, entraram em uma escola pública pela primeira vez desde que deixaram sua terra natal, em 2017. Mary quer ser médica forense e seguir os passos da irmã mais velha, que estudou enfermagem na Venezuela. Os namorados das duas adolescentes também conseguiram passar a fronteira e estão vivendo em Chicago.

Alejandra tem encontrado dificuldades para achar emprego porque é proibido deixar menores sozinhos. Nesse momento, ela trabalha em um lugar que prefere não identificar, porque, além de tudo, ainda não tem permissão para ter uma ocupação formal. A situação a coloca em uma encruzilhada que visibiliza a desproporcionalidade com que a migração atinge mulheres e mães, pois quanto mais tempo ela levar para se empregar, mais tempo levará para conseguir o dinheiro para entrar em um programa de subsídio de aluguel e sair do abrigo.

“Há um descompasso entre a política governamental e a realidade econômica no local”³⁷, diz David Bier³⁸, diretor associado de estudos de imigração do Cato Institute. E isso é algo com o qual todos os *think tanks* de migração concordam. “Temos uma política projetada para manter as pessoas fora e, enquanto isso, temos uma

37 Original em espanhol, tradução nossa.

38 FEOKISTOVA, Olga. Cómo los inmigrantes pueden resolver los dos problemas más grandes de Estados Unidos. **Forum Daily**. 30 mai. 2023. Disponível em: <https://forumdaily.com/es/kak-immigranty-mogut-reshit-dve-glavnye-problemy-ssha/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

crise no mercado de trabalho em que há quase dez milhões de empregos abertos há dois anos”, diz Bier, revelando que os EUA poderiam se beneficiar com a imigração, preenchendo vagas e fechando a lacuna demográfica.

Mas há boas notícias: o tempo para que o impasse em que se encontra Alejandra se resolva poderá ser menor. No final de setembro de 2023, o presidente Joe Biden permitiu que mais de 400 mil venezuelanos se qualificassem para o Status de Proteção Temporária (Temporary Protected Status: TPS)³⁹, o que dá aos beneficiários a oportunidade de ter permissão de trabalho por dois anos. No *TikTok*, mãe e filhas narram suas vidas e cantam músicas de KarolG, Bad Bunny e canções como *Nueva Vida*, do *rapper* mexicano Peso Pluma:

Hoy todo ha cambiado, no voy a negarlo
Pensamientos nuevos son los que ya cargo
Una nueva vida la que me estoy dando
Poco a poco envidias se van presentando
El tiempo es muy sabio y responde preguntas
Y a mí no me asusta cargar con la duda⁴⁰

Nos últimos dias, elas procuraram apartamento e quase conseguiram um. O governo de Chicago subsidiará o aluguel por alguns meses, até que a família possa pagar as próprias despesas. Enquanto as polêmicas e discordâncias unem e desunem países, governos e políticas migratórias, Alejandra, que carrega em seu corpo as tatuagens

39 EUA oferecem status legal temporário a 470 mil venezuelanos. **Poder 360**. Brasília, 21 set. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/eua-oferece-status-legal-temporario-a-470-mil-venezuelanos/>. Acesso em: 16 out. 2023.

40 Em português, tradução nossa: Hoje tudo mudou, não vou negar / Eu já tenho uma nova forma de pensar / Estou dando a mim mesmo uma nova vida / Aos poucos, a inveja vai aparecendo / O tempo é muito sábio e responde às perguntas / Eu não tenho medo de ter dúvidas.

de tantos muros cruzados e de tantas esperanças que fazem questão de permanecer vivas, está concentrada em deixar seu passado de drogas e prostituição para trás. Ela agora sonha em economizar dinheiro para um dia voltar ao Peru e consertar a casa de seu pai na Venezuela. “Eu não vim para este país para fracassar. Vim para ajudar minha família, para realizar o sonho do meu pai de consertar sua bela casa de dois andares, com piso de cerâmica. Agora penso de outra forma”, diz.

Referências

LÓPEZ MAYA, Margarita. Populistas de Esquerda no Governo: a experiência da Venezuela. **Revista Desafíos**. Universidad Central de Venezuela, v. 2 – Populismo, polarização e democracia –, n. 34, p. 1-19. 28 jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/desafios/a.11223>. Acesso em: 23 set. 2023.

POMBO, Gabriela. **Las Mujeres Migrantes y la Violencia de Género**: aportes para la reflexión y la intervención. Buenos Aires: Organización Internacional para las Migraciones (OIM): Ministerio de Desarrollo Social del Gobierno de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Buenos Aires, 2014. Disponível em: https://www.iom.int/sites/g/files/tmzbd1486/files/2018-07/Manual_OIM-digital.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.

Estados Unidos

Entre temperos, sabores e lugares

Adriana Navarro Manfredini

A identidade brasileira significa algo bem diferente se a pessoa vive no país ou fora dele. Antes da migração internacional, o ponto de referência geoidentitário costuma ser a cidade, o estado ou a região onde se nasceu ou morou. Como acredita a antropóloga estadunidense Maxine L. Margolis (2013, p. 190), a brasilidade é ainda uma abstração sem maiores significados ou impactos no cotidiano do nativo que vive no território nacional, porque as pessoas ao seu redor também serão provavelmente originárias daquele lugar. No entanto, com a migração, desenvolve-se uma nova percepção.

Tendo suas origens como o principal ponto de referência geográfica na construção da identidade, o brasileiro se transforma então em “um estrangeiro vindo de uma terra distante e até considerada exótica por alguns”, segundo a antropóloga (2013, p. 190)¹. A brasilidade é agora um caldo genérico no qual se mistura o verde

1 Original em inglês, tradução nossa.

e amarelo, a música, o carnaval, o Cristo Redentor, as belas praias, o futebol. Goste-se ou não do sabor desse caldo, é dele que o migrante deslocado vai tomar umas colheradas vez ou outra para reafirmar sua origem. A culinária, inclusive, tem grande importância nesse processo de reafirmação da identidade, como cita Margolis (p. 190-191):

Assim, quando os imigrantes brasileiros vão a uma churrascaria em Nova York ou bebem uma caipirinha em uma boate brasileira em Lisboa, ou quando os nipo-brasileiros comem uma feijoada em Nagoya, no Japão, não estão saindo apenas para comer e beber; eles estão saindo para comer e beber *Brasil*.

Para compatriotas que moram no exterior, pão de queijo, coxinha e brigadeiro ganham outros significados além da esfera gastronômica. Essas iguarias estabelecem uma conexão com a vida que ficou para trás ou até uma oportunidade de ganha-pão para o migrante recém-chegado. Para Tiago Freitas, de 30 anos, nascido nos Estados Unidos, os quitutes significam um resgate das origens familiares e de sua identidade multicultural como filho de mãe brasileira e pai português.

Formado na Culinary Institute of America em 2014, Tiago mudou-se de Nova York para Seattle com a esposa, Natalie, há quase cinco anos, para trabalhar como *chef* particular e instrutor de culinária. Faltam poucos minutos para uma das aulas dele começar, a de *Brazilian Cooking*, oferecida por uma rede local de supermercados. Naquela noite, no fim do verão de 2023, o curso ocorreu na filial de Columbia City, bairro de classe média na região sul da cidade. Sobre as bancadas de preparo, há tigelas com ingredientes separados para cada uma das receitas que as oito pessoas inscritas

no curso aprenderão a cozinhar nas próximas duas horas. Pão de queijo, arroz branco, salada de palmito e moqueca de peixe.

Tiago veste avental de brim castanho avermelhado sobre a camiseta branca. Fios grisalhos começam a aparecer na barba bem aparada e no cabelo escuro curto, ligeiramente raspado nas laterais da cabeça. Tatuagens cobrem o braço esquerdo, entre elas, um urso bravo mostrando os dentes, uma mariposa, luvas de boxe, ramo de oliveira, morangos, cogumelos, espiga de trigo. Ele pergunta em inglês se alguém já experimentou pão de queijo, que será a primeira receita da aula. Uma mulher jovem levanta a mão e diz, também em inglês, que comeu pão de queijo numa cafeteria brasileira perto da estação de Capitol Hill e gostou. Tiago comenta que essa cafeteria faz parte de uma rede com filiais espalhadas pela grande Seattle. Diz que a matriz, na cidade vizinha de Kirkland, é a maior de todas, com um mercadinho acoplado, onde ele encontra alguns ingredientes importados que usa nas receitas².

O instrutor explica que pão de queijo é naturalmente sem glúten, aspecto muito divulgado por essa rede de cafeteria para conquistar os clientes americanos. As pessoas riem. Hora de colocar a mão na massa. Ou melhor, no polvilho. *Cassava starch, manioc starch, tapioca flour, tapioca starch*. São vários os nomes em inglês para aquele pó branco e fino que Tiago manuseia com familiaridade. Os alunos se juntam ao redor do *chef*, que está em pé diante do fogão. O preparo da receita começa: ferver óleo vegetal, leite e água para escaldar o polvilho. No caso, apenas polvilho doce, único tipo achado

2 Reportagem veiculada na emissora de TV local King 5 e reproduzida no site homônimo cita que há cerca de 15 mil brasileiros vivendo na região metropolitana de Seattle, de acordo com a ONG Brazil Center. Disponível em: <https://www.king5.com/article/news/nation-world/brazil-seattle-democracy-bolsonaro-united-states-political-unrest/281-48983eab-ca52-486e-8149-e6ee766e6356>. Acesso em: 10 nov. 2023.

nos supermercados locais, incluindo aquele onde acontece a aula. À medida que termina de preparar a massa, Tiago explica que, no Brasil, é comum misturar dois tipos de polvilho, o doce e o azedo. Esse último, vendido nos poucos mercadinhos brasileiros da região ou no comércio *online*, sujeito à disponibilidade de entrega. Então, o jeito é adaptar e usar apenas o polvilho doce, fácil de comprar em qualquer lugar.

O pão de queijo vai para o forno e os alunos se espalham pelas bancadas para cortar os ingredientes para o arroz, moqueca de peixe e salada de palmito. O cheiro do alho e da cebola se espalha no ar. “São os aromáticos da culinária brasileira”, comenta Tiago. Ele aproveita o momento para falar um pouco das influências indígena, africana e portuguesa na alimentação e explicar o porquê de escolher aquelas receitas para uma aula de *Brazilian Cooking*. O *chef* queria que os alunos conhecessem a comida que faz parte do cotidiano, como pratos que Tiago poderia encontrar na casa das tias dele que moram em Minas Gerais, por exemplo. Uma comida simples, saborosa, reconfortante.

Tiago tira as assadeiras do forno. Os pães de queijos estão com a crosta dourada clara. Em alguns minutos, os alunos experimentarão o tal *gluten free snack*. Enquanto a turma aguarda a fornada amornar, o *chef* começa a preparar o arroz branco à moda brasileira. Cita os dois segredos básicos: usar arroz de grão longo fino e fritar o arroz em óleo vegetal quente com os *aromatics* – cebola e alho bem picados. Para aquela aula em particular, ele decidiu trazer arroz da própria dispensa, comprado no mercadinho em Kirkland. O *chef* diz que o grão de arroz do Brasil tem um gosto muito peculiar, meio “*nutty*” (amendoado), e ele achou que seria interessante mostrar isso na aula. Mas reforça que a receita funciona com qualquer arroz de grão longo fino.

Os alunos se aglomeram em volta do fogão para ver o passo a passo. O óleo vegetal aquece na panela. Cebola e alho picados entram em cena. Ouve-se o chiado típico de refogado. Junta-se, então, o arroz lavado seis vezes e escorrido, mexendo com a colher de pau de vez em quando para envolver cada grãozinho branco no óleo quente. “*Wow! This smells so good!*”: “Uau! Que cheiro bom!”, fala uma aluna. Tiago sorri e diz que aquele é o cheiro da infância dele.

Entre um e sete anos de idade, o menino nascido em 1993 na região de Nova York podia ser visto correndo descalço e sem camisa pelas ruas da cidade de Betim, no estado de Minas Gerais. “Era todo mundo cozinhando junto e comendo aqueles pratos grandes, cheios de coisa, muito arroz, chuchu, abobrinha. Lembro que eu sempre pedia para minha avó fazer biscoito de polvilho frito para mim, adorava!”, conta, agora em português fluente, com leve sotaque mineiro, salpicado com uma ou outra palavra em inglês. A aula de *Brazilian Cooking* acabou há alguns minutos. Os alunos foram embora mais conscientes de que a comida do país é muito mais diversa do que aquela servida nas *steakhouses*, a versão de churrascaria encontrada nos Estados Unidos.

Enquanto os dois assistentes do *chef* lavam as louças e arrumam o espaço, Tiago revela mais detalhes da infância em Minas Gerais, da adolescência em Nova York e de como se envolveu com gastronomia:

Em Betim, morávamos perto da casa da minha avó, com tias, tios e primos vivendo pertinho também. Lembro muito da comida da minha família, de comer coxinha. Aliás, até hoje, toda vez que volto ao Brasil, eu tenho que comer uma coxinha por dia. E quando estou em Betim, pelo menos uma das refeições do dia é na casa da minha tia Dani, uma das melhores cozinheiras que eu já conheci na vida.

Quando surgem dúvidas sobre receitas regionais, é para essa tia mineira que Tiago liga. “Ela me ajudou quando estava adaptando a receita de moqueca que fizemos hoje. Mas ela não deu as medidas não”, diverte-se. Além da tia Dani, Tiago diz que outras quatro mulheres da família o inspiram na cozinha: a mãe, Paula, as tias Lia e Carminha e a avó Ignacia. “Quando mencionei que o cheiro de cebola e alho refogado é o cheiro da minha infância foi no arroz preparado pela tia Lia, minha madrinha, que estava pensando”, acrescenta. Sobre a mãe, o *chef* diz que ela é uma cozinheira “criativa”. “Minha mãe adora improvisar, mudar receita, usar a criatividade. Meus pratos favoritos que ela fazia – e ainda faz – são pão de queijo, feijoada, bolinho de arroz, pavê de sonho de valsa e lasanha, meu favorito de todos”, comenta.

Retorno adiado

Passar esses anos no Brasil durante a infância de Tiago não estava nos planos da mãe dele, que migrou de Betim para os Estados Unidos em 1992. “Meus pais se conheceram num bar em Nova Jersey, onde minha mãe trabalhava como *bartender*. Eram dois migrantes jovens tentando a vida em outro país”. E acrescenta:

Quando eu tinha um ano de idade, minha mãe precisou viajar para o Brasil às pressas porque meu avô materno tinha acabado de amputar a segunda perna e estava muito doente. Ela me levou junto nessa viagem. Mas quando foi a hora de voltar para os Estados Unidos, minha mãe não conseguiu. Ela tinha ultrapassado o período máximo de permanência do visto anterior.

O pai, José, continuou nos Estados Unidos, trabalhando e tentando regularizar a situação migratória da família. “Vi meu pai pouco durante a infância. Ele viajou algumas vezes para Betim para

nos visitar e ficar conosco. Demorou seis anos para voltarmos, pois foi o tempo para ele conseguir a documentação da minha mãe. Eles eram casados e ela tinha esse direito”, explica. Em 2000, a família cruzava o Atlântico rumo a Nova York com um membro a mais, a irmã caçula, Ana Flora, nascida no Brasil. Nesse retorno aos Estados Unidos, sem o apoio da rede de parentes, Tiago foi ganhando mais responsabilidade na rotina doméstica, como recorda:

Nossa vida era difícil. Meus pais trabalhavam muito e até tarde da noite. Meu pai, com construção. Minha mãe, como empregada doméstica e motorista de ônibus escolar. Então, eu passava muito tempo em casa sozinho com minha irmã depois de voltar da escola. Muitas vezes eu preparava alguma coisa para nosso lanche da tarde. No jantar, adorava ajudar minha mãe na cozinha. Sempre tive interesse na cozinha, uma curiosidade, mas não pensava em trabalhar com isso.

Durante a adolescência passada em Yonkers, a norte da ilha de Manhattan, Tiago achava que teria uma carreira profissional relacionada a artes visuais, porque sempre gostou de animação e desenho. No fim do *high school* (equivalente aos últimos anos do ensino médio), ele aplicou-se para a escola de artes, mas também para a de culinária, na qual decidiu se matricular. “Foi uma escolha pragmática, pois pensei que seria mais fácil arranjar emprego na área de gastronomia. Já em artes, nem sempre é tão fácil achar trabalho de imediato”, acredita. Recém-formado no Culinary Institute of America, ele conseguiu emprego em um restaurante sofisticado de culinária francesa com inspiração asiática:

No começo, eu gostei do trabalho. Ganhava 14 dólares por hora, o que eu achava que era um bom salário. Era um lugar novo, com tudo bonito, mas que ficava no subsolo, algo típico de Nova York. Não

tinha janela, eu não sabia se era dia ou se era noite. Trabalhava entre 60 e 70 horas por semana, só folgava nas segundas-feiras. Perdi festas de casamento, eventos de amigos. Fui entrando em depressão.

A gota d'água ocorreu quando uma prima de Tiago faleceu no Brasil e ele pediu uma folga extra para o chefe porque estava abalado emocionalmente. Ouviu um “não” como resposta. “Fui trabalhar naquele dia mesmo estando muito triste e arrasado, mas chegando lá entreguei meu aviso-prévio”, lembra.

Por conta da experiência traumática nesse restaurante sofisticado, o *chef* decidiu se afastar por uns tempos da gastronomia e foi trabalhar com o pai em uma obra, construindo valas no Brooklyn. “Foi um ano bom, adorei trabalhar com meu pai, ganhar meu dinheiro, ter mais tempo livre”, reconhece. “Quando voltava para casa, cozinava com minha esposa, coisa que eu não tinha energia de fazer nos dois anos em que trabalhei no restaurante. Afinal, a última coisa que eu queria fazer era voltar para a cozinha quando finalmente chegava em casa. Comia McDonald's, essas coisas”, diz.

Aos poucos, ele fez as pazes com o fogão. Voltou a desenvolver receitas, a cozinhar em casa por prazer. Depois de um ano afastado da gastronomia, decidiu que era hora de voltar para o ramo. Conseguiu emprego como instrutor de culinária na filial da rede Sur La Table³, em Nova York, onde permaneceu por dois anos ministrando aulas do tema que precisasse, de comida tailandesa a *pâtisserie* francesa, de *croissant* a comida italiana. “Apesar de eu dominar as técnicas culinárias e saber as receitas, muitas vezes sentia que eu não era a melhor pessoa para ensinar aquelas aulas pois faltava uma conexão maior”, explica.

³ Sur La Table é uma rede de lojas nos Estados Unidos especializada na venda de artigos de cozinha, também oferecendo aulas de culinária em diversas unidades.

No dia 31 de dezembro de 2018, Tiago e Natalie cruzaram o país e foram morar em Seattle. “Tínhamos vontade de viver um tempo na costa oeste e conhecer outros lugares dos Estados Unidos. Com exceção do período que passei em Minas Gerais durante a infância, só havia morado na região de Nova York. Minha esposa, que é de família de origem polonesa, também”, comenta Tiago, que conheceu a esposa quando ambos ainda estudavam no mesmo colégio em Yonkers.

Na nova cidade, ele começou a trabalhar como *chef* particular e como instrutor de culinária, dando aulas nas filiais da rede de supermercados Puget Consumers Co-op. Quando foi contratado, em vez de receber um calendário com classes já preestabelecidas pela chefia, ele ouviu uma proposta bem diferente: ensinar o que quisesse e o que refletisse a própria identidade. “Eu sou brasileiro, sou português e sou de Nova York. Então, minhas aulas vão mostrar isso”, comenta Tiago.

No calendário de cursos para o trimestre de verão de 2023, Tiago aparece como instrutor de três classes: *New York-style Pizza*, *A Taste of Portugal* e *Brazilian Cooking*. Todas elas estão quase sempre com lotação máxima, algumas até com lista de espera. “Meu sonho era ter uma aula para ensinar feijoada completa, com arroz, couve, farofa, laranja. É um dos meus pratos favoritos. Mas como preparar uma feijoada em apenas duas horas? Infelizmente não dá”, diz. Além do tempo, outro desafio seria achar alguns dos ingredientes típicos, como carne seca, reconhece.

Não sei se as aulas de comida brasileira teriam o mesmo sucesso em outros lugares dos Estados Unidos. Aqui em Seattle tem gente de várias partes do mundo. As pessoas estão acostumadas a uma diversi-

dade de culinárias, têm curiosidade, querem aprender, conhecer. E valorizam quando veem que eu, como instrutor de *Brazilian Cooking*, sou brasileiro, morei no Brasil. Então, aproveito para falar um pouco das origens da nossa culinária e das histórias da minha própria família. Isso me deixa feliz.

Nos momentos de folga, é comum ver Tiago no fogão de casa, a aperfeiçoar pratos e a testar novas combinações para incluir em futuras aulas. O pão de queijo, por exemplo, teve dez versões até ele acertar a consistência da massa e a melhor combinação de queijos (parmesão e pecorino) para substituir o tradicional queijo minas padrão e compensar a falta do polvilho azedo. Outra receita que vira e mexe ganha nova rodada de testes é a de pastel de nata, iguaria que ele ensina nas aulas de culinária portuguesa.

Pioneiros

A família de Tiago é um bom exemplo para ilustrar certos aspectos da migração brasileira para os Estados Unidos, país com a maior concentração no mundo de pessoas originárias do Brasil, com cerca de 1,9 milhão de pessoas, ou 42% do total, segundo estimativa do Ministério das Relações Exteriores divulgada em 2023⁴.

Nos anos 1980, como destaca a antropóloga Maxine L. Margolis, ocorreu a primeira grande onda migratória verde e amarela para terras estadunidenses, com predomínio de homens, fugindo da hiperinflação, do desemprego e das sucessivas crises econômicas (Margolis, 2013). De acordo com a autora, “durante a década de 1990, mais e mais mulheres brasileiras começaram a buscar oportunidades

4 MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (MRE). **Comunidades Brasileiras no Exterior**: 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/BrasileirosnoExterior.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2023.

no exterior, e na virada do novo milênio a proporção havia se equilibrado” (2013, p. 09)⁵. Foi o caso da mãe de Tiago, que deixou Minas Gerais em 1992. O estado, aliás, foi o principal “exportador” dos brazucas pioneiros, em especial, os nativos da cidade de Governador Valadares⁶. A costa leste era o principal destino, em especial cidades ou regiões onde já havia uma comunidade estabelecida de portugueses, como a grande Boston, Nova York e Nova Jersey, oferecendo uma familiaridade linguística imediata (Jouët-Pastré; Braga, 2008, p. 05). A maioria dos indocumentados vindos nesse primeiro fluxo alcançou esse *status* porque ultrapassou o prazo de validade do visto de turista (p. 10)⁷.

Ainda nos anos 1990, a comunidade crescente de brasileiros começou a atrair a atenção de pesquisadores. Em 1994, a antropóloga Maxine L. Margolis publicou o primeiro grande estudo sobre esse grupo, com um relato etnográfico dessa população na cidade

5 Original em inglês, tradução nossa.

6 De acordo com Margolis (2013, p. 153), a ligação da cidade mineira de Governador Valadares com os Estados Unidos começou nos anos 1940, em razão da extração de mica, um metal utilizado naquela época na fabricação de detonadores e outros artefatos bélicos. A partir da Segunda Guerra Mundial, engenheiros e técnicos dos Estados Unidos vindos de Boston começaram a chegar em Governador Valadares para acompanhar a extração de mica nas minas da região. Nos anos 1960, a mineração de mica entrou em declínio. No retorno aos Estados Unidos, alguns desses americanos viajaram acompanhados de seus empregados domésticos. A partir dessas redes sociais e laços de relacionamento já estabelecidos, “iniciou-se um fluxo emigratório na década de 60, que se intensificou na década de 70 e que foi consolidando, no imaginário coletivo e na cultura daquela região, o fenômeno migratório” (Lima; Castro, 2017, p. 19).

7 Lima e Castro afirmam que, durante a década de 1980, “os brasileiros entravam nos Estados Unidos portando visto de turista e permaneciam em situação irregular pelo não retorno e o trabalho não autorizado”, enquanto outros, “principalmente aqueles vindos para a costa nordeste americana, trabalhavam durante o verão nas áreas balneárias dessa região e voltavam para o Brasil durante o inverno, alimentando assim um processo circular de migração” (Lima; Castro, 2010, p. 50). Os autores destacam que, após setembro de 2001, houve aumento na fiscalização nos aeroportos e mais rigidez para emissão de visto para os Estados Unidos, levando, então, mais brasileiros a arriscar a entrada pela fronteira do México, uma “rota problemática não só pelo custo que envolve, mas também pela distância e pelo risco maior da travessia” (2010, p. 51).

de Nova York⁸. Na década seguinte, a Universidade de Harvard se-
diou, em 2005, a Primeira Conferência Nacional sobre Imigração
Brasileira para os Estados Unidos. Nos últimos anos, com a segunda
geração chegando à idade adulta, seja os que já nasceram em solo
estadunidense, como Tiago, seja os que vieram com pouca idade,
mais pesquisas procuram entender essa nova geração, investigando
temas como assimilação cultural, bilinguismo, questões identitárias
e permanência nos Estados Unidos.

O padrão de assentamento da população brasileira nos Estados
Unidos mudou de forma considerável nas últimas décadas. Desde
2000, a Flórida vem se consolidando como o destino migratório
mais popular. Juntamente com Massachusetts, Califórnia, Nova Je-
rsey e Nova York, a Flórida integra a lista dos cinco estados onde
63% dos brasileiros vivem nos Estados Unidos (Lima; Castro, 2017,
p. 55). Margolis chama a atenção para outro fenômeno, o das mi-
grações internas, citando como exemplo a cidade de Atlanta, na
Georgia, que se tornou “a segunda casa nos Estados Unidos de vá-
rios brasileiros que viveram primeiramente em Framingham, Mas-
sachusetts” (2013, p. 91)⁹. O clima mais ameno no inverno seria o
principal motivo alegado para a mudança, embora a autora descon-
fie que esse grupo seja atraído também pela fama de a região sul ser
mais amigável e hospitaleira.

Na falta de pesquisas ou outras evidências, uma boa maneira de
perceber que um lugar começou a atrair mais brasileiros, formando
novas comunidades, são os chamados consulados itinerantes, quan-
do agentes consulares fazem visitas esporádicas a localidades de sua

8 MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil**: Brazilian immigrants in New York City. Princeton: Princeton University Press, 1994.

9 Original em inglês, tradução nossa.

jurisdição para oferecer alguns serviços, como registro de nascimento, autorização de viagem para menores e procurações. O consulado brasileiro em Los Angeles, na Califórnia, envia postos itinerantes para Las Vegas, em Nevada; Phoenix, no Arizona, e Salt Lake City, em Utah. Já a unidade sediada em San Francisco, também na Califórnia, organiza de forma esporádica atendimento itinerante em Portland, no Oregon; em Anchorage, no Alaska, e em Seattle, no estado de Washington.

Quando se analisa a atividade regular da representação diplomática do Brasil nos Estados Unidos, vê-se que o Texas e estados ao redor são outra região em crescimento. Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores, o consulado em Houston estima atender anualmente cerca de 100 mil brasileiros¹⁰. Dois anos antes, a estimativa era de 90 mil¹¹. Em 2011, foram 50 mil, segundo Margolis (2013, p. 77).

We love coxinha

Foi no Texas que começou a história de migração da família de Sônia Rodrigues. O primeiro a emigrar foi o filho Marcelo, em 2012. Desde muito jovem o rapaz já gostava da cultura americana e tinha o sonho de morar nos Estados Unidos, como relata a mãe, orgulhosa, durante videochamada de *WhatsApp*:

Aos 21 anos, quando fazia faculdade de Letras e trabalhava como professor de inglês no Brasil, meu filho teve a oportunidade de fazer o

10 MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (MRE). **Comunidades Brasileiras no Exterior**: 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/BrasileirosnoExterior.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2023.

11 *Idem*.

programa de Au Pair¹². Foi morar no Texas. Ele adorou e se acostumou rapidamente. Depois, conseguiu outros empregos, foi fazer um curso numa universidade no Texas e decidiu continuar morando por lá.

No fim de 2014, dois anos depois da mudança para os Estados Unidos e com a vida mais estabilizada, Marcelo organizou uma viagem para os pais conhecerem a *Disneyworld*, na Flórida, junto com ele. Sônia conta a experiência:

Foi a primeira vez que eu e meu marido viajamos para o exterior. Foi uma viagem familiar ótima, inesquecível! Mas eu sinceramente achei que tinha sido minha primeira e única vez nos Estados Unidos. Quando voltamos para Barra Mansa, interior do Rio de Janeiro, onde morávamos, continuamos a tocar nossa vida. Eu trabalhava como comissária na Vara da Infância e Juventude e meu marido tinha uma empresa de instrumentação industrial. Tínhamos uma vida boa, ativa, com muitos amigos e parentes. Não pensávamos em sair da nossa cidade, muito menos em mudar de país. Mas sabe como é coração de mãe, né?

De tempos em tempos, o filho sondava sobre a possibilidade de os pais passarem a morar com ele na região de Houston, no Texas, mas ouvia respostas negativas do casal. No fim, a insistência de Marcelo funcionou. “Ele sempre falava para virmos morar com ele, que ele sentia muito a nossa falta, que ele queria ter a gente por perto. Pesou muito o fato de ele ser nosso filho único. Morar nos Estados Unidos era sonho dele, não nosso. Mas vendemos tudo e decidimos vir por ele”, explica.

12 Au Pair é um intercâmbio cultural internacional pelo qual jovens com interesse em melhorar as habilidades em uma língua estrangeira recebem hospedagem no país de destino e auxílio financeiro, em troca de ajudar em tarefas relacionadas ao cuidado da casa e de crianças da família hospedeira.

Sônia e o marido, Ernani, então com 50 e 51 anos, chegaram em Houston em 2016 sem falar inglês e sem planos muito definidos para o futuro. “Lembro que logo nas primeiras semanas no Texas eu fui fazer as unhas com uma manicure brasileira e ela, ouvindo minha história, disse que eu precisava arrumar logo alguma coisa para fazer, senão eu iria enlouquecer”, conta. Sônia ouviu o conselho e decidiu procurar algum trabalho como babá, pois tinha experiência em cuidar de crianças. Já Ernani foi trabalhar com faxina, ambas atividades comuns entre migrantes recém-chegados. Aos poucos, o casal foi se integrando na comunidade. Começaram a frequentar uma igreja evangélica que oferecia aulas de inglês para estrangeiros e a ir a festas de compatriotas.

A venda de salgadinhos começou por acaso, quando a família ainda morava no Texas, como explica Sônia. “Ernani sentia muita falta de comer salgados como os que a gente tem no Brasil, sabe? Então ele decidiu fazer em casa mesmo, pois não achava nada para comprar do jeito que ele gostava de comer”, conta Sônia, que chama o marido para ele mesmo contar a parte seguinte da história. Até aquele momento, ele estava ouvindo a conversa enquanto adiantava o serviço na cozinha.

Com touca na cabeça e avental de cozinheiro, Ernani entra na videochamada por alguns minutos. “Eu sentia muita falta de comer salgados, coxinhas, esfirras, com aquele tempero que tem no Brasil. Comecei a ver umas receitas no *YouTube* e decidi fazer para comermos em casa. A primeira receita que fiz foi de esfirra. Deu certo”, explica o marido, que, de fato, é quem produz os quitutes na cozinha da casa da família. “Fui pesquisando receitas de outros salgados e fui fazendo, às vezes adaptando uma coisa ou outra. Queria que os recheios ficassem bem temperadinhos, com gosto de salgado brasilei-

ro”, complementa. Ele se despede e volta para os afazeres culinários. A esposa continua a conversa:

Um dia, o Ernani fez uns salgadinhos para levarmos numa festa de amigos. Todos gostaram. Um tempo depois uma amiga perguntou se o Ernani aceitaria pegar uma encomenda de salgadinhos. Foi nosso primeiro pedido. Com o boca a boca, outros brasileiros ficaram sabendo que meu marido fazia coxinhas, esfirras, rissoles, caldos, e as encomendas foram aumentando.

Em 2018, Marcelo conseguiu um emprego novo no estado de Washington, como analista de negócios, razão pela qual a família se mudou do Texas para a capital, Olympia. Na nova cidade, Ernani e Sônia decidiram priorizar a venda de salgados em vez de procurar outros tipos de ocupação. Com a ajuda do filho, criaram um logo, definiram cardápio e divulgaram em grupos fechados de *Facebook*, como o *Brasileiros em Seattle*. “Deu certo, os pedidos começaram a aparecer. Novamente, o boca a boca nos ajudou”, diz.

Desde então, Sônia é o nome, o rosto e a voz por trás do Carnaval Café, um *delivery* de salgadinhos que atende não apenas a região metropolitana de Seattle como outras partes do estado de Washington. “Além de coxinha, fazemos rissole de carne e de pizza, bolinha de queijo, bolinho de aipim, empadinha, empadão, esfirra, pastel e caldos”, comenta. Por semana, estima vender por volta de mil unidades. “Durante o verão e perto de feriados ou período de festas, o movimento aumenta bastante”, diz Sônia, que toca a empresa com o marido, com quem está casada há 35 anos. O filho do casal também ajuda quando precisa, principalmente na divulgação do negócio familiar. O nome do *delivery*, por exemplo, foi ideia dele. “Queríamos um nome que tivesse uma relação direta com o Brasil e fosse algo

bem fácil de lembrar. Meu filho sugeriu Carnaval. E Café é porque meu marido tem vontade de um dia abrir um café mesmo, então já estamos nos adiantando”, explica, bem-humorada.

Enquanto o marido fica no forno e no fogão, Sônia recebe os pedidos, conversa com os clientes por *WhatsApp*, monitora as redes sociais, embala os salgados e separa as encomendas de acordo com o itinerário de entrega. Quando precisa, ajuda o marido em alguma tarefa na cozinha e na compra dos ingredientes. A produção ocorre durante a semana, com entregas concentradas majoritariamente aos sábados. Nesse dia, o casal acorda às quatro horas da manhã para fritar e assar os salgados que foram produzidos nos dias anteriores. Às oito horas, saem de casa com as encomendas quentinhas e, muitas vezes, dirigem por mais de duas horas até o local da primeira entrega. “Quando é um lugar muito longe, como Spokane, que fica a quase seis horas de carro de onde moramos, combinamos com o cliente de entregar no meio do caminho. Aconteceu uma vez”, lembra.

Vivendo há cerca de oito anos nos Estados Unidos, Sônia diz que gosta muito de estar perto do filho, mas que às vezes se sente um pouco isolada e limitada por ainda ter dificuldade com o inglês. “No começo, ficamos muito dependentes do nosso filho por não falarmos o idioma. Até no supermercado ele tinha que ir conosco, pois não sabíamos o que comprar, não entendíamos as embalagens”, conta. O contato com a clientela ajuda Sônia a driblar um pouco a solidão que a aflige de tempos em tempos. “Às vezes converso um pouco mais com uma ou outra cliente durante as entregas. Vou fazendo novas amizades. Outros oferecem água, suco. Eu gosto desse contato”, diz. Raramente ela atende clientes que não sejam do Brasil, mas isso não significa que pessoas de outros países não experimentem e aproveem os quitutes do Carnaval Café, como relata:

Já ouvi vários comentários de clientes regulares dizendo que convidados americanos experimentaram os salgadinhos pela primeira vez na festa e adoraram. Uma vez, uma cliente fez um pedido para entregar na casa da cunhada dela. Quando cheguei lá, comecei a falar em português achando que a cunhada da cliente também era brasileira, mas não era. Ela me respondeu em inglês, eu fiquei um pouco sem graça, sem entender direito. Quando entreguei a caixa de salgadinhos, ela pegou e disse sorrindo: 'I love coxinha!'.

Ernani, marido de Sônia, não está sozinho na busca por comida com gosto de tempero brasileiro em terras estrangeiras. Durante trabalho de campo realizado em 2009 entre a comunidade de imigrantes brasileiros em Massachusetts, a antropóloga e pesquisadora Viviane Kraieski de Assunção ouviu diversos relatos semelhantes, que serviram de base para a tese de doutorado dela. Eis uma das constatações (Assunção, 2011, p. 120-121):

A 'comida brasileira' é preparada, em sua maior parte, com ingredientes de 'gosto' mais parecido ao do Brasil. Quando um produto não brasileiro é comprado, recorrentemente é comparado ao brasileiro, e classificado como 'igual ao do Brasil'. Nessa substituição de produtos, há um papel fundamental das interações entre as redes sociais. Através do contato dessas redes, há uma troca de experiências entre os imigrantes, que recomendam ou não a compra de determinados alimentos de marcas específicas, e contribuem para que esses produtos façam parte do repertório de compra de outros sujeitos.

A antropóloga observou que a comida brasileira citada pelos entrevistados durante o trabalho de campo em Massachusetts refere-se, em geral, àquela feita em casa, com panela no fogão, para o consumo da família, mesmo que a refeição não seja elaborada apenas com ingredientes típicos do país. Para ela, o apego à chamada comida

brasileira e a resistência à mudança do padrão alimentar seria uma estratégia dos migrantes para “reforçar as relações mais significativas que têm com aqueles que permaneceram no Brasil”, e não necessariamente para afirmarem uma identidade (2011, p. 121-122). Nesse sentido, a comida – mesmo quando feita com produtos não brasileiros – seria uma alternativa encontrada pelos migrantes para “recriar um ambiente sensorial familiar e lidar com as dificuldades da distância da terra natal e de seus vínculos sociais, e da nova e árdua rotina de trabalho” (p. 123).

Fora do ambiente caseiro, a comida cumpre um papel um pouco diferente: ser agente de socialização em festas e comemorações (Assunção, 2011, p. 175):

Nesse caso, a comensalidade constitui-se em uma importante ferramenta para norte-americanos, imigrantes de outras nacionalidades, como também brasileiros provenientes de diferentes localidades, entrarem em contato e estabelecerem uma forma de conhecimento do ‘outro’.

A pesquisadora compareceu a diversas festas organizadas por integrantes da comunidade verde e amarela na grande Boston e notou que convidados de outras nacionalidades, muitas vezes, eram observados pelos anfitriões para ver se comiam os pratos típicos e se gostavam. Segundo ela, a aprovação positiva serviria como uma forma de aceitação, “como se fosse estabelecido um canal de comunicação entre duas culturas” (Assunção, 2011, p. 185). No contexto social, a antropóloga lembra que as festas também são um “momento importante de transmissão cultural que ocorre de imigrantes brasileiros para seus filhos, nascidos nos Estados Unidos ou levados para lá ainda crianças” (p. 175).

Além de festas de aniversário, casamentos, churrascos e outras celebrações informais entre familiares e amigos, a antropóloga cita outras duas comemorações importantes para a comunidade brasileira na grande Boston: a festa relacionada à Independência e as festas juninas. Nessas festividades de caráter mais nacional, como destaca a antropóloga, “um conjunto de elementos forma um ambiente sensorial que remetem ao Brasil ou à brasilidade: o apelo visual da decoração, a sonoridade da música e os sabores e cheiros das comidas” (2011, p. 190).

Gosto de saudade

Julho de 2023, verão no Hemisfério Norte. É uma tarde quente de sábado, com muita gente a velejar, a andar de caiaque, a tomar sol de biquíni e bermuda nos parques que margeiam o lago Union, em Seattle. Perto dali vê-se um vai e vem de pessoas trajando vestimentas não exatamente esperadas para aquele clima de “praia”. São homens, mulheres e várias crianças vestindo roupas com estampa xadrez, algumas de flanela com manga comprida. Na cabeça, em vez de boné, usam chapéu de palha ou estilo *cowboy*. Chegam em pequenos grupos, em pares ou até sozinhas ao OmCulture, um salão multiuso geralmente ocupado por aulas de dança. Naquele dia, o local estava decorado com fileiras e mais fileiras de bandeirinhas coloridas e panos de chita para receber um evento diferente: uma festa junina.

Ao circular pelo ambiente, ouve-se uma variedade de sotaques brasileiros, além de inglês – principalmente entre a garotada – e um pouco de espanhol. Em alguns momentos, as vozes ficam abafadas pela música. Luiz Gonzaga, Falamansa, o acordeão de Mario Zan. Improvisa-se uma dança de quadrilha com participação majoritariamente dos adultos, incluindo alguns “gringos” infiltrados.

A narradora alterna os comandos ora em inglês, ora em português, finalizando com um “*Let’s say goodbye to São João!*”: “Vamos dar adeus a São João!”.

Nas laterais da grande pista de dança, há meia dúzia de barracquinhas com comes e bebes. Entre as opções de “comida típica”, há “*hot dog* estilo brasileiro” (salsicha no molho de tomate, com milho, muçarela ralada e batata palha por cima), cocada, canjica, bolo de milho, curau, bolo de cenoura, bolo gelado de coco, paçoquinha, cajuzinho, brigadeiro. Na barraca dos docinhos de festa, quem atende os clientes é Eliana de Souza Patterson, paulistana que mora nos Estados Unidos há sete anos.

Fevereiro de 2017, inverno no Hemisfério Norte. Neve, vento gelado cortante, temperaturas abaixo de zero. Foi esse o cenário que Eliana encontrou quando chegou em Montana, no noroeste americano. Um choque triplo: térmico, de paisagem e de realidade. O verão tropical ficou para trás quando ela embarcou com a família no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, rumo aos Estados Unidos. Já a paisagem com a qual estava acostumada mudou da barulhenta selva de prédios para uma vista bucólica aos olhos cosmopolitas, com pinheiros, montanhas, casas com jardim, ruas quase desertas. Psicóloga de formação e com carreira na área de recursos humanos, Eliana estava sem emprego no novo país e precisava se reinventar aos 36 anos.

Por outro lado, para Matthew, o marido de Eliana, mudar-se para Montana com a esposa e dois filhos pequenos significou voltar para casa depois de quase dez anos vivendo a dez mil quilômetros de distância. “Meu marido nasceu e cresceu nessa região dos Estados Unidos. Quando ainda morávamos no Brasil, ele sempre falava da infância dele, de como era diferente. Uma infância mais livre, em

contato com a natureza. Era algo que ele queria proporcionar para nossos filhos”, diz.

Eliana e o marido se conheceram na cidade de São Paulo, quando ele fazia um curso de português para estrangeiros na Pontifícia Universidade Católica. Entre 2008 e 2016, namoraram, tiveram dois filhos e se casaram. “Depois que a mais nova nasceu, a ideia de mudarmos para os Estados Unidos foi se fortalecendo. Na época, eu já estava um pouco insatisfeita com os rumos da minha vida profissional, não via muita possibilidade de crescimento na empresa onde eu trabalhava”, explica.

O empurrão que faltava para a mudança de país veio na forma de uma oferta de emprego para o marido, que é gemólogo (especialista em gemas e pedras preciosas). Uma empresa do setor o convidou para trabalhar em Montana. E, assim, Matthew aterrissou nos Estados Unidos alguns meses antes para assumir o cargo, alugar imóvel e preparar a vinda do restante da família. Com tudo encaminhado, ele voltou para o Brasil para buscar as crianças e a esposa.

No trajeto aéreo entre São Paulo e Montana, além dos filhos e do marido, Eliana teve a companhia da mãe, Dolaci. “Ela veio passar os primeiros meses conosco, para me ajudar na adaptação. Depois ela voltou para o Brasil. Foi fundamental ter o apoio da minha mãe nessa primeira etapa, quando há muitas mudanças, muitos ajustes”, avalia.

Quando as crianças estavam mais adaptadas à escola e à nova rotina, foi a vez de Eliana procurar uma ocupação. Mais do que exatamente ter saudade de trabalhar, ela sentia falta do convívio social e da oportunidade de travar conversas significativas com outros adultos. Conseguiu trabalho no setor administrativo de um hospital. Nessa época, os brigadeiros já faziam parte da vida de Eliana nos Estados Unidos, mas de forma “recreativa” como ela classifica.

“Às vezes tinha vontade de fazer um doce, ia para a cozinha e fazia brigadeiro. Ou, então, fazia brigadeiro para levar nas comemorações com os colegas de trabalho no hospital e em festas em que era convidada”, diz.

Os docinhos viraram protagonistas na vida de Eliana apenas em meados de 2018, meses após a família se mudar de Montana para Issaquah, no estado de Washington, onde o marido arranhou um novo emprego, também como gemólogo. No novo estado, a família encontrou semelhanças e diferenças. De um lado, paisagem e clima parecidos, com muita natureza ao redor. De outro, descobriu na região uma comunidade maior de migrantes, não apenas de brasileiros, como de outros países. Mas uma diferença teve um impacto não previsto: o custo de vida. Quando chegou novamente a hora de Eliana procurar trabalho, fez os cálculos e percebeu que o salário que receberia em empregos como o que tinha no hospital em Montana não compensaria financeiramente pelos custos a mais que a família teria, entre eles, com escolinha infantil particular para a filha mais nova, que ainda não tinha idade para ingressar no sistema de educação pública do estado de Washington. A solução seria ter uma atividade que a permitisse ficar em casa com a filha, pelo menos até a menina completar os cinco anos exigidos para a matrícula em escola pública.

O começo da Snapscandy, nome da empresa de Eliana, assemelha-se ao de muitos outros negócios de migrantes no ramo de alimentação. Uma amiga fez o primeiro pedido dos docinhos. As pessoas gostaram e pediram a indicação. O boca a boca e a divulgação em mídias sociais geraram novos pedidos, e por aí foi. Desde o início, Eliana percebeu que precisaria ser criativa para conseguir uma diferenciação entre os diversos fornecedores de brigadeiro e docinhos de festa que já atendiam os compatriotas na região. O pri-

meiro passo foi investir na qualidade dos ingredientes, usando, por exemplo, chocolate belga da marca Callebaut.

Em 2019, durante viagem a São Paulo para visitar a família, Eliana fez um curso presencial com foco em brigadeiro gourmet e docinhos finos na Academia de Confeitaria, do *chef* Flavio Federico. Voltou para Issaquah com várias ideias para colocar em prática. Aperfeiçoou as receitas com as dicas da aula para aumentar a durabilidade dos docinhos. Ampliou a variedade de sabores. Caprichou na apresentação das embalagens e caixas para acondicionar os docinhos, que ficaram ainda mais “instagramáveis”.

Por falar nisso, quem vê o perfil da Snapscandy no *Instagram* percebe algo diferente: a maioria das postagens é escrita em inglês. “Os brasileiros já conhecem brigadeiro, não preciso explicar o que é. Quero divulgar nossos docinhos para outros públicos”, explica Eliana. Entre os *posts*, há o vídeo de uma aula gravada durante a pandemia, na qual ela ensina em inglês o passo a passo da receita de brigadeiro de chocolate, que fez parte da programação virtual da *BrasilFest*¹³ de 2020.

A comunidade verde e amarela ainda representa a maior fatia da clientela de Eliana, mas ela vê crescer os pedidos feitos por imigrantes de outros países que também moram na região. “Tenho vários clientes da Índia que gostam muito do brigadeiro de churros. Eles dizem que esse brigadeiro lembra um tipo de docinho que eles comiam na infância, em festas”, diz.

Churros, Nutella, creme *brulée* e o brigadeiro tradicional são os sabores mais pedidos entre as 17 opções, algumas sazonais. Queijo

13 *BrasilFest* é um evento anual realizado em Seattle, no mês de agosto, em comemoração ao Dia do Folclore Brasileiro. Há apresentações musicais, de capoeira e de dança, além de barracas com comidas típicas e atividades culturais. Em agosto de 2023, ocorreu a 25ª edição do evento.

com goiabada e pistache são as variedades mais recentes do menu. Eliana diz que o favorito dela muda de tempos em tempos. “Atualmente, é o de caramelo.” Além de estar sempre testando novos sabores de brigadeiros *gourmet*, a confeitadeira também se dedica a outras frentes culinárias. “Faço muitos cursos e adorei aprender a trabalhar com chocolate, um produto versátil e com mais durabilidade. Em algumas ocasiões ofereço bombons de morango, chocolates pintados e bolos tipo *naked cake*. Quero expandir a oferta nesses segmentos”, explica. O brigadeiro tradicional, no entanto, nunca vai perder um lugar de destaque no coração de Eliana:

Hoje, pensando em retrospecto naqueles primeiros meses morando em Montana, percebo que os doces brasileiros que eu fazia, principalmente o brigadeiro, eram uma forma de conexão com o que eu tinha deixado no Brasil, com minha vida anterior. Na época, não me dei conta, mas foi um jeito de expressar a saudade.

Eliana, Sônia, Ernani e Tiago são exemplos de como a culinária do país natal se entrelaça com as experiências de migração, ajudando a construir uma nova vida, a nutrir a brasilidade e, ao mesmo tempo, a manter laços familiares. Afinal, “a comida, que impregna os nossos sentidos do paladar, do olfato e da visão ao longo da vida, torna-se na diáspora uma forma de transmissão cultural e um sinal de pertencimento a uma comunidade cultural” (Vieira, 2008, p. 96)¹⁴.

Referências

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. **Onde a comida “não tem gosto”**: estudo antropológico das práticas alimentares de imigran-

14 Original em inglês, tradução nossa.

tes brasileiros em Boston. 2011. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2011. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95311>. Acesso em: 30 out. 2023.

JOUËT-PASTRÉ, Clémence; BRAGA, Leticia J. Introduction: Interdisciplinary Perspectives on Becoming Brazuca. *In*: JOUËT-PASTRÉ, Clémence; BRAGA, Leticia J. (eds.). **Becoming Brazuca**: Brazilian immigration to the United States. Cambridge: Harvard University Press, 2008. p. 1-21.

LIMA, Álvaro Eduardo de Castro; CASTRO, Alanni de Lacerda Barbosa de. **Brasileiros nos Estados Unidos**: meio século (re)fazendo a América (1960-2010). Brasília: FUNAG, 2017. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-327-brasileiros_nos_estados_unidos_meio_seculo_re_fazendo_a_america_1960_2010_. Acesso em: 2 nov. 2023.

MARGOLIS, Maxine L. **Goodbye, Brazil**: émigrés from the land of soccer and samba. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2013.

VIEIRA, Else R. P. The Formative Years of the Brazilian Communities of New York and San Francisco through the Print Media: The Brazilians / The Brasilians and Brazil Today. *In*: JOUËT-PASTRÉ, Clémence; BRAGA, Leticia J. (eds.). **Becoming Brazuca**: Brazilian immigration to the United States. Cambridge: Harvard University Press, 2008. Cap. 3, p. 81-102.

Canadá

Só mais uma mulher na multidão

Sandra Nodari

Daniela Araújo, a Dani, nasceu e cresceu na periferia da cidade de São Paulo. O pai era pedreiro e a mãe, analfabeta. Ambos cristãos. Viveu no bairro São Miguel Paulista, zona leste, uma das regiões mais pobres e violentas da capital. O índice de analfabetismo da população do bairro, nos anos 2000, era de 6,8%, enquanto em Pinheiros (região rica de São Paulo) era de 0,9%, segundo estatísticas da Prefeitura Municipal¹.

Quando eu a conheci, em 2022, ela já havia deixado o Brasil e migrado para o Canadá. Na verdade, eu comecei a segui-la pelas redes sociais. *Daniela Sobrevivente*², do *Facebook* (com mais de 27 mil

1 PREFEITURA DE SÃO PAULO. **População Total e Analfabeta de 15 Anos e Mais e Taxa de Analfabetismo Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais 2000 e 2010**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/urbanismo/infocidade/htmls/8_populacao_total_e_analfabeta_de_15_anos_2000_10517.html Acesso em: 21 nov. 2023.

2 DANIELA Sobrevivente. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/danielasobrevivente>. Acesso em: 20 nov. 2023.

seguidores), e *Daniela em Transe*³, do *Instagram* (cerca de 3,5 mil seguidores) são perfis abertos onde ela compartilha memórias, histórias, batalhas, militância e vitórias desde que migrou para o Canadá com o objetivo de fugir da violência do Brasil.

A decisão de tornar-se migrante foi tomada quando ela recebeu mensagens com ameaças de morte. “Um eleitor do Bozo⁴ mandou uma imagem dele, segurando uma faca e dizendo: ‘eu sei onde você mora’. A foto era dele mesmo, o eleitor, segurando a faca e com uma balaclava cobrindo o rosto.” O primeiro pensamento foi fugir do Brasil, pedindo asilo político em nações que acolhem pessoas vítimas de violência de gênero. “Os países da minha lista eram Portugal, Nova Zelândia, Austrália, Alemanha, Espanha e Canadá.” Essas nações já têm leis de proteção à população LGBTQIAPN+⁵ aprovadas.

O medo de Dani era legítimo. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans e não binárias no mundo, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)⁶. Em 2018, quando ela foi ameaçada, foram 163 assassinatos. Em outubro daquele ano, o país caminhava para o segundo turno das eleições presidenciais, em um pleito marcado por imensa disputa. As redes sociais foram usadas pelas campanhas eleitorais como ferramentas para criar rejeição ou apoio às candidaturas. A disseminação de *fake news* foi a marca daquele momento histórico.

3 DANIELA em Transe. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/danielaemtranse/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

4 Bozo é um apelido atribuído a Jair Bolsonaro, que esteve à frente da Presidência do Brasil entre 2019 e 2022.

5 LGBTQIAPN+ é a sigla mais completa para o movimento de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexo, assexuais/arromânticas/agênero, pansexuais, não binárias e mais.

6 ASSASSINATOS: pesquisas anuais. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)**. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>. Acesso em: 23 out. 2023.

Naquele pleito, talvez o que mais marcou o ódio à comunidade LGBT tenha sido a falsa notícia associada à “mamadeira de piroca”. Segundo uma imagem compartilhada pelos opositores do Partido dos Trabalhadores, o PT promoveria a distribuição de mamadeiras com bicos em formato de pênis para creches brasileiras. Isso faria parte de um “*kit gay*” que seria enviado a escolas. Quando minha tia recebeu esse conteúdo, disse assustada à minha mãe: “Olhe isso! Como eu vou votar em gente que apoia isso aqui? Eu tenho de pensar nos meus netos!”. A campanha política de ódio me assustou também.

Mãe de dois adolescentes, abalada com os discursos violentos – e pensando nos meus filhos –, eu também resolvi sair do Brasil. Segui o caminho trilhado por Dani e levei minha família para o mesmo país em que ela estava morando. A nossa escolha, assim como a trajetória de muitas mulheres brasileiras que migram para o Norte global, é marcada pelo desejo de uma vida mais segura e pela busca de se sentir parte de algum lugar. No caso da Dani, sua migração é também consequência de uma realidade que ela começou a perceber desde a infância, quando se achava uma estranha na vida que estava traçada para ela.

Por volta dos sete anos, lembra, já demonstrava não se encaixar no roteiro que deveria seguir. “Quantas e quantas vezes meu pai, meu tio e meu padrinho diziam: ‘menino não faz isso, menino não faz aquilo’. Meu pai me ensinava como eu devia andar, ‘porque homem não devia andar rebolando.’” Ela se lembra de sair do chuveiro enrolada numa toalha, como via as mulheres fazerem depois do banho. Mas sempre ouvia do pai que menino tinha de ficar com a toalha na cintura, porque homem não precisava cobrir o peito. “‘Você não pode sair do banheiro assim!’, era o que eu ouvia com

seis ou sete anos.” Mas ela não conseguia andar sem camisa, porque não se sentia como um menino.

Desenhar e fazer tricô e crochê era uma paixão. “Eu sentava com minha tia e amava fazer desenhos em ponto-cruz. Mas eu ouvia do meu pai que homem não fazia tricô. ‘Como assim, tá fazendo crochê?’” Na escola, lembra das professoras elogiando sua letra, mas em casa, ouvia que homem não deveria ter letra bonita. “A minha letra não era uma letra de homem, eu não andava como homem, eu não me sentava como homem. Na minha cabeça o sentimento era horrível, porque fui me dando conta de que não cabia em nenhum lugar. Tudo que eu fazia não servia.”

Dani era uma criança transgênero num momento histórico em que ninguém entendia o que isso significava, sequer o termo era usado. Ainda hoje, no Brasil – e na maioria dos países do mundo –, esse assunto gera polêmica. O crescimento da extrema direita na vida política do país aumentou a disseminação de preconceitos e discursos de ódio, principalmente contra crianças e adolescentes trans. No Brasil, em janeiro de 2023, uma reportagem do portal *G1*⁷, do grupo Globo, trazia como título “280 crianças e adolescentes trans fazem transição de gênero no HC da USP” e como subtítulo:

Cem adultos que se identificam como transgêneros também são acompanhados pelo ambulatório transdisciplinar do Hospital das Clínicas. Pessoas trans podem passar por intervenções médicas como bloqueio da puberdade, hormonização e cirurgia de redesignação sexual.

7 THOMAZ, Kleber. 280 crianças e adolescentes trans fazem transição de gênero no HC da USP. *G1*, 29 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/29/280-criancas-e-adolescentes-trans-fazem-transicao-de-genero-no-hc-da-usp-veja-videos-com-o-que-eles-contam-sobre-esse-processo.ghtml>. Acesso em: 2 jul. 2023.

As palavras: “crianças”, “adolescentes”, “intervenções médicas”, “cirurgia de redesignação sexual” foram suficientes para que políticos ultraconservadores, pastores e influenciadores digitais de extrema direita dessem início a uma campanha contra familiares e profissionais da equipe médica, acusando-os de manipular crianças e adolescentes. *Fake news* sobre crianças de quatro anos de idade submetidas a cirurgias e tratamentos hormonais viralizaram. Na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, a campanha de ódio resultou em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI).

A organização não governamental Minha Criança Trans (OMC-T)⁸ publicou, em 2023, um levantamento apontando a tramitação de 24 projetos de lei contra direitos fundamentais de acesso à saúde especializada em crianças e adolescentes trans. A principal organização atacada foi o Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (Amtigos), vinculado ao Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. A instituição foi criada em 2010, na cidade onde Dani nasceu e viveu a infância e adolescência, mas ela não teve acesso a atendimentos especializados.

Quando criança, ela tinha horror de ser vista como menino, de participar de brincadeiras e de estar em grupos só de meninos. As aulas de educação física eram uma tortura. “Eu digo para as pessoas que eu não tive o direito a uma infância e uma adolescência. Eu tive uma não infância e uma não adolescência.” Naquele tempo, a convivência com as crianças e o cotidiano dos estudos foram massacrantes

8 LEVANTAMENTO do Discurso de Ódio em ataque às Crianças e Adolescentes Trans e suas famílias. **Minha Criança Trans (OMCT)**, 2023. Disponível em: <https://minhacriancatrans.org/blog/publicacao/2216508/levantamento-do-discurso-de-dio-em-ataque-s-crian-as-e-adolescentes-trans-e-suas-fam-lias>. Acesso em: 2 jul. 2023.

em vários sentidos. “Eu tinha que fazer um esforço muito grande para poder caber naqueles lugares. Para caber dentro da escola.”

Contudo, ela percebeu cedo que estudar era também uma saída para não virar mais um número nas estatísticas. A certeza de ter de sobreviver àquele ambiente opressivo abarcava uma única oportunidade: “Eu coloquei na minha cabeça que precisava passar por aquilo para conseguir um diploma e ter uma profissão, para não terminar na prostituição.”

Uma história diferente

A importância dos estudos foi das poucas coisas que aprendeu com o pai. Ele dizia que a única forma de uma pessoa pobre conseguir um futuro melhor no Brasil era por meio da educação. Então, Dani se esforçava para sempre tirar as melhores notas da sala: entre nove e dez. “Isso foi o que me salvou.” Ela acredita que a maioria das mulheres trans que conhece sobrevivem da prostituição, tanto as que vivem no Brasil quanto as que migram para fora do país.

“Em todos os lugares que eu ia, escutava: ‘Ah! você é bichinha, boiola, viado, *bamby*’. Eu ouvi milhares de vezes meu pai falando: ‘Eu não criei filho para ser traveco’. Ele falava que eu ia terminar só e infeliz como todo o traveco termina”. Essa é uma das maiores dores que ela diz sentir ao lembrar da família, com quem não se relaciona mais. “Você não deve dizer isso para nenhum ser humano, sobretudo você não diz isso para uma criança.”

Depois de ouvir esse tipo de fala muitas vezes, o maior objetivo dela era terminar os estudos. Quando concluiu a oitava série, começou um curso técnico em processamento de dados, formação que foi fundamental para criar o *link* com a carreira profissional que seguiria. “Eu escolhi fazer informática porque, naquela época, quem

fazia informática ia virar o Bill Gates. Ia ficar milionário. Ia ganhar bilhões. Isso foi em 1996. Eu ia virar bilionária”, ela ri. “Mas tô aqui até hoje, batalhando para terminar o mês no azul.”

O setor de informática é realmente o que mais emprega hoje no Canadá, país para o qual Dani migrou. A história dela começou dentro de um ônibus em São Paulo, quando viu propagandas chamando estudantes a participar de uma seleção para um curso técnico. Ela não tinha computador, não tinha acesso à internet e jamais tinha ouvido falar de processamento de dados, mas foi pesquisar. Comprou uma revista de informática e foi conhecendo aquele universo que parecia mágico.

Aluna aplicada, conquistou uma vaga no ensino médio profissionalizante da Escola Técnica Estadual Camargo Aranha, que ficava a 30 quilômetros de sua casa e a mais de uma hora de transporte público. E aquela foi a melhor notícia do ano. Além da formação técnica, a escola oferecia cursos de idiomas. A partir dos 15 anos, estudou alemão, francês e espanhol, tudo ofertado pelo governo paulista. “Eu fiz esses cursos para recheiar meu currículo porque precisava não terminar a vida como prostituta.” Ela tinha a intuição de que os idiomas fariam a diferença na vida adulta e, realmente, os dois anos de francês viriam a ser essenciais no processo de migração dela.

A área de informática sempre foi eminentemente masculina. Dani começou a trabalhar com Tecnologia da Informação (TI) em 1998, no terceiro ano do ensino médio, durante o estágio obrigatório. Hoje, quando dá palestras em eventos de TI para mulheres, explica que o perfil de quem trabalha no setor são homens brancos, héteros e cis. “Quando você vai conversar com esses caras e pergunta por que eles trabalham em TI, 90% deles vão dizer que desde cedo jogavam videogame com o pai. Desde cedo, já mexiam com com-

putador e hoje trabalham com tecnologia, num caminho natural. O meu não!”. E reconhece: “A minha história foi sempre diferente”.

A formação em TI foi fundamental quando Dani começou a procurar formas de sair do Brasil por medo de ser assassinada depois da ameaça de morte. E o caminho da migração também foi diferente do percorrido pela maioria das mulheres trans, que vão para o Velho Continente. “Parece que a Europa é o paraíso. Só que você começa a conviver com pessoas trans que vivem lá e descobre que tem uma cafetina, que tem as agências de prostituição e fica sabendo que elas comem o pão que o diabo amassou. Com a diferença de que elas ganham em euro.”

O deslocamento entre Brasil e Europa é recorrente na bibliografia sobre a temática travesti, em que é abordada a diáspora de pessoas trans que vão se prostituir na Europa. “O fato de que o trabalho a ser exercido pelas travestis é majoritariamente a prostituição, coloca esse grupo em destaque na discussão da exploração sexual e do tráfico de pessoas, especialmente na cidade de Milão, na Itália” (Teixeira, 2008, p. 288). Em sua proposta de um feminismo decolonial, Françoise Vergès (2020) denuncia a ancoragem da Europa como o lugar do “verdadeiro” feminismo, mas que reafirma a hostilidade às pessoas migrantes e às pessoas trans (que, quando migrantes, vivenciam em camadas as marcas de desigualdades).

Fugir da violência do Brasil para viver violência, xenofobia, opressão e abuso policial é uma realidade para quem atravessa o oceano Atlântico. Entretanto, ter uma formação profissional e saber um idioma salvaram Dani desse destino. Porém, mesmo conhecendo os riscos, o desespero de tentar fugir da ameaça de morte a fez começar a busca por um país europeu. A opção inicial foi tentar ir para Portugal, porque o companheiro dela teria mais facilidade

de conseguir emprego lá em razão do idioma. O primeiro passo foi tentar apoio na empresa onde ela trabalhava, que tinha escritórios fora do Brasil. “Eu pedi a eles para me ajudarem a continuar viva.”

Ao estudar as leis de asilo político em países que recebiam pessoas ameaçadas de morte, Dani descobriu que teria que viajar até o país escolhido “com a cara e a coragem” e fazer o pedido de asilo no aeroporto, quando chegasse. “Pensei: eu vou chegar lá, com uma mão na frente outra atrás, vai que eles falam ‘não’... Eu não tenho família para onde voltar.” Nesse meio tempo, a empresa onde trabalhava informou que poderia oferecer uma transferência para o escritório de Madri. O processo seria demorado, mas era uma oportunidade real. No entanto, havia um receio: “Eu via notícias, em 2019, de que a Espanha tinha o maior nível de desemprego da Europa. Onde meu companheiro iria trabalhar?”

Ela entrava diariamente no *LinkedIn* em busca de oportunidades para o cargo de desenvolvedora, designação atual para quem trabalha com programação de dados. Foi quando encontrou diversas vagas no Canadá. “Estranhei porque muitas vagas pediam que a pessoa falasse francês. Eu não sabia, achava que se falava inglês. Daí que eu fui entrar na *Wikipedia* e descobri que o Canadá era bilíngue e que existia o Québec, de que nunca eu tinha ouvido falar!”

Uma das dez províncias do Canadá, Québec é a única onde a língua oficial é o francês. Tanto o governo federal quanto o governo provincial têm programas de recepção a migrantes com visto de trabalho. A penúria de mão de obra exige que o país procure atrair trabalhadores de outras nações do mundo para vagas em postos de saúde, serviços, indústria e educação, por exemplo. Desde 1976, o Canadá tem uma lei de imigração e, desde 2002, uma lei de proteção a imigração e refugiados.

Como Dani havia estudado francês no ensino médio, candidatou-se para vagas de empresas de Québec. “Sem nenhuma esperança. Morrendo de medo de ligarem pra mim e eu não saber falar porra nenhuma. Meu inglês era macarrônico e meu francês, de escola pública.” A primeira ligação veio e, claro, de surpresa. “Um dia eu estava no meu trabalho e recebi uma ligação de um número de telefone estranho. Na hora pensei: só pode ser cobrança. Era hora do almoço. Eu atendi e era em francês. A pessoa disse: ‘*Alô. C’est Danielá? Je veux parler à Danielá*’”. “Alô, é Daniela? Eu gostaria de falar com Daniela”, ouvia do outro lado do telefone. “Eu pensei: meu Deus e agora, o que eu falo? Primeira vez que eu recebo uma ligação em francês na vida.”

Dani foi para a cozinha do escritório para atender. Respondeu que sim: “*Oui, c’est Danielá*”. A pessoa do outro lado quis saber se a conversa poderia ser em inglês. “Lembro que ela perguntou como estava o tempo em São Paulo. Eu disse: ‘*It’s fine*’ [risos]. E então falei: ‘*Je ne parle pas l’anglais très bien, tu peux continuer en français*.’” Reconhecendo para a interlocutora que não falava inglês tão bem, sugeri que a conversa poderia ser em francês e ouviu que não haveria problema, porque esse seria o idioma a ser usado no trabalho.

Além de corajosa e determinada, Dani é estudiosa e inteligente. Com dois anos de francês, duas aulas por semana, conseguiu aprender a se comunicar no idioma. Aos 15 anos, ela amava o curso, adorava as músicas e admirava a professora. “Eu tinha uma ligação afetiva com o curso de francês. E quando eu vi vagas de trabalho para o meu perfil, pedindo as tecnologias com as quais eu já trabalhava, num lugar chamado Québec, mandei meu currículo.”

Acostumada aos processos de seleção de emprego no Brasil e aos preconceitos que viveu, a conversa com a recrutadora foi cheia de

surpresas. Primeiro, não houve perguntas sobre a vida pessoal. “No Brasil me perguntavam se eu era casada. E logo de cara, se eu tinha filhos. Outra pergunta clássica no Brasil é: quais são seus *hobbies*? O que isso interfere na sua competência, no seu trabalho?” A paciência da recrutadora também a surpreendeu. “Na entrevista, eu falei que nunca havia saído do Brasil, que tinha estudado francês, mas apenas por dois anos, havia muitos anos. E a pessoa foi falando bem devagar comigo, fazendo as perguntas. Eu lembro que eu disse algumas vezes: ‘*Vous pouvez repeter?*’”

Depois da conversa em francês e algumas perguntas repetidas pela funcionária da empresa canadense, Dani desligou o telefone tremendo, certa de que tinha cometido muitos erros por não ter conseguido conjugar verbos. “Mas pensei: valeu a experiência.” Logo em seguida, recebeu outra informação importante. “Nesse meio tempo, a empresa em que eu trabalhava me informou que tinha conseguido uma transferência para o escritório de Madri. E aí, eu que não tinha nada, comecei a ver a coisa aparecendo.”

Com as duas opções mais próximas, Dani pesquisou tudo sobre os países: as leis, o serviço de saúde, as ONGs e as associações para pessoas trans, os bairros, tudo.

Um dia, eu li uma notícia sobre a Parada do Orgulho LGBTI em Toronto e eu vi uma foto do Justin Trudeau, primeiro-ministro do Canadá, com seus dois filhos e a esposa Sophie Trudeau⁹. As crianças estavam com a bandeira trans pintada no rosto. Eu nem sabia que o Canadá era parlamentarista! Foi a primeira vez que eu vi Justin Trudeau na vida e ele estava com a família dele na Parada LGBTI.

9 TRUDEAU, Justin. **Perfil X**. Disponível em: <https://twitter.com/JustinTrudeau/status/879093265101926400?s=20>. Acesso em: 5 jul. 2023.

As fotos, de 2017, foram publicadas pelo primeiro-ministro no perfil dele em uma rede social. Dani descobriu, também, que o Parlamento canadense tem uma lei tornando crime discriminar pessoas em função de orientação sexual e identidade de gênero. A história das leis e direitos LGBTQIAPN+, aliás, tem Québec como protagonista. A lei que proíbe a discriminação baseada em orientação sexual na província foi aprovada em 1977, sendo a segunda do mundo. A primeira havia sido na Dinamarca. Mas antes, em 1967, Pierre Trudeau, pai de Justin Trudeau, que era ministro da Justiça, já havia apresentado um projeto de lei para reformar o Código Penal do Canadá. Ele queria aprovar a flexibilização das questões sociais e a não criminalização da homossexualidade, do aborto e do divórcio. Trudeau-pai dizia: “Não há lugar para o Estado nos quartos da nação”. A declaração está gravada em vídeo¹⁰.

Dani ficou animadíssima com o resultado da pesquisa sobre o Canadá e sobre o Québec. “Em um ano, a província de Québec investiu todo o valor que o Brasil havia investido em dez anos. Eu fiquei dez anos numa fila no Brasil esperando uma cirurgia.” Aqui as pessoas trans têm direito à cirurgia de redesignação de gênero a partir dos 16 anos, pelo sistema de saúde público, e o tempo médio de espera é de dois anos.

Mais desafios em francês

Os dias foram passando e, depois de algumas semanas, veio um novo e-mail do Québec, marcando uma entrevista técnica. “Eu tinha passado na primeira fase, mesmo pensando que não tinha falado

10 HARRIS; Kathleen. ‘Our collective shame’: Trudeau delivers historic apology to LGBT Canadians. **CBC**, 28 nov. 2017. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/politics/homosexual-offences-exunge-records-1.4422546>. Acesso em: 9 jul. 2023.

bem e que tinha errado tudo. Aí eu comecei a investigar como seria uma entrevista técnica. Entrei no *YouTube* pra saber como fazer isso em francês. Vi milhares de vídeos.” Enquanto isso, Dani não comentava nada com a empresa em que trabalhava porque queria continuar no processo de seleção do escritório na Espanha. Até dar certo um dos dois, não podia perder o emprego. E a vaga da Europa também implicava um processo grande, com entrevista com o diretor, em espanhol.

A entrevista técnica para a vaga do Canadá foi por *Skype*, e ela respondeu a várias questões sobre uma ferramenta com a qual trabalhava. A recrutadora falava por vídeo, fazendo perguntas, e Dani tinha que escolher entre as alternativas apresentadas qual era a resposta certa. O tempo era limitado, algo como dois minutos para cada resposta. “Era uma prova mesmo. Eu tinha de ficar olhando para o computador, com a câmera aberta e a avaliadora olhando para mim. Se fazer uma prova é algo que a gente já fica tensa, imagina em francês, com uma pessoa pedindo as respostas.” Quando terminou a prova técnica, Dani pensou que tinha sido reprovada.

Duas semanas se passaram e ela recebeu um novo e-mail dizendo que tinha sido aprovada em mais aquela etapa do processo. A próxima fase foi uma entrevista com o diretor do setor para explicar como era o trabalho. “Eu fiquei morrendo de medo porque seria mais uma entrevista em francês. Lembro que foi num dia de super calor em São Paulo. Quando terminou a entrevista, eu estava pesando cinco quilos a menos, do tanto que eu suava de nervoso e de calor.”

Em Québec, os processos de contratação são longos e demorados. Há várias etapas, muitos documentos e entrevistas. As pessoas têm aulas de preparação para procurar emprego, conteúdo que é aprendido por quebequenses na escola. Nos cursos profissionali-

zantes, na *francisação*, nas associações de apoio a imigrantes, há aulas para saber escrever os textos do currículo. Há expressões e verbos adequados a serem usados para cada ocupação e uma lista de palavras fornecidas pelo governo¹¹. Profissionais de Recursos Humanos avaliam se os verbos corretos para cada vaga são usados no currículo, na carta de motivação e na entrevista. Por exemplo, para o cargo de técnico de informática é preciso usar: atualizar, implantar, monitorar, reparar, instalar, fazer testes, controlar procedimentos, entre outros.

Dani foi, então, entrevistada por dois diretores. “Eles me bombardearam de perguntas. Eram perguntas sobre o que eu iria fazer em situações cotidianas do trabalho. Eu tinha de responder como eu resolveria alguns problemas específicos. Eles faziam uma pergunta explicando que a equipe teve um problema X-Y-Z e queriam saber o que eu faria para resolver.” Essa é uma das questões mais comuns nas entrevistas de emprego, a outra é pedir a você para apontar seus defeitos, o que é uma “pegadinha”. Nas aulas, aprende-se a transformar os defeitos em qualidades na hora de responder a essa questão.

Como nunca teve acesso a essa formação, Dani não sabia disso. “Enfim, quando terminou a entrevista, mais uma vez, eu achei que tinha sido péssima.” No entanto, uma semana depois, a recrutadora ligou e falou que ela havia sido aprovada e que a empresa iria começar o processo de imigração. Só nessa fase da seleção quiseram saber se ela era casada. “Ela nem perguntou sobre meu companheiro, ela perguntou da pessoa com quem eu era casada, não usou nem a palavra marido. Isso porque, quando a pessoa é casada, a empresa faz o

11 QUÉBEC. **Emploi:** Trouver un emploi, métiers et professions, programmes d'embauche, information sur le marché du travail. 2023. Disponível em: <https://www.quebec.ca/emploi>. Acesso em: 23 out. 2023.

processo de imigração também para o companheiro ou companheira e para a família.”

Nos processos de migração do Canadá, os cônjuges têm os mesmos direitos que a pessoa que recebe o visto de trabalho e também obtêm permissão para trabalhar. “Foi só nesse momento que ela perguntou alguma coisa da minha vida pessoal. Todo o processo seletivo tratou somente da minha vida profissional, isso significou muito.”

Dani tinha 18 anos de carreira no Brasil quando fez essa seleção. Ela lembra que sofreu transfobia em todas as empresas onde trabalhou. “Transfobia, discriminação, machismo. TI é uma área extremamente machista.” Fora do trabalho, ela diz ter vivido todo tipo de violência possível no Brasil. “Já escarraram na minha cara, já me bateram na rua. Eu fui expulsa de casa.” Ela conta que perdeu várias oportunidades de emprego. “Toda vez que eu falava que era uma mulher trans, a vaga a que eu concorria era cancelada, congelada, sumia.”

A transfobia é uma das certezas na vida das pessoas trans no Brasil e em outros países. Segundo Judith Butler (2019), existem os corpos que importam e os corpos considerados abjetos, numa relação de poder em que alguns começam a importar mais que outros. A partir do pensamento da autora, é possível traçar uma conexão entre a capacidade de sobrevivência e vulnerabilização desses corpos que são subjugados e abusados. As mulheres trans são assassinadas por terem corpos que não são considerados importantes e que não são aceitos pela sociedade, que é formada pela hegemonia heterossexual. Como explica Butler (2017, p. 62): “Por um reflexo cultural, lamentamos a perda de determinadas vidas e reagimos com frieza diante de outras mortes”.

Dani tem muitas histórias para referendar a teoria de que alguns corpos não são aceitos e sofrem violência apenas por existirem:

O Brasil é um país onde, enquanto pessoa trans, não há lugar pra você. Você se sente uma estrangeira dentro do seu próprio país porque essa é a forma como as pessoas lhe tratam. É como se você não fosse uma cidadã brasileira. E você não é de fato. Você é expulsa de todos os lugares.

Leitora atenta ao tema, Dani cita pesquisadoras enquanto fala comigo: “Berenice Bento tem uma fala que eu uso sempre que diz assim: ‘Se você não tem direito a ser reconhecida pelo Estado brasileiro enquanto mulher ou enquanto homem – no caso do homem trans –, o que você tem no Brasil é uma cidadania gambiarra’”. Fui ler o texto a que ela se referiu e vi que Bento observa a total ausência de uma legislação que assegure os direitos fundamentais às pessoas trans no Brasil. Diz a autora (Bento, 2014, p. 179):

As lutas por reconhecimento de mulheres, gays, lésbicas, transexuais, travestis, transgêneros, negros/as têm um ponto em comum: tiveram que disputar visões e projetos de humanidade. Qual corpo tem direito a adentrar na humanidade? Podemos notar que todas essas expressões identitárias se organizaram e disputaram visões de mundo em tensão com a ideia de que somos meros executores dos desígnios naturais. Os úteros, as vaginas, os hormônios, os XX e os XY, a cor da pele, o formato do nariz, os cabelos, os pênis desdobraram-se em lugares apropriados e naturalizados para seus/suas donos/donas. Ainda estamos em plena luta pela desnaturalização das identidades, o que, no caso das identidades trans, representa também a despatologização.

Para lutar é preciso estudar. E para ter mais uma ferramenta de defesa, Dani estudou a Constituição Federal. “Se você é trans no Brasil, você tem que ter a lei na ponta da língua, porque, em todos os lugares, você tem que judicializar, tem que reivindicar seus direitos”,

diz. Ela decorou a Lei 10.948/2001, sancionada pelo então governador Geraldo Alckmin, que determina que no estado de São Paulo as pessoas LGBTQIAPN+ tenham o direito de ser respeitadas. “Quando eu ia ao médico, tinha que me preparar psicologicamente. Eu sabia a lei do nome social de São Paulo na ponta da língua. Sabia que tinha de dar um *show* porque a atendente ia me chamar pelo nome masculino.”

Mesmo sabendo dos direitos que tinha, Dani viveu muitas histórias de transfobia no país onde nasceu. Quando fez uma cirurgia ortognática, que corrige os maxilares, por exemplo, a colocaram na ala masculina. Foram muitas dores. Outro momento de violência era sempre que precisava usar um banheiro. Problema que viveu durante todos os anos de escola. “Eu tenho incontinência urinária até hoje porque passei minha vida sem poder usar banheiro na escola.” Essa dificuldade, que deixou uma marca física e outra psicológica, a levou a organizar um protesto em um *shopping center* em São Paulo, em 2014, depois que uma mulher trans foi impedida de usar o banheiro feminino.

A manifestação, criada pelas redes sociais, tinha como nome “Me deixem fazer xixi em paz! Porque sou Mulher Trans e uso o banheiro feminino”. Dani já era apontada nas reportagens da época como ativista e militante da causa trans. Depois de caminhar pelo *shopping* e usar o banheiro feminino, as participantes marcharam pela Avenida Paulista¹². Em uma foto da reportagem, ela segura um cartaz onde está escrito: “Minha genitália não define meu gênero! Tenho o direito de usar o banheiro feminino!”

12 DIAS, Kimberly Luciana. Um dia para entrar na história da travestilidade e transexualidade no Brasil. *Mundo T-Girl*. 2014. Disponível em: <https://mundot-girl.blogspot.com/2014/01/travestis-e-transexuais-fazem-protesto.html>. Acesso em: 2 jul. 2023.

No país que Dani escolheu para migrar, o que não faltam são banheiros unissex. *Shopping centers*, restaurantes, praças de alimentação e museus têm banheiros que podem ser usados por qualquer pessoa. Mas no Brasil, praticamente todos os dias as redes sociais trazem denúncias de alguma mulher trans sendo impedida de usar um banheiro feminino.

Essa batalha ainda está longe de ter fim. Crianças, adolescentes, pessoas adultas e idosas trans no mundo ainda têm de lutar contra todo tipo de violência, e o banheiro é sempre um lugar de pânico.

Quando Canadá vira Canadó

Dani e o marido chegaram ao Canadá para morar em Sherbrooke, cidade a 230 quilômetros de Ville de Québec, capital da província. Já nas primeiras horas, sentiram o primeiro choque. O francês falado na região é muito diferente do que se aprende no Brasil. Compreender o sotaque quebequense é difícil, porque tem características próprias de pronúncia. Os sons e as expressões são diferentes em relação ao idioma considerado padrão, que é o de Paris. Quem chega pela primeira vez achando que entende francês, toma um susto!

Ela teve poucos dias para se acomodar e logo começou a trabalhar. “Na primeira semana, tinha um cara que trabalhava comigo que, quando abria a boca, eu não entendia porra nenhuma do que ele falava. Nada, nada. Zero! E eu precisava perguntar coisas para ele para fazer meu trabalho.” A estratégia usada para facilitar a comunicação era mandar as perguntas por *chat* para o colega responder. “Mas ele se levantava e vinha em minha direção. Eu pensava: ‘por favor, responda por *chat*’. Eu usava dicionário e tudo mais, mas era muito difícil. Eu jogava tudo no *Google Tradutor*, mesmo para falar ‘*Bonjour*’.”

A limitação do idioma é um entrave para todos nós que migramos. Outro ponto em comum, entre nossos desafios, é nos perguntarmos: “O que estamos fazendo aqui? Por que deixamos nosso país?”. Em momentos difíceis, esses são questionamentos muito intensos. Dani se fez essa pergunta logo no início: “As pessoas, vindo falar comigo, me dava um desespero enorme e eu pensava: onde eu fui me meter? Por que eu vim pra cá? Eu poderia ter ido para Espanha, o espanhol é mais próximo do português, eu ia entender melhor. Por que eu vim para o Canadá?”.

Nas reuniões, naquele começo, ela tentava parecer invisível. “Eu lembro que eu tive uma primeira reunião de equipe. Participaram migrantes que vieram de países francófonos como Camarões e os empregados *québécois*. Eu não entendia quase nada do que eles falavam. Eu ficava bem quietinha, pensando: ‘tomara que eles não me percebam aqui!’” Mas, é claro, que a nova funcionária brasileira não passava despercebida. “Uma hora, o meu gerente falou assim: ‘Nossa, Daniela, você tá muito quieta. O que você acha de tudo isso?’”. Batia o desespero porque falar era difícil, mas compreender o que eles falavam era mais difícil ainda.

O francês *québécois* não tem nada a ver com o idioma que a gente aprende no Brasil. Eu já não sabia muita coisa porque tinha estudado só por dois anos, havia mais de dez anos. Lembro de o gerente indo na minha mesa para falar o nome de um servidor que eu precisava acessar. Ele começou a soletrar ‘Ô’ eu escrevi ‘O’, mas na verdade ele estava falando a letra ‘A’. Aqui eles não falam Canadá, eles falam quase Canadá.

Realmente, os sons são diferentes. Eles mesmos dizem que falam como se estivessem com uma batata na boca. Segue Dani:

Eu ficava pensando que meu gerente devia me achar burra demais, já que eu não entendia nem as vogais. Todos os dias eu tinha certeza de que eles iam perceber que tinham contratado a pessoa errada. Eu ia para a empresa achando que eles iam me demitir, que ia cair a ficha de que não deveriam ter me contratado já que eu não sabia escrever uma vogal.

Um sentimento bastante comum entre as pessoas que migram com convite de trabalho é o constante receio de serem demitidas e devolvidas para o país de origem. Outro medo é a vergonha de serem ridicularizadas, de sofrerem xenofobia por não falarem bem o idioma. “Todas as vezes que eu cometia um erro, esperava pelas risadas da equipe. Eu tinha medo de falar, de abrir a minha boca e de tirarem sarro de mim.” Mas a boa surpresa é que isso nunca aconteceu. “Nunca, em nenhum momento, alguém riu porque eu falava errado.” E nas reuniões em que Dani participa há muitas pessoas falando com sotaques completamente diferentes. A multiculturalidade, aliás, é uma das melhores coisas de Montreal, a maior cidade de Québec e a segunda mais populosa do Canadá, onde Dani vive hoje.

A nação também é repleta de migrantes de todas as partes do mundo. As estatísticas¹³ apontam que 23% da população canadense, em 2023, é formada por pessoas não nascidas naquele país. O número total de migrantes, em 2021, era de 8,3 milhões de pessoas, sendo 51,5% vindos do continente asiático, 23,5% da Europa, 14,4%, das Américas e 9,8% do continente africano. Nas ruas de Montreal, a sensação é de convivermos com pessoas do planeta inteiro. Ouvimos inúmeros idiomas, vemos roupas das etnias mais variadas, sentimos múltiplos aro-

13 STATISTIQUES CANADA. **Statistiques sur l’immigration et la diversité ethnoculturelle.** 2023. Disponível em: https://www.statcan.gc.ca/fr/sujets-debut/immigration_et_diversite_ethnoculturelle. Acesso em: 2 jul. 2023.

mas e sabores e escutam músicas diferentes. Conviver com pessoas de nacionalidades tão distintas é algo realmente enriquecedor.

Dani, que vem de São Paulo, maior cidade brasileira e quarta mais populosa do mundo¹⁴, já vivia um pouco da multiculturalidade. Mas admite que essa experiência foi potencializada na terra para onde migrou:

[...] no Canadá, você vê gente loira, branca, preta, baixa, indígena... Uma multiplicidade de seres humanos vindos de todos os lugares do mundo. Eu trabalho com gente que é da Costa do Marfim, dos Camarões, do Québec. A minha gerente atual é da Colômbia e fala um francês macarrônico, com muito sotaque. Na hora em que ela abre a boca, você já vê, de cara, que ela vem de um país hispânico. Em quantos outros países isso seria possível?

Para as pessoas transgênero, viver no Brasil é viver chamando a atenção por onde passam. “No Brasil parece que eu tinha um letreiro na testa. Quando você diz que é trans ou quando alguém descobre, automaticamente, você vira alvo para as pessoas lhe atacarem. Então, você é discriminada em todos os lugares.” A boa surpresa para ela é que no Canadá, no meio da multidão de pessoas diferentes umas das outras, ela é tratada como qualquer uma, apenas como uma mulher. “Seja no trabalho, seja no comércio, sempre me tratam como Daniela, como *madame*. Aqui eu sou ‘*ma-da-me*’, não sou pouca coisa não”, diverte-se.

Além de ser madame, outra grata surpresa: “Ninguém me tratou por um nome diferente de Daniela, sempre no feminino. Em Québec, em nenhum momento eu sofri qualquer espécie de discriminação”.

14 WORLD POPULATIONS REVIEW. 2023. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/world-cities>. Acesso em: 6 jul. 2023.

Mesmo trabalhando com consultoria, em nenhum dos dois empregos que já teve no Canadá foi tratada com preconceito por colegas ou pelos clientes que atende. Apesar de nunca ter sido agredida no novo país, o medo herdado do Brasil ainda dá sinais. “Quando eu tinha de trabalhar presencialmente antes de 2019, eu ia para a empresa todos os dias achando que ia chegar o momento em que alguém ia soltar alguma pérola transfóbica, iria fazer piada, iria ficar me medindo.”

Todos os dias, ela se preparava para o pior. Mas hoje, sente-se mais aliviada, segura:

Infelizmente, eu não tô dizendo que não vai acontecer, não sei o dia de amanhã, mas eu não posso mentir: aqui nada disso aconteceu comigo. Eu falei para a psicoterapeuta: então, isso significa viver? Então é assim que as pessoas cisgênero vivem? Sem ter que se preocupar?

O atendimento à saúde a tem surpreendido também. Ela tem sido tratada com respeito e dignidade sempre que vai à uma clínica ou hospital. Enquanto tinha ficado dez anos esperando por uma cirurgia no Brasil, no Canadá ela já refez procedimentos cirúrgicos e conseguiu atendimento rápido e gratuito pelo sistema de saúde público. O acompanhamento endocrinológico também funciona.

No entanto, a vida das pessoas LGBTQIAPN+ não foi sempre assim no Canadá. A tranquilidade de hoje foi precedida de momentos difíceis. Na história dessa população no país – e em Québec – também houve perseguição, prisões, violência institucionalizada e direitos cassados. Depois de vencer uma guerra contra os franceses, o Canadá foi colonizado pela Grã-Bretanha e, como em todos os países colonizados pela Inglaterra, a homossexualidade foi criminalizada no país. E a perseguição era pesada.

Em 1968, a polícia de Montreal tinha uma lista de 12 mil pessoas classificadas como homossexuais (Pabion, 2016). Para estar na lista, bastava a pessoa ser vista em um bar considerado *gay* ou conviver próximo a alguém do mesmo sexo. A última pessoa a ser presa por ser homossexual foi Everett Klippert, em 1965, que foi condenado à prisão perpétua. Todavia, como em 1969 foi aprovada por Pierre Trudeau, pai do atual primeiro-ministro, a lei da descriminalização, Klippert ganhou liberdade em 1971.

Mas a mudança na lei não reduziu imediatamente o preconceito. Os anos 1970 foram marcados pela criação de organismos que lutaram contra a discriminação. A prisão de dezenas de pessoas em saunas e bares *gays* marcaram a violência policial. Entretanto, manifestações e marchas mobilizaram a opinião pública, com amparo da imprensa, que, no final dos anos 1970, começou a apoiar a comunidade e a questionar as ações da polícia (Pabion, 2016).

A perseguição aos LGBTQIAPN+, ainda assim, não ficou no passado. Em 2022, na cidade de Alma, a 470 quilômetros de Montreal, uma adolescente trans de 15 anos foi vítima de intimidação, assédio e agressões físicas dentro da escola onde estudava. Depois de denunciar o caso, que foi publicado em diversos veículos de imprensa, os pais decidiram trocar a menina de escola, já que não houve nenhum tipo de intervenção ou apoio para proteger a garota. Um abaixo-assinado com 40 signatários¹⁵ foi criado em apoio à menina para exigir que os protocolos de proteção aos direitos LGBTQIAPN+ passem a ser amplamente discutidos nas escolas.

Apesar de casos de preconceito como esse, a posição política do atual primeiro-ministro é outra. E isso tem feito a diferença. Justin

15 TRANSPHOBIE: j'avais peur d'aller à l'école. TVA, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://www.tvanouvelles.ca/2022/11/11/transphobie-javais-peur-daller-a-lecole-1>. Acesso em: 11 jul. 2023.

Trudeau pediu perdão a essa população no Parlamento canadense, em 2017. “Ele chorou, eu vi e me emocionei. Ele pediu desculpas pela forma como o Canadá, nas décadas de 1960 e 1970, tratava a população”, relata Dani. Além do pedido de perdão, o governo destinou 145 milhões de dólares para serem investidos na compensação a pessoas perseguidas e na reconciliação histórica, educação e preservação da memória (CBC, 2017)¹⁶.

No Brasil há também um aumento expressivo do número de organismos e associações que militam pelos direitos de pessoas trans, e podemos celebrar algumas vitórias. Erika Hilton é um exemplo. Ela foi a vereadora mais votada da história do país, para a Câmara Municipal de São Paulo em 2020 e, em 2022, foi eleita a primeira travesti negra deputada federal. Outro exemplo é Duda Salabert, mulher trans eleita em 2020 como a vereadora mais votada de Belo Horizonte e que, desde 2022, ocupa uma vaga como deputada federal. E, ainda, Linda Brasil, a vereadora mais votada de Aracaju, em 2020, e eleita, em 2022, a primeira deputada estadual trans de Sergipe.

Na cultura também podemos celebrar as carreiras brilhantes de mulheres como a cantora Liniker, primeira artista trans brasileira a ganhar um *Grammy Latino*, em 2022. Mas nem tudo no país é um mar de rosas e, às vezes, a transfobia dá sinais. Em 2023, a artista usou as redes sociais para dizer que não havia sido convidada para a cerimônia de premiação do Grande Prêmio de Cinema Brasileiro. Ela tinha sido a protagonista da série audiovisual *Manhãs de Setembro*, vencedora do prêmio de melhor série de ficção, mas não esteve no evento para subir ao palco na hora da premiação.

16 NO Place for the State in the Bedrooms of the Nation. CBC, 2018. Disponível em: <https://www.cbc.ca/archives/no-place-for-the-state-in-the-bedrooms-of-the-nation-1.4681298>. Acesso em: 5 jul. 2023.

Se o Brasil precisa melhorar no reconhecimento de pessoas trans, o Canadá também tem muito trabalho pela frente. “Não é que quando a gente fala do Canadá parece que a gente vive no paraíso. Não!”, diz Dani. Para ela, a diferença está no esforço do governo e de boa parte da população para que as pessoas trans sejam incluídas na sociedade.

Na condição de migrante, ela também compreende que o Canadá depende de pessoas vindas de outros países para manter a economia. “Eu estou aqui, mas não estou de graça. Eu estou contribuindo para o fisco canadense, contribuindo para que eles se aposentem. A gente, como imigrante, rala um dobrado aqui! Não é de graça que a gente está aqui.” Se o país vive uma necessidade evidente de migrantes para compor a massa de trabalho, no Québec a urgência é ainda maior. Dani observa:

Eles estão desesperados atrás de mão de obra imigrante, que é mais barata. É mais fácil o imigrante aceitar várias coisas de emprego do que alguém daqui possivelmente aceitaria. E eles não têm escapatória, porque a população está envelhecendo, eles não estão fazendo filhos e eles precisam de nós. Não é como se eles estivessem nos fazendo um enorme favor. É uma troca.

Mais uma vez, ela sabe o que está dizendo. Em março de 2023, havia 208 mil vagas de trabalho não preenchidas em Québec, segundo o Statistiques Canada¹⁷.

Bonjour, Hi!

Apesar de o Canadá se dizer bilíngue, o inglês é o idioma da maioria absoluta das províncias. Além de Québec, onde o francês

17 STATISTIQUE CANADA. **Statistiques sur l'immigration et la diversité ethnoculturelle**. 2023. Disponível em: https://www.statcan.gc.ca/fr/sujets-debut/immigration_et_diversite_ethnoculturelle. Acesso em: 2 jul. 2023.

é a língua oficial, em Nouveau-Brunswick os dois idiomas têm esse *status*. Segundo o último censo¹⁸, 69% da população canadense falam somente inglês, 11,02% se expressam apenas em francês e 18% falam ambas as línguas. Em Québec, 47,3% falam apenas francês, 46,4%, francês e inglês, e 5,3% se expressam apenas inglês.

Por conta desses números, existe no país receio de que o francês seja abandonado pelos falantes. Em Montreal, a presença do inglês é muito forte. A maioria dos comércios e serviços atendem à clientela com a expressão: “*Bonjour, Hi!*”, que significa que a pessoa será atendida tanto em francês quanto em inglês. Mas uma coisa é certa: os migrantes que vivem no Québec ajudam a manter o idioma francês vivo, seja por vontade própria ou porque são obrigados a saber a língua para receber o visto de trabalho e a residência permanente.

Quando nós, migrantes, chegamos ao Québec, recebemos apoio do governo provincial para falar o francês canadense. Com visto de trabalho, podemos estudar de graça e receber um auxílio em dólares. São os chamados cursos de *francisação*. Em julho de 2023, quem estudava francês de segunda-feira a sexta-feira, das 8h30 às 15h30, recebia uma ajuda de 920 dólares por mês. O processo para conseguir uma vaga é demorado, pode levar vários meses, mas é um esforço da província de integrar a comunidade migrante.

Como eu já havia estudado francês por um ano no Brasil, acabei entrando numa turma de *francisação* de nível intermediário. Na minha sala, éramos pessoas de 13 nações diferentes. Além das duas professoras, naturais de Québec, éramos 20 migrantes de 12 países: Brasil, México, Ucrânia, Coreia do Sul, Rússia, Afeganistão, Venezuela, Austrália, Síria, Colômbia, Vietnã e Polônia. Até hoje lembro

¹⁸ *Idem*.

com carinho da minha colega afegã que me chamava de “Cendera” nas mensagens de *WhatsApp*. Esse é o som que fazia sentido para ela quando se referia à Sandra. Conviver com tantas culturas diferentes nos faz ter certeza de como nosso mundo é minúsculo.

Eu falo sempre para os meus filhos que morar fora, para nós, é um privilégio. No Canadá, vivemos em um país seguro para adolescentes. Temos uma boa estrutura de saúde e educação, financiada pelo governo. Temos acesso a programas que ajudam migrantes, inclusive financeiramente. Mas o mais interessante é mesmo a multiculturalidade. Eu venho de Curitiba, Sul do Brasil, uma cidade formada por migrantes europeus, asiáticos e africanos, além da população originária indígena (historicamente assassinada, em sua maioria), mas que é considerada a “Europa brasileira”. Na antiga escola dos meus filhos, praticamente só havia crianças brancas e de classe média.

No Canadá, os meus dois filhos adolescentes convivem com pessoas de vários países, sendo que pouco mais de 50% das alunas e alunos são migrantes. Eles têm amigos da África, da América Latina, da Ásia e do Oriente Médio. Convivem, também, com quebequeses, e é possível afirmar que há sempre algum nível de xenofobia nas relações, apesar do esforço do corpo docente, da coordenação e da direção da escola para que isso seja superado.

Dani acredita que Québec é a província mais progressista do Canadá e tem uma explicação para isso. “Québec é uma ilha que fala francês num mar de mais de 300 milhões de pessoas falando inglês. Então, eles se sentem acuados.” Talvez, por isso, essa população entenda como é se sentir estrangeiro dentro de seu próprio país e acolha melhor as diferenças e as diversidades. Ela se sente em casa, como nunca. “Eu me sentia mais estrangeira no Brasil do que aqui, no Canadá. Aqui sou só mais uma mulher na multidão.”

Referências

BENTO, Berenice. Nome Social para Pessoas Trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Contemporânea**: Revista de Sociologia da UFSCar, 2014. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197/101>. Acesso em: 4 jul. 2023.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**. Quando a vida é passível de luto? Tradução Sérgio Lamarão, Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos que Importam**: os limites discursivos do sexo. Tradução Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: N1 Edições, 2019.

PABION, Laurie. Le Processus de Construction de l'Identité Collective du Mouvement Queer Montrealais: perspectives militantes francophones. **Maîtrise en Science Politique**, Université de Montréal, 2016. Disponível em: https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/bitstream/handle/1866/14007/Pabion_Laurie_2016_memoire.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 9 jul. 2023.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. **Cadernos Pagu** 31, dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gVcSRTFhvN-WTmMwLCBRDchg/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

VERGÈS, Françoise. **Um Feminismo Decolonial**. Tradução Jamille Pinheiro Dias, Raquel Camargo. São Paulo: UBU Editora, 2020.

Considerações finais

Nó na garganta

As autoras, os autores

Seis regiões continentais¹, cerca de 200 países e mais de sete mil idiomas. É até difícil imaginar a imensidão de tudo isso, mas esses são caminhos a serem percorridos, línguas a serem faladas, riscos a serem corridos. Mais complexa do que qualquer oposição entre ir e voltar, ganhar e perder, partir e ficar, a migração é uma experiência e tanto. Ela é, afinal, do tamanho do mundo, mesmo que haja controles, passaportes e vistos. Ainda que haja fronteiras.

Parece contraditório, mas é nessa experiência que transborda liberdade que se sente – desde a cor da pele até a nacionalidade do passaporte –, que fronteiras delimitam mais que países. Elas se impõem entre povos, cidadãos e direitos. Talvez seja por isso que as histórias sobre migrantes causem sempre a impressão de serem

1 Não há consenso em relação a quantos continentes existem no mundo. Nas diferentes linhas de estudos geográficos, o número varia entre quatro e sete. Utilizamos aqui, no entanto, a validação da ONU, que reconhece seis regiões continentais.

contadas como se seus personagens estivessem caminhando em uma corda bamba, onde há possibilidade de ir em frente, mas a queda pode acontecer no passo seguinte.

Viver em outro país envolve tantas nuances que não há obra que possa abarcar todas as histórias e personagens – assim como os que aparecem neste livro – de quem não se possa esperar “senões”, uma espécie de nó na garganta, a busca de uma pausa para explicar melhor um pensamento, reconsiderar o que foi dito ou desdizer alguma coisa. A nossa experiência pessoal, autores das linhas que você acabou de ler, bem como o nosso convívio com outros migrantes e seus relatos, também estão repletos de “senões” compartilhados.

Migrar é desafiador porque nos tira do lugar, nos tira o lugar. Mexe também com quem ficou na terra de partida e com quem vive na terra de chegada, e essas mexidas não nos passam despercebidas. As dúvidas e as provocações ganham quase o tamanho do mundo. Observar as engrenagens geopolíticas a partir dessa perspectiva tem reforçado o nosso interesse pela migração como matéria de estudo e produção jornalística desde que chegamos ao país onde vivemos hoje. Talvez um pouco antes de chegar ou um pouco depois disso, mas o fato é que a experiência migratória atçou a empatia de cada um de nós para o assunto, impulsionando-nos a contar suas histórias e apresentar seus personagens. Desafiando-nos a entender nossas próprias histórias e a nós mesmos como personagens.

Linha do Equador

Ao engrossar as populações migrantes que vivem no Norte global, nós, latino-americanos, aprendemos duas coisas importantes. Primeiro, como o outono e o inverno do lado de cima da linha do Equador são mais rigorosos, descobrimos a importância de aproveitar cada raio

do Sol, desde os dias em que ele está mais brando, na primavera, até o exaustivo calor do verão. Em segundo lugar, aprendemos uma lição mais dura: nos damos conta que estamos nos domínios de povos que nos colonizaram e cujas estratégias imperialistas nos subordinam até hoje. E isso não é pouca coisa, porque, nesse cenário, conflitos às vezes imperceptíveis em nossas terras latinas ficam mais evidentes, em alguns momentos escamoteados em estereótipos, em outros, explicitados em frases xenófobas.

Embora repleta de fatores de atração, como suas economias e segurança pública, as nações desenvolvidas da Europa, o Canadá e os Estados Unidos nem sempre estão de braços abertos para os migrantes latino-americanos. Ainda que normalmente haja algum acolhimento e gente disposta a ajudar, construir a vida nesses países pode ser um percurso cheio de percalços, a começar pelas políticas migratórias quase sempre tergiversantes, onde o estrangeiro do Sul global é muitas vezes um cidadão de segunda classe.

Migrar não é fácil, nem mesmo na condição de refúgio, quando sobreviver a guerras e genocídios, por exemplo, são fatores de repulsão mais relevantes do que a instabilidade política e econômica que ronda muitas nações. Em qualquer que seja o caso, no entanto, migrar pode ser uma boa experiência por uma fase da vida ou um bom caminho para uma vida inteira quando consolidada com base em informação. Exatamente por isso, neste livro, optamos por contar as histórias que você acabou de ler, longe de enredos glamorosos de parte da imprensa hegemônica ou de narrativas, às vezes carregadas de superficialidade e impressões individuais, que povoam plataformas *online* e redes sociais.

Sem nos desconectar da nossa terra, ainda que estando em outra, seguimos comprometidos em pautar a migração internacional lati-

no-americana para além de uma mudança geográfica e destacando os desafios envolvidos nesse processo. Em algum país do mundo, cada um de nós, autoras e autores, segue nos redemoinhos, *remolinos* que assustam e encantam, equilibrando profissões e ambições, saúde e liberdade, lutas e conquistas.

Sobre as autoras e os autores

Adriana Navarro Manfredini mora desde 2017 em Seattle, nos Estados Unidos, onde trabalha como consultora de mobilidade global, ajudando migrantes recém-chegados a se estabelecer na nova comunidade. Em paralelo, atua como pesquisadora nas áreas de tradução, jornalismo de migração e gastronomia. Antes de migrar, trabalhou por 20 anos como jornalista em São Paulo e Brasília, em redações de revistas e assessoria de imprensa. Natural de Votorantim, no estado de São Paulo, no Brasil, é mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com pós-graduação *lato sensu* em escrita criativa.

Mais sobre a autora:

<https://www.linkedin.com/in/adriana-manfredini-0b750347/>

Clavel Rangel Jiménez é uma jornalista venezuelana nascida em Caracas, mas criada em Ciudad Guayana, na Amazônia venezuelana. Durante dez anos, cobriu o movimento sindical venezuelano, as pequenas empresas e a corrupção no país. Seu trabalho nos últimos tempos tem se concentrado na emergência humanitária na Venezuela e na consequente crise migratória. Desde 2020, vive em Miami, nos Estados Unidos, onde cobre a comunidade latina. Ela tem conciliado sua prática profissional com o ensino do jornalismo. É uma das fundadoras da Rede de Jornalistas da Amazônia Venezuelana, projeto criado em 2022 para expandir a cobertura jornalística da região amazônica. Ganhou o Prêmio Roche (2018), o Prêmio SIP de excelência jornalística (2020) e recebeu uma menção honrosa no Prêmio IPYS (2020).

Mais sobre a autora:

<https://clavelrangel.journoportfolio.com/>

Daniel Ladeira de Araújo é natural da cidade de São Paulo, no Brasil. Chegou a Portugal alguns dias antes do início da pandemia da Covid-19, com muitas malas, a esposa e a filha, então com três anos. Vive na cidade de Braga, no norte do país, desde 2020, onde leciona em universidades públicas e privadas, estuda Psicanálise e procura aproveitar ao máximo a experiência transformadora e radical de viver no exterior. Jornalista de formação, com atuação como executivo na área de negócios em grandes empresas, mergulhou no universo acadêmico com o mestrado em Comunicação e o doutorado pelo Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo.

Mais sobre o autor:

<https://www.linkedin.com/in/daniel-ladeira-4151b1157/>

Enio Moraes Júnior é natural de Penedo, no estado de Alagoas, Brasil. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, é pesquisador das áreas de educação, direitos humanos e jornalismo. Depois de viver em Aracaju, Maceió e São Paulo, onde consolidou uma carreira de mais de 20 anos como professor universitário, desde 2017 mora em Berlim. Na capital alemã, divide seu tempo entre o trabalho como assistente de pessoas com deficiência, pesquisas e reportagens na área do jornalismo de migração. É autor da série de perfis *Cidadãos Lusófonos em Berlim*, publicada no portal Berlinda, na Alemanha, e da série de entrevistas *Jornalismo no Mundo*, em parceria com o Grupo de Estudos de Jornalismo Alternativo e Popular (Alterjor), da Universidade de São Paulo, publicado no Observatório da Imprensa, no Brasil.

Mais sobre o autor:

<https://enioonline.wordpress.com/>

Liliana Tinoco Bäckert vive desde 2005 na Suíça, com o marido alemão e dois filhos adolescentes. Jornalista de formação no Brasil, com passagem por redação e assessoria de imprensa, a carioca precisou mudar o foco profissional ao se tornar imigrante e hoje trabalha com integração de estrangeiros em um escritório do governo suíço. O choque cultural da diáspora a levou ao mestrado em Comunicação Intercultural pela Universidade de Lugano. Como jornalista de migração, foi colunista do portal de notícias suíço *Swissinfo.ch* e da rádio *CBN*, do Brasil, em rede nacional. Em 2020, lançou o livro *Amores Internacionais: casei com um estrangeiro, e agora?*, sobre os desafios da adaptação de brasileiras casadas à vida no exterior.

Mais sobre a autora:

<https://www.linkedin.com/in/liliana-tinoco-b%C3%A4ckert-91530792/?originalSubdomain=ch>

Renato Essenfelder é jornalista, cronista, escritor e professor universitário com pós-doutorado em Comunicação e Artes na Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal) e doutorado em Comunicação pela Universidade de São Paulo. Brasileiro natural de Curitiba, no Paraná, reside na cidade do Porto, em Portugal, desde 2019, onde leciona e coordena o doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa. Jornalista de formação e cinéfilo entusiasmado, atua há mais de 20 anos em jornais brasileiros, reportando histórias nas áreas de cultura, economia e comportamento.

Mais sobre o autor:

<https://www.linkedin.com/in/renato-essenfelder-ba795b176/>

Sandra Beltrán Baeza é uma jornalista chilena nascida em Santiago. Filha de exilado político, viveu no Brasil a sua primeira experiência como migrante e iniciou sua carreira como jornalista na área cultural. Posteriormente, mudou-se para a Europa, onde realizou doutorado em Comunicação na Espanha, seu segundo país de adoção. Passou longas temporadas na Inglaterra e morou sete anos na França, onde fez mestrado em Comunicação e trabalhou para o Institut National de l'Audiovisuel e os Rencontres du Cinéma Latinoaméricain. De volta à Espanha, trabalhou com produção audiovisual e assessoria de imprensa cultural até 2008, quando criou sua própria agência. Em 2012 voltou ao Brasil e atuou como coordenadora de comunicação do Ministério da Cultura. Hoje vive em Navarra, na Espanha, e trabalha como assessora *freelancer* na área cultural.

Mais sobre a autora:

<https://www.linkedin.com/in/sandrabeltr%C3%A1n-comunicaci%C3%B3nymarketing/>

Sandra Nodari vive em Québec, no Canadá, com o companheiro e os dois filhos adolescentes, onde realiza pesquisa de pós-doutorado. Doutora em Comunicação e em Ciências da Informação, se interessa pela presença e visibilização de mulheres pelo jornalismo a partir de estudos feministas e de gênero. É membra de grupos de pesquisa no Brasil, no Canadá e na Europa. Por 20 anos, foi professora universitária em Curitiba, no Sul do Brasil, onde nasceu. Trabalhou como repórter, apresentadora e editora em emissoras de rádio e televisão brasileiras durante 26 anos e hoje atua como *freelancer*. É pesquisadora e roteirista no cinema documentário desde 2004 e apresenta o *Clitcast*, um podcast sobre a sexualidade feminina. É voluntária em coletivos e organismos que ajudam mulheres e crianças trans.

Mais sobre a autora:

<https://www.linkedin.com/in/sandranodari/?originalSubdomain=ca>

Título Remolinos
Subtítulo Histórias de migrantes latino-americanos na
Europa, nos Estados Unidos e no Canadá

Formato impresso 16x23cm
Formato digital eBook PDF 144ppi
Tipografia textos Minion Pro
Tipografia títulos Minion Pro
Diagramação Israel Dias de Oliveira

Editora Casa Flutuante
Rua da Mooca, 336 - São Paulo - SP
Fone: (11) 95497-4044
www.editoraflutuante.com.br